ESTADO DE MINAS

www.em.com.br

BELO HORIZONTE, SEXTA-FEIRA, 3 DE MARÇO DE 2023

● MG: R$ 2,50 ● NÚMERO 29.332 ● FECHAMENTO DA EDIÇÃO: 23H30

AINDA ENXERGAR A FLORESTA

EDIÇÃO ESPECIAL DO *PENSAR* MOSTRA AS CONSEQUÊNCIAS DA DEGRADAÇÃO AMBIENTAL NA AMAZÔNIA E APONTA UM CAMINHO PARA RECUPERAÇÃO DO BIOMA

"Está na hora de o Brasil cumprir o seu papel no mundo: ser o país que oferece as soluções, baseadas na natureza, para os problemas das mudanças climáticas. Tudo ainda está em jogo, mas a encruzilhada é agora." O alerta é do documentarista João Moreira Salles, que lança livro resultante de viagens que fez pela Amazônia paraense para registrar a degradação ambiental do bioma. "A colonização indiferente permite que a Amazônia seja destruída com menos ônus moral. É mais fácil destruir aquilo que não está investido de afeto ou conhecimento", ressalta. Além de entrevista com o autor de "Arrabalde", edição especial do "Pensar" traz entrevistas com os pesquisadores Beto Veríssimo e Juliano Assunção, coordenadores do projeto Amazônia 2030. Eles fazem um diagnóstico desalentador da situação atual e apontam caminhos para recuperação das áreas degradadas da floresta. Ainda nesta edição, resenha do novo livro de Davi Kopenawa, autor de "A queda do céu".

PENSAR

QUINHO

MORTE EM BH EXPÕE ESCALADA DO FEMINICÍDIO

Polícia investiga marido como autor de atropelamento fatal. Crimes do tipo avaçaram 57% em Minas

O atropelamento fatal de uma mulher de 39 anos em um posto de combustíveis de Belo Horizonte, que tem como principal suspeito o marido da vítima, chama a atenção para um tipo de violência que vem registrando escalada preocupante em Minas. A morte ocorrida ontem na capital é tratada pela polícia como feminicídio, crime que apenas em janeiro deste ano tirou a vida de 11 mulheres no estado – um aumento de 57% em relação a período equivalente do ano passado. No mesmo mês, outras 14 sobreviveram a tentativas de assassinato praticadas principalmente por homens com quem se relacionavam ou por ex-companheiros, elevação de quase 15%. Os dados mineiros relativos às primeiras semanas deste ano, assim como crimes recentes praticados no estado refletem uma tendência constatada também em pesquisa divulgada ontem pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Segundo o levantamento, mais de 30% das brasileiras com 16 anos ou mais sofreram algum tipo de violência praticada por parceiros ou ex durante o ano passado. O estudo aponta também que todas as modalidades de ataques sofridas por mulheres tiveram aumento ao longo de 2022. No caso ocorrido ontem em BH, em que a vítima foi morta diante da filha, o suspeito fugiu depois do atropelamento. PÁGINA 11

COMBUSTÍVEIS

LULA ATACA DIVIDENDOS PAGOS PELA PETROBRAS

Em meio à alta dos combustíveis com a volta da tributação federal e ao anúncio da Petrobras de lucro recorde e da distribuição de R$ 215 bi a acionistas, o presidente Lula atacou a política de investimentos da petroleira durante lançamento do novo Bolsa Família. Formação de preços é o alvo. PÁGINA 4

Genialidade silenciada

O mundo da música se despede do saxofonista Wayne Shorter ***(foto)***. Lenda do jazz e parceiro musical determinante na carreira de Milton Nascimento, o astro norte-americano morreu ontem, aos 89 anos. CAPA

ABDELHAK SENNA / AFP

GLADYSTON RODRIGUES/EM/D.A PRESS

O aeroporto da Pampulha ***(foto)*** completa hoje nove décadas em um cenário de incertezas. O terminal, que já foi o principal de BH, perdeu espaço e turbinar novamente seu movimento divide opiniões. PÁGINA 8

BALANÇO DE 2022

PIB CRESCE 2,9%. PRESIDENTE VÊ ECONOMIA ESTAGNADA

PÁGINA 3

SAÚDE

INCIDÊNCIA DE COVID-19 EM BH DISPARA APÓS CARNAVAL

PÁGINA 9

LIBERTADORES

MILLONARIOS, DA COLÔMBIA, SERÁ ADVERSÁRIO DO GALO

SUPERESPORTES, PÁGINA 14

ISSN 1809-9874

POLÍTICA

BAPTISTA CHAGAS DE ALMEIDA

> A Medida Provisória (MP) do novo Bolsa Família entrará em vigor ao ser publicada no "Diário Oficial da União". Ela terá de ser aprovada em até 120 dias pelo Congresso Nacional"

>>baptistaalmeida.mg@diariosassociados.com.br

Lula dobrou a Petrobras e tem ainda a Bolsa Família

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) disse, ontem, que a Petrobras resolveu agraciar acionistas minoritários com a distribuição de dividendos, em vez de investir na indústria do país.

A declaração se referia à Petrobras, que, ao contrário de investir, resolveu agraciar os acionistas minoritários com R$ 215 bilhões, tendo um livro de R$ 195 bilhões. E quanto foi o investimento da Petrobras? Quase nada.

Durante a campanha, o então candidato do PT já prometia rever a política de preços da Petrobras (PPI). As críticas de Lula neste momento ocorrem na esteira da discussão sobre tributação de combustíveis.

"Vamos colocar nossos melhores quadros à disposição do Ministério das Minas e Energia para encontrar alternativas para que não pesem no bolso do consumidor as eventuais variações de preços internacionais que penalizaram muito o consumidor no último governo", declarou o ministro da Fazenda, Fernando Haddad.

De volta ao Lula, a medida provisória que institui o novo Bolsa Família teve cerimônia elegante já que foi no Palácio do Planalto. E ele, como não poderia deixar de ser, pediu no discurso com fervor a fiscalização contra as fraudes.

A Medida Provisória (MP) do novo Bolsa Família entrará em vigor ao ser publicada no "Diário Oficial da União". Mas, como sempre teve um porém. Ela terá de ser aprovada em até 120 dias pelo Congresso Nacional. Caso não seja aprovada, o programa instituído pela MP deixa de existir.

O programa social atende famílias com renda per capita classificada como situação de pobreza ou de extrema pobreza. A nova legislação permite acesso ao Bolsa Família a famílias com renda de até R$ 218 por pessoa. O impacto do novo programa em 2023 será de menos de R$ 175 bilhões no Orçamento da União.

"Esse é o primeiro prato de sopa, de feijão, o primeiro copo de leite, o primeiro pão, o primeiro pedaço de carne. Junto com isso tem que vir a política de crescimento econômico, de geração de emprego e de transferência de renda através do salário, que é o que importa para o trabalhador", finalizou o presidente Lula.

SERGIO LIMA/AFP

Decreto legislativo

O deputado federal Kim Kataguiri (União–SP) **(Foto)** apresentou um projeto de decreto legislativo, ontem, para impedir a transferência da Agência Brasileira de Inteligência ao Ministério da Casa Civil. Kataguiri alegou nas redes sociais que a Casa Civil "é a pasta mais política de todas" e que a Abin "não pode ficar subordinada a interesses políticos". De acordo com ele, que acusou o governo Lula de ser "vingativo", o GSI "sempre foi um órgão técnico e institucional". A mudança é mais uma das etapas de um processo de desmilitarização da Abin.

Zelenski

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) conversou por vídeo ontem com o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelenski. "Aprecio bastante que, em alguns aspectos, o Brasil realmente está apoiando a nossa integridade e soberania. Para nós, isso é de suma importância, em especial agora. Estou esperando pelo nosso encontro, porque, você sabe, olho a olho, cara a cara, serei mais compreendido, a Ucrânia também", disse Zelensky.

Direitos da Mulher

As deputadas Ana Paula Siqueira e Alê Portela foram eleitas, respectivamente, presidente e vice da Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher. As comissões permanentes da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG) continuaram a realizar reuniões especiais, ontem, para eleger os seus presidentes e vices. Quatro delas concluíram essa etapa pela manhã e outras quatro, à tarde. Ainda foram definidos dia e horário das reuniões ordinárias semanais. As comissões permanentes são grupos de deputados que discutem e analisam questões sobre determinada área de competência.

Vale apoiar sim

Líder do Podemos, o deputado Fábio Macedo (Pode–MA) reforçou apoio do partido aos programas de transferência de renda lançados pelo governo federal, como o Bolsa Família, que garante o mínimo de R$ 600 por família. "O Bolsa Família é muito importante para que as pessoas possam ter dignidade, para que possam fazer as três refeições que são obrigatórias para todos os seres humanos, café da manhã, almoço e jantar", disse o líder Fábio Macedo. Ele também defendeu a continuidade do programa habitacional Minha Casa, Minha Vida, para famílias de baixa renda.

Enfermeiras em ação

O projeto de lei que institui o piso salarial nacional dos profissionais de enfermagem foi o que mais mobilizou os usuários dos veículos de comunicação e redes sociais da Câmara dos Deputados no ano passado. A proposta atingiu 3,6 milhões de interações, que se somam aos 2,2 milhões de interações da proposta de emenda constitucional que inclui esse piso na Constituição. Tanto o projeto como a emenda foram aprovados e estão em vigor. O segundo lugar do ranking foi a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) da reforma administrativa, que era de 2020.

PINGAFOGO

■ Em tempo, sobre a nota Direitos da Mulher: o relatório é da Coordenação de Relacionamento, Inteligência e Participação da Diretoria Executiva de Comunicação e Mídias Digitais. A maioria das interações se dá pelos chat do YouTube e pelos projetos no site da Câmara dos Deputados.

■ Além desses canais, há as demais redes sociais institucionais, as notícias do portal da Câmara na internet e os contatos via Central de Comunicação Interativa Disque–Câmara e Fale Conosco. Por trabalhar com um universo bem definido seus dados não representam a população brasileira.

■ O deputado Eduardo Bolsonaro (PL–SP) protocolou nesta semana um projeto de lei que restringe os direitos de quem ocupar propriedades rurais ou urbanas. Para especialistas, o texto é inconstitucional.

EVARISTO SA/AFP

■ Para justificar a sua proposta Eduardo Bolsonaro **(foto)**, filho do ex-presidente da República argumenta que as ocupações e invasões prejudicam a produtividade dos proprietários e que "não se pode tripudiar o direito de propriedade".

ASSEMBLEIA

Deputado Arnaldo Silva, do União Brasil, será o presidente da Comissão de Constituição e Justiça, considerada a mais importante do Legislativo

Zema emplaca mais um aliado na ALMG

GUILHERME PEIXOTO

O deputado estadual Arnaldo Silva, do União Brasil, vai ser o presidente da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG). Ele foi eleito ontem para o posto. O vice-presidente é Bruno Engler (PL). A escolha de ambos para o comando da CCJ foi acertada por meio de acordo previamente acertado entre os parlamentares do Legislativo Mineiro.

Arnaldo é integrante do grupo aliado ao governador Romeu Zema (Novo). Os deputados governistas tinham a expectativa de comandar a CCJ pelo fato de o comitê ser considerado o mais importante da Assembleia. A comissão é tida como estratégica, pois é responsável por fazer as análises iniciais de todos os projetos remetidos ao Parlamento. Engler, o vice, também é simpático a Zema.

"É uma das comissões de maior importância nesta Casa. Teremos, pela frente, um trabalho de muita responsabilidade, muito técnico e de muito respeito à atividade parlamentar. É na divergência partidária, de opiniões e de posições, que vamos buscar a convergência para o melhor resultado na Assembleia, sem se afastar das questões de jurisdicionalidade, constitucionalidade e legalidade, pois temos uma responsabilidade jurídica muito grande nesta comissão", disse o novo presidente da CCJ, que, nos bastidores, já era tido como o novo presidente do colegiado.

CLARISSA BARÇANTE/ALMG

Deputado Arnaldo Silva vai comandar uma comissão estratégica, responsável por fazer as análises iniciais dos projetos remetidos ao Parlamento

Na legislatura passada, o grupo foi presidido por Dalmo Ribeiro Silva (PSDB), outro aliado de Zema. O tucano, porém, não conseguiu ser reeleito. Além de Arnaldo e Engler, a CCJ terá outros cinco deputados: Zé Laviola (Novo), Thiago Cota (PDT), Charles Santos (Republicanos), Lucas Lasmar (Rede) e Doutor Jean Freire (PT).

APOSTA Além da presidência da CCJ, a base de Zema conseguiu, também, a liderança da Comissão de Administração Pública (APU) e do comitê de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. O colegiado de Fiscalização Financeira e Orçamentária (FFO), será outro a ter os trabalhos dirigidos por um governista. Nesse caso, Zé Guilherme (PP).

A comissão de Meio Ambiente é considerada importante porque, no ano passado, o governo teve de enfrentar desgastes ligados à mineração. Já CCJ, APU e FFO são estratégicas para a viabilização de projetos de interesse do Executivo. "Temos dois blocos nitidamente governistas, com boa vontade em aprovar (pautas do governo), o que soma 57 parlamentares", projetou, no mês passado, o deputado Cássio Soares (PSD), líder de uma das coalizões pró-Zema.

PARTIDOS

Paulo Brant vai se filiar ao PSB

Paulo Brant, vice-governador de Minas Gerais durante o primeiro mandato de Romeu Zema, vai se filiar ao Partido Socialista Brasileiro (PSB). A informação foi confirmada ontem ao **Estado de Minas** pelo próprio Brant. Os socialistas, aliás, vão mudar o comando da direção estadual da sigla, que passará a ser presidida pelo ex-deputado federal Mário Assad Júnior. A filiação de Brant e a posse do novo presidente estão previstas para acontecer nesta sexta-feira, durante evento da agremiação em Belo Horizonte.

Em 2018, quando compunha os quadros do Novo, Brant esteve na chapa puro-sangue liderada por Zema. Ele deixou a legenda em 2020 e ficou por cerca de um ano sem partido. Depois, se juntou ao PSDB e, no último pleito estadual, tentou a reeleição, mas como candidato a vice-governador do também tucano Marcus Pestana.

No plano nacional, Brant deu apoio a Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no segundo turno da eleição presidencial. Zema, seu antigo aliado, caminhou com Jair Bolsonaro (PL). O PSB é o partido do vice-presidente da República, Geraldo Alckmin.

"Eu, como vice-governador, digo o seguinte: o povo de Minas é esse que está aqui, amante da liberdade e que não vai se guiar pelo voto dos coronéis. No dia 30, vamos votar no Lula porque ele é a única esperança de resgatar a dignidade, a democracia e a esperança", chegou a dizer Brant, em outubro passado, enquanto acompanhava Lula em um ato de campanha em Teófilo Otoni, no Vale do Mucuri.

O rompimento das relações políticas entre Brant e Zema teve, inclusive, rusgas públicas. O então vice-governador não concordava com as posições do chefe do Executivo sobre a situação financeira do estado. O político do Novo, por sua vez, ficou descontente com a decisão do ex-aliado de disputar a eleição por outra coligação. A filiação de Paulo Brant ao PSB vai marcar o retorno dele ao partido.

GLADYSTON RODRIGUES/EM/D.A PRESS – 21/10/22

Filiação de Paulo Brant ao PSB marca o retorno do ex-vice-governador ao partido

Em 2016, quando estava na legenda, o economista era tido como candidato à sucessão do então correligionário Marcio Lacerda na Prefeitura de Belo Horizonte. Uma articulação de última hora, porém, tirou Brant da disputa e entregou a "cabeça" da chapa situacionista ao vice-prefeito da época, Délio Malheiros, que representava o PSD.

COMANDO Mário Assad Júnior, o novo presidente socialista, foi deputado federal pela última vez em 2007. Ele vai substituir o também ex-congressista Vilson da Fetaemg, que no ano passado não conseguiu renovar o mandato na Câmara dos Deputados. Nas vice-presidências do PSB mineiro, estarão o deputado estadual Neilando Pimenta e o prefeito de Itabira, Marco Antonio Lage. Vilson da Fetaemg ficará com a Secretaria Especial do diretório e Kátia Gaivoto, vice-presidente da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB) em Minas, vai ser a secretária-geral.

No ano passado, o PSB de Minas teve desempenho ruim nas disputas legislativas. O partido não conseguiu eleger deputados federais e, na Assembleia Legislativa, conquistou apenas o assento de Neilando Pimenta. Parlamentares que pertenciam aos quadros do partido, como o ex-congressista Júlio Delgado e o deputado estadual Professor Cleiton, migraram para o PV antes da eleição de outubro. (GP)

CONJUNTURA

Geração de riqueza avança em 2022, mesmo com uma desaceleração de 0,2% no quarto trimeste. Presidente ataca o desempenho do PIB e culpa juros altos pelo desaquecimento

Economia avança 2,9%, mas Lula diz que país não cresceu

NATHALIA GARCIA, RENATO MACHADO E MARIANNA HOLANDA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) criticou ontem o resultado do Produto Interno Bruto (PIB), que avançou 2,9% em 2022, acrescentando que a economia brasileira não cresceu "nada, nada, no ano passado". O desempenho da atividade econômica no ano, porém, veio bem abaixo das previsões feitas por economistas do mercado. O ministro da Fazenda, Fernando Haddad (PT), também evitou comentar o crescimento da economia no ano fechado, e preferiu focar a desaceleração de crescimento registrada no quarto trimestre.

Como vem repetindo desde a eleição de Lula, ele atribuiu o resultado a medidas adotadas pelo governo de Jair Bolsonaro (PL) no período eleitoral, que teriam levado o Banco Central a subir os juros – a taxa básica (Selic) encerrou 2022 em 13,75% ao ano. Analistas e a própria autoridade monetária, porém, elencam outros motivos para a atual taxa Selic, em vigor desde agosto de 2022.

"Houve uma reação do Banco Central às atitudes do governo anterior no período eleitoral, que ensejou aumento da taxa de juros, o que explica essa desaceleração", disse o ministro, acrescentando, no entanto, que não trabalha com a perspectiva de recessão em 2023. Em junho de 2022, Bolsonaro anunciou um pacote de até R$ 50 bilhões para tentar frear a inflação e conter o impacto no bolso dos consumidores, liberando benefícios sociais turbinados à população e cortando impostos.

Conforme dados divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a economia brasileira fechou o ano de 2022 com crescimento acumulado de 2,9%. Mas a economia brasileira perdeu ritmo e recuou 0,2% no quarto trimestre em relação aos três meses imediatamente anteriores. Ao criticar o desempenho da economia brasileira, Lula afirmou que será necessário investimento público para reverter esse quadro. "Não se se vocês perceberam, mas hoje foi publicado os dados (do PIB) do último trimestre do ano. A economia brasileira não cresceu nada, nada, no ano passado. Então o desafio que temos agora é fazer a economia voltar a crescer. E temos que fazer investimentos", disse o presidente da República.

Enquanto Haddad criticou as medidas de Bolsonaro no período eleitoral, Lula atribuiu esse resultado da economia ao baixo investimento do seu antecessor. Afirmou que a antiga gestão investiu cerca de R$ 20 bilhões nos quatro anos em que esteve à frente do país, enquanto ele vai destinar R$ 23 bilhões para esse fim apenas em 2023. Lula afirmou ainda que os investimentos públicos não serão em sua gestão substitutos dos promovidos pela iniciativa privada, mas que o governo precisa ser indutor do crescimento.

ESTADO INDUTOR "A economia para crescer precisa que haja investimento privado. E se não houver investimento privado, que haja o investimento público. Não é que a gente quer que o Estado faça as coisas que a gente tem que fazer. Mas, se o governo federal não investir dinheiro como indutor do crescimento, nada vai acontecer", disse. Sem dar muitos detalhes, o mandatário afirmou que vai lançar um programa para que os bancos públicos e bancos de desenvolvimento nacionais sejam utilizados para a promoção de investimentos, gerando empregos e contribuindo para um melhor desempenho da economia.

O chefe do Executivo citou nominalmente a Caixa Econômica Federal, o Banco do Brasil e o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social). "Quero dizer aqui que a gente está lançando um programa, a Caixa Econômica Federal, o Banco do Brasil, o BNB, o Basa, o BNDES pode ter certeza que vão voltar a investir dinheiro para gerar emprego, gerar desenvolvimento e gerar a distribuição de renda efetiva para esse país".

Haddad também disse que a gestão petista está trabalhando para reverter o cenário prospectivo da economia brasileira. "Estamos em uma curva descendente agora, todo o desafio do Ministério da Fazenda, da área econômica é reverter esse quadro e promover uma curva ascendente do crescimento do PIB". Em janeiro, Haddad anunciou um amplo pacote de medidas com a promessa de entregar uma melhora fiscal de R$ 242,7 bilhões nas contas públicas deste ano.

Apesar da desaceleração da atividade econômica em decorrência do elevado patamar de juros no país, o ministro da Fazenda diz que não trabalha com a perspectiva de recessão na economia brasileira em 2023. "Não estamos trabalhando com perspectiva de recessão, mas evidentemente a manutenção das taxas nesse patamar enseja uma desaceleração da economia", acrescentou. Mais cedo, em nota, a Secretaria de Política Econômica (SPE) do Ministério da Fazenda destacou que a deterioração das condições de crédito no país em um cenário de juros elevados pode afetar o crescimento do PIB em 2023. Segundo o órgão, a desaceleração da economia global também pode impactar negativamente a atividade econômica no Brasil ao longo deste ano. (Folhapress)

EVARISTO SÁ/AFP

> "Não se se vocês perceberam, mas hoje (ontem) foi publicado os dados (do PIB) do último trimestre do ano. A economia brasileira não cresceu nada, nada, no ano passado. Então o desafio que temos agora é fazer a economia voltar a crescer. E temos que fazer investimentos"
>
> **Luiz Inácio Lula da Silva,** presidente da República

Serviços, indústrias e famílias puxam economia

RAFAELA GONÇALVES

O Produto Interno Bruto (PIB) do país variou – 0,2% no quarto trimestre de 2022, encerrando o ano com crescimento de 2,9%, totalizando R$ 9,9 trilhões. Segundo os dados, divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o indicador, que mede o nível da atividade econômica, veio abaixo da estimativa dos analistas, que esperavam um crescimento de 3%. O PIB per capita, por sua vez, que considera o valor médio agregado por indivíduo, alcançou R$ 46.155 no ano passado, um avanço, em termos reais, de 2,2% em relação a 2021.

O crescimento do PIB em 2022 foi puxado pelas altas nos Serviços (4,2%) e na Indústria (1,6%), que juntos representam cerca de 90% do indicador. Por outro lado, a Agropecuária recuou 1,7% em 2022. "Desses 2,9% de crescimento em 2022, os Serviços foram responsáveis por 2,4 pontos percentuais. Além de ser o setor de maior peso, foi o que mais cresceu, o que demonstra como foi alta a sua contribuição na economia no ano", analisa Rebeca Palis, coordenadora de Contas Nacionais do IBGE.

"As duas atividades que mais chamam atenção estão entre as que mais cresceram em 2021, após as quedas de 2020: Transportes e Outros Serviços, que inclui categorias de serviços pessoais e serviços profissionais. Foi uma continuação da retomada da demanda pelos serviços após a pandemia de COVID-19. Em outros serviços, podemos destacar setores ligados ao turismo, como serviços de alimentação, serviços de alojamento e aluguel de carros", explica Palis.

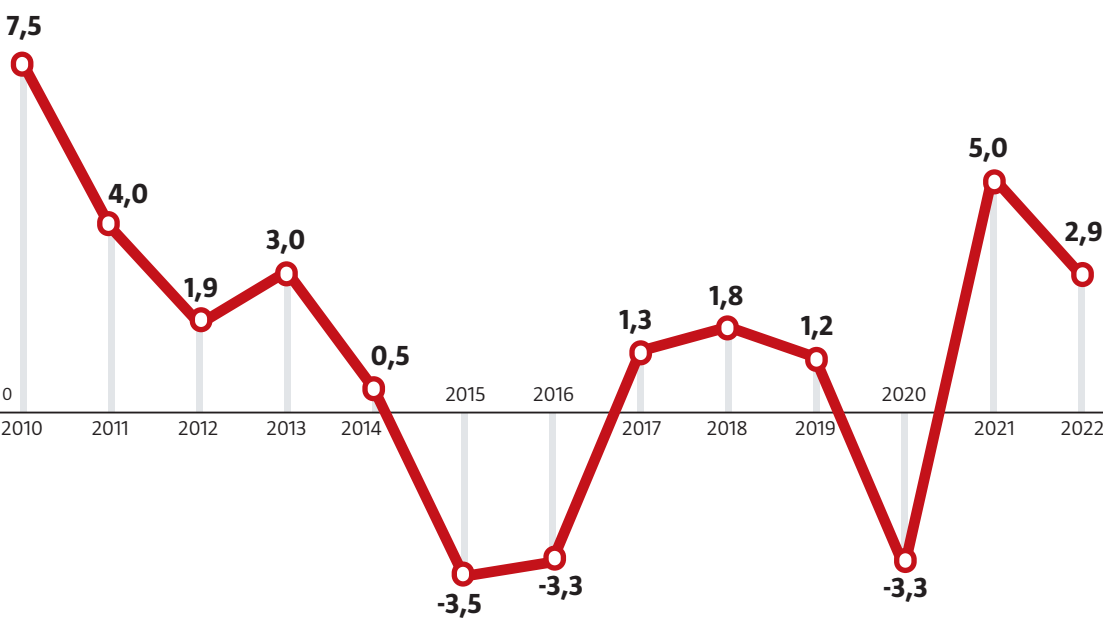
Na Indústria, o maior destaque foi a atividade Eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos (10,1%), que teve bandeiras tarifárias mais favoráveis em 2022. Segundo a coordenadora da pesquisa, o crescimento dessa atividade está muito relacionado à recuperação em relação à crise hídrica de 2021. Em sentido contrário, as Indústrias de Transformação apresentaram variação negativa de 0,3%, principalmente pela queda na fabricação de produtos de metal; móveis; produtos de madeira e de borracha e plástico, enquanto as Indústrias Extrativas caíram 1,7%.

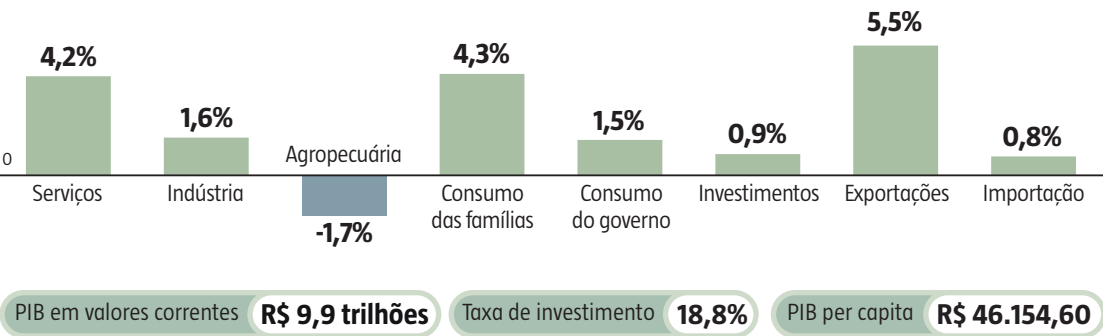
"O resultado das Indústrias Extrativas no ano foi puxado pela queda na extração de minério de ferro, relacionada ao lockdown ocorrido na China, nosso maior comprador, enquanto as Indústrias de Transformação foram impactadas negativamente devido a fatores como juros altos e custos de matéria-prima elevados", avalia Rebeca Palis.

CONSUMO DAS FAMÍLIAS Na análise da despesa, houve alta de 0,9% da Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), segundo ano consecutivo de crescimento. A despesa de Consumo das Famílias avançou 4,3% em relação ao ano anterior e a Despesa do Consumo do Governo, por sua vez, cresceu 1,5%. No setor externo, as Exportações de Bens e Serviços cresceram 5,5%, enquanto as Importações de Bens e Serviços subiram 0,8%.

"Se pela ótica da oferta quem puxou foi o setor de Serviços, na ótica da demanda foi o Consumo das Famílias. É importante dividir a demanda interna do setor externo, pois dos 2,9% do crescimento, 2 p.p. foram da demanda interna principalmente do consumo das famílias, e 0,9 p.p. da demanda externa, que também subiu, já que as nossas exportações cresceram mais do que as importações", esclarece Rebeca Palis.

CRESCIMENTO ECONÔMICO

Economia brasileira recua no quarto trimestre, mas fecha o ano com expansãoEvolução do PIB nos últimos anos

PRINCIPAIS DESTAQUES DO PIB EM 2022

Evolução sobre 2021

PIB em valores correntes **R$ 9,9 trilhões** | Taxa de investimento **18,8%** | PIB per capita **R$ 46.154,60**

Fonte: IBGE

Governo recria Bolsa-Família com novas regras e controle

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva cobrou, ontem, uma fiscalização rigorosa de toda a sociedade sobre quem está recebendo o Bolsa-Família. Ele assinou, em cerimônia no Palácio do Planalto, a medida provisória (MP) que recria o programa de transferência de renda e a rede de fiscalização pública e controle social do Cadastro Único (CadÚnico). "Esse não é o programa de um governo, de um presidente, esse é o programa da sociedade brasileira e que só vai dar certo se a sociedade assumir a responsabilidade de fiscalizar o Cadastro Único. O programa só dará certo se o cadastro permitir que o benefício chegue exatamente às mulheres, aos homens e às crianças que precisam desse dinheiro", disse Lula, durante evento.

Ele citou, entre outros agentes de fiscalização, os ministérios públicos Federal e nos estados, a imprensa, igrejas, sindicatos e prefeituras. "Se tiver alguém que não mereça, não vai receber. O programa é para pessoas em condição de pobreza", destacou. O CadÚnico é uma ferramenta conduzida no âmbito do Sistema Único de Assistência Social (Suas) e funciona como porta de entrada para mais de 30 programas do governo federal, entre eles o Bolsa Família.

Para o presidente, o programa é uma importante política pública de socorro às famílias em situação de vulnerabilidade, mas afirmou que a solução para a transformação social é o crescimento econômico. esse! é o primeiro prato de sopa, de feijão, o primeiro copo de leite, o primeiro pão, o primeiro pedaço de carne. Junto com isso tem que vir a política de crescimento econômico, de geração de emprego e de transferência de renda através do salário, que é o que importa para o trabalhador", disse.

CONTRAPARTIDAS O novo Bolsa-Família retoma os parâmetros desenhados no primeiro governo do presidente Lula, quando foi criado, em 2003. O principal deles é a exigência de contrapartidas das famílias beneficiadas, como a obrigação do acompanhamento pré-natal para gestantes. O pagamento a partir das novas regras já começa no calendário deste mês, em 20 de março. A manutenção da frequência escolar das crianças e adolescentes e a atualização da caderneta de vacinação com todos os imunizantes previstos no Programa Nacional de Vacinação do Ministério da Saúde também serão exigidos. Durante o governo de Jair Bolsonaro, o Bolsa Família foi substituído pelo Auxílio Brasil, que não exigia essas contrapartidas.

Além disso, as gestantes terão direito a um benefício complementar no valor de R$ 50. Todas as famílias beneficiárias receberão um valor mínimo de R$ 600 e foram criados dois benefícios complementares. Segundo o governo, eles foram pensados para atender de forma mais adequada o tamanho e as características de cada família. Um dos benefícios é voltado para a primeira infância e foi promessa de campanha de Lula, que é o valor adicional de R$ 150 para cada criança de até seis anos de idade na composição familiar. O segundo, chamado Benefício Variável Familiar, prevê um extra de R$ 50 para cada integrante da família com idade entre sete e 18 anos incompletos e para gestantes.

O novo Bolsa Família também terá uma regra de proteção para os casos em que algum integrante consiga um emprego, por exemplo. Segundo o governo, a renda da família pode aumentar até meio salário mínimo per capita sem que ela seja retirada de imediato do programa. Além dela, também há uma regra de retorno garantido, que estabelece que as famílias que se desligarem voluntariamente do programa ou perderem renda e precisarem voltar ao Bolsa-Família terão prioridade de retorno.

COMBUSTÍVEIS

Lula diz que Petrobras decidiu "agraciar" acionistas em vez de investir no país, depois de lucro e dividendos recordes

Crítica aos dividendos mira política de preços

Marianna Holanda, Renato Machado e Nicola Pamplona

MAURO PIMENTEL/AFP

Presidente da Petrobras, Jean Paul Prates disse ontem que empresa terá preços competitivos e confirma alteração na formação de valor

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) disse, ontem, que a Petrobras resolveu "agraciar" acionistas minoritários com a distribuição de dividendos, em vez de investir na indústria do país. A declaração do petista, dada durante cerimônia de lançamento do novo Bolsa Família, ocorre no dia seguinte ao anúncio da companhia de lucro recorde e da distribuição de cerca de mais R$ 30 bilhões aos seus acionistas. A elevada distribuição de dividendos pela companhia, que se tornou a segunda maior pagadora do mundo em 2022, era alvo de fortes críticas do PT. Com os novos números, a empresa terá distribuído mais de R$ 200 bilhões em dividendos pelo resultado do ano.

"Não podemos aceitar a notícia de hoje. A Petrobras, ela entregou dividendos de mais de R$ 215 bilhões quando deveria ter investido metade no crescimento econômico desse país, na indústria brasileira, na indústria naval, na indústria de óleo e gás", disse Lula, em seu discurso. "A Petrobras, ao invés de investir, ela resolveu agraciar os acionistas minoritários com R$ 215 bilhões, tendo um lucro de R$ 195 bilhões. E quanto foi o investimento da Petrobras? Quase nada", completou. A Petrobras fechou 2022 com o maior lucro anual da história das empresas brasileiras: R$ 188,3 bilhões, alta de 76,6% em relação ao resultado de 2021, que havia sido o maior já anunciado pela estatal.

"Você (ministro Wellington Dias) vai ter muito mais dinheiro para cumprir com o seu programa se a gente fizer as coisas acontecerem de verdade nesse país. E é importante saber que as empresas brasileiras, os bancos brasileiros, têm que pensar primeiro nas pessoas desse país para depois pensar nos seus lucros e nos seus acionistas", disse o chefe do Executivo. Durante a campanha, o então candidato do PT já prometia rever a política de preços da Petrobras (PPI). As críticas de Lula neste momento ocorrem na esteira da discussão sobre tributação de combustíveis.

Na terça-feira, o governo anunciou que retomaria a cobrança sobre gasolina e etanol a partir de 1º de março, oito meses após as alíquotas terem sido zeradas pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) na tentativa de derrubar o preço nas bombas às vésperas da eleição de 2022. O tema gerou embate dentro e fora do governo, com divergência pública entre a presidente do PT, Gleisi Hoffmann, e o ministro da Fazenda, Fernando Haddad,

MUDANÇAS O presidente da Petrobras, Jean Paul Prates, afirmou, ontem que a nova política de preços seguirá atrelada às cotações internacionais, mas sem considerar necessariamente os custos para importação dos produtos. Prates disse que o modelo atual, que prevê o acompanhamento de um preço de paridade de importação, conhecido como PPI, obriga a empresa a fazer o preço de seus concorrentes, estratégia adotada por gestões anteriores, segundo ele, para beneficiar importadores e abrir o mercado. "Por que eu sou obrigado a praticar o preço do concorrente?", questionou. "Enquanto tiver fatia de mercado para a Petrobras captar, ela vai captar."

A previsão é que a nova política de preços da companhia comece a ser debatida quando o conselho e a diretoria forem renovados, o que deve ocorrer até maio. Ainda não há uma fórmula definida, mas a paridade de importação não mais será obrigatória. Prates disse que recebeu do governo a orientação de seguir todas as regras de governança da estatal e, por isso, tanto a mudança na política de preços quanto na política de dividendos dependem da renovação da alta administração da companhia.

"A Petrobras vai praticar preços competitivos do mercado nacional, do mercado dela, conforme ela achar que tem que ser para garantir sua fatia de mercado"", disse o executivo, em sua primeira entrevista coletiva como presidente da Petrobras. Questionado sobre os impactos negativos de controles de preço em gestões petistas, ele disse que não vai "canibalizar, aniquilar" a margem de lucro da empresa. "Mas eu posso disputar o meu mercado com a minha margem. Intervencionista era o governo anterior, que mandava eu praticar o PPI para beneficiar o importador", frisou. (Folhapress)

Preço do álcool sobe e fica sem explicação

Leonardo Godin*

O preço do etanol vendido pelas usinas para os distribuidores subiu R$ 0,08 no dia 1º de março, passando de R$ 2,81 para R$ 2,89. O aumento, simultâneo à volta da cobrança de impostos sobre combustíveis, preocupa os varejistas. Eles temem que uma janela de oportunidades seja perdida. O Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Universidade de São Paulo, registrou o aumento de 2,7% nos preços. O valor não contabiliza impostos como ICMS e Pis/Cofins.

Os preços dos combustíveis amanheceram em alta na quarta-feira. No Posto Shell da Avenida Tereza Cristina, em Belo Horizonte, a gasolina estava sendo vendida por R$ 5,49, e o etanol, por R$ 3,89. O presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Derivados de Petróleo no Estado de Minas Gerais (Minaspetro), Rafael Macedo, entende que agora, com a gasolina mais cara, seria o momento ideal para que o etanol se tornasse competitivo novamente. "Os consumidores podem voltar a ter a opção por um combustível mais limpo, ecoeficiente e sustentável. Mas os produtores estão se aproveitando desse momento para aumentar suas margens de lucro", apontou.

*Estagiário sob supervisão do subeditor Marcílio de Moraes

ENTRE LINHAS

LUIZ CARLOS AZEDO
>>E-mail para esta coluna: luizazedo.df@dabr.com.br

Política energética definirá modelo econômico de Lula

A clássica disputa entre o Ministério das Minas e Energia e a Petrobras se repete mais uma vez. Agora, opõe o ministro Alexandre da Silveira (PSD-MG) e o presidente da empresa, senador licenciado Jean Paul Prates (PT- RN). É um choque que tem a cara do governo Lula, porque opõe um liberal e um social-democrata, respectivamente, com esquemas diferentes de raciocínio econômico. Uma questão chave para o futuro do país é a política energética; ela determinará nosso desenvolvimento futuro.

Como em outras áreas do governo, a presidente do PT, Gleisi Hoffman, vem tendo grande protagonismo na defesa da agenda desenvolvimentista do PT, que levou o partido ao segundo turno. Chegou a dizer que se a Petrobras não seguir a orientação que vem sendo dada pelo presidente Lula, estará se fazendo um "estelionato eleitoral". Ocorre que Lula somente venceu as eleições porque obteve apoio de partidos de centro e da chamada terceira via, com uma agenda social-liberal. Prates representa a agenda raiz, Silveira a da frente ampla, que obviamente é mais feijão cromo arroz.

Os fantasmas que rondam a queda de braços entre Prates e Silveira, como na disputa pelas indicações dos membros do conselho de administração da empresa, são o fracasso da "nova matriz energética" do governo Dilma Rousseff, que apostou no velho "capitalismo de estado" como via de desenvolvimento; e os escândalos de corrupção na Petrobras, o chamado "petrolão", combustível da Lava-Jato e da crise ética que atingiu o nosso sistema partidário.

Parceiros comerciais mais competitivos, principalmente a China, dominaram o nosso mercado e deslocaram a produção brasileira de mercados tradicionais, como a América Latina

O "capitalismo de estado" foi uma via de industrialização das ditaduras fascistas e "socialismo real". No Brasil, durante o Estado Novo e no regime militar pós-1964, sobretudo no governo Geisel, também. Há liberais que consideram o "capitalismo monopolista de estado" uma parceria necessária entre o governo e as grandes empresas, com objetivo de fortalecê-las. Nesse caso, o Estado representa os interesses do grande capital em detrimento dos consumidores. Um modelo bem-sucedido com esse viés o da Coreia do Sul.

A experiência dos "campeões nacionais" seguiu a fórmula coreana; durante o governo Dilma Rousseff, obteve alguns sucessos e colecionou fracassos. A participação no sistema de financiamento eleitoral, que permitia doações dessas empresas, envenenou o sistema político brasileiro, sendo substituído pelo financiamento público. Grandes empresas, a JBS e a Ambev, se transformaram em multinacionais; estatal, a Petrobras foi "canibalizada". O resultado do fracasso desse modelo foi o tsunami eleitoral de 2018, que elegeu Jair Bolsonaro à Presidência.

A Petrobras não esteve apenas no epicentro dos escândalos de corrupção, a empresa foi protagonista do fracasso da estratégia de adensamento das cadeias produtivas nacionais por não se integrar de forma competitiva às cadeias globais de valor. Por exemplo, desperdiçou o boom do pré-sal: ao mesmo tempo em que o Brasil criava uma empresa a fórceps para produzir sondas de petróleo, a Sete Brasil, que se tornou um foco de corrupção, o governo suspendeu por vários anos os leilões de poços do pré-sal, porque a petroleira brasileira não tinha recursos para participar das disputas. Isso desorganizou todo o "cluster" de exploração de petróleo, que envolve milhares de empresas, especialistas e técnicos de várias nacionalidades, que se deslocam entre as bacias petrolíferas dos países produtores a cada etapa da exploração. O Rio de Janeiro foi do céu ao inferno nesse processo.

A recidiva do "capitalismo de estado" no Brasil chegou a ser saudada como um modelo à brasileira, no momento em que diversos países tentavam reinventar o Estado, com regimes iliberais, para se modernizar e acompanhar a globalização. Foi mais um voo de galinha. Parceiros comerciais mais competitivos, principalmente a China, dominaram o nosso mercado e deslocaram a produção brasileira de mercados tradicionais de nossas exportações industriais, como a América Latina.

China, Índia, México, Polônia, Indonésia, Vietnã e Tailândia se beneficiaram mais do que os outros países da fragmentação da produção e da expansão das cadeias globais de valor. Entretanto, com 50 milhões de jovens, o Brasil desperdiçou o chamado "bônus demográfico", quando há, proporcionalmente, um maior número de pessoas em idade ativa aptas a trabalha). O aumento da população nessa faixa etária começou no início da década de 2010 e vive o seu auge, mas essa geração foi desperdiçada.

Também desperdiçamos o ciclo de commodities, ao aumentar o consumo sem ampliar os investimentos na infraestrutura e na educação. Na vanguarda da inteligência artificial e da internet das coisas, os Estados Unidos agora protagonizam uma rearranjo de suas cadeias globais, para reduzir a dependência à importação de componentes eletrônicos, principalmente da China. Quem mais se beneficiou disso até agora foi o Vietnã

AMAURI SEGALLA

MERCADO S/A

Em fevereiro, 129,9 mil veículos, entre carros de passeio, utilitários leves, caminhões e ônibus, foram emplacados no Brasil – trata-se da pior performance para o mês em 17 anos

JUAREZ RODRIGUES/EM/D.A PRESS – 22/8/22

COM JUROS ALTOS, VENDAS DE CARROS EMPACAM

Os resultados da indústria automotiva traduzem de forma cristalina o impacto nos juros altos para o desempenho do setor. Com a Selic nas alturas, o crédito encarece – e as vendas emperram. Em fevereiro, 129,9 mil veículos, entre carros de passeio, utilitários leves, caminhões e ônibus, foram emplacados no Brasil – trata-se da pior performance para o mês em 17 anos, segundo dados da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave). Outros fatores contribuíram para os números fracos, como o baixo crescimento econômico, o alto endividamento das famílias e até o excesso de chuvas no mês, que diminui o fluxo nas lojas. Se os juros estivessem em níveis menores, certamente mais pessoas teriam acesso ao financiamento de veículos, que tem taxas balizadas pela Selic. Isso explica por que o governo tem pressa para os reduzir os juros, mas os cortes não podem ser feitos na marra.

SHEIN E SHOPEE LIDERAM PREFERÊNCIA DOS BRASILEIROS

Os asiáticos não encontram rivais à altura no cada vez mais concorrido mercado de aplicativos de compras. No segundo semestre de 2022, as plataformas Shein, da China, e Shopee, de Singapura, foram as preferidas pelos brasileiros, conforme novo levantamento realizado pela agência RankMyApp. Entre os usuários da Google Play, a Shein lidera, à frente de Shopee e Mercado Livre. Por sua vez, a Shopee ocupa a primeira posição na Apple Store, seguinte por Shein e Mercado Livre.

RAPIDINHAS

» As vinícolas Aurora, Cooperativa Garibaldi e Salton começam a sofrer as consequências pela contratação de uma empresa que usava mão de obra análoga à escravidão para fazer colheita da uva na serra do Rio Grande do Sul. Em decisão inédita, a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil) suspendeu a participação delas de suas atividades.

» Sob pressão dos pais, o TikTok decidiu limitar o tempo que menores de 18 anos usam o aplicativo por dia. A partir de agora, o período será de 60 minutos. Se quiserem permanecer no aplicativo por mais tempo, as crianças deverão inserir uma senha. O app chinês é o mais acessado pelo público muito jovem.

» Em janeiro, 8,3 milhões de passageiros viajaram em voos domésticos no Brasil. De acordo com a Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), o número representa um crescimento de 11% em relação ao mesmo mês de 2022. Falta pouco para o movimento chegar aos níveis de 2019, antes da pandemia de COVID-19.

» A quinta geração das redes móveis avança no Brasil. A Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) contabilizou 6,3 milhões de assinaturas 5G no país em janeiro, um salto de 9,9% em relação ao mês anterior. O dado chama atenção sobretudo diante da paralisia do mercado geral de smartphones – o segmento como um todo recuou 0,1%.

O ENTRA E SAI DA OI EM PROCESSOS DE RECUPERAÇÃO JUDICIAL

O mercado já esperava, mais ainda assim não deixa de ser chocante a entrada da Oi em um novo processo de recuperação judicial. A empresa ingressou, em caráter de urgência, com um novo pedido na Justiça do Rio de Janeiro. Detalhe: a operadora havia encerrado seu processo anterior de recuperação em dezembro de 2022, após seis anos de luta desgastante. De acordo com o presidente da Oi, Rodrigo Abreu, a companhia precisa renegociar R$ 35 bilhões em dívidas com credores.

411,5%

por ano é o juro do rotativo do cartão de crédito. Ou seja: mesmo em momentos de dificuldade, fuja dessa modalidade de crédito

NELSON ALMEIDA/AFP – 26/12/22

ALBERT EINSTEIN É ELEITO O MELHOR HOSPITAL DA AMÉRICA LATINA

Pelo quarto ano consecutivo, o Hospital Israelita Albert Einstein foi eleito o melhor da América Latina pelo ranking The World's Best Hospitals, publicado pela revista Newsweek. Na lista global, o Einstein ficou na 34ª posição. Outros cinco brasileiros figuram entre os 250 melhores do planeta: Sírio Libanês (104º lugar), Moinhos de Vento (115º), Oswaldo Cruz (177º), Santa Catarina (185º) e Hospital das Clínicas (210º). Com exceção do Moinhos de Vento, em Porto Alegre, os outros são de São Paulo.

KEVIN DIETSCH/GETTY IMAGES/AFP 7/7/21

"Cometi vários erros ao longo dos anos. Muitas empresas em que investi morreram, seus produtos deixaram de ser desejados pelo público. Os resultados realmente bons vieram de uma dúzia de decisões. Ou seja, uma a cada cinco anos"

■ **Warren Buffett,**
investidor de melhor desempenho em todos os tempos

ESTADO DE MINAS

FUNDADO EM 7 DE MARÇO DE 1928

FUNDADOR DOS DIÁRIOS ASSOCIADOS: ASSIS CHATEAUBRIAND

Diretor-Presidente: Álvaro Teixeira da Costa
Diretor-Executivo: Geraldo Teixeira da Costa Neto
Vice-presidente de Negócios Corporativos: Josemar Gimenez de Resende
Diretor de Publicidade: Mário Neves
Diretor Jurídico: Joaquim de Freitas
Diretor de Redação: Carlos Marcelo Carvalho
Diretora Administrativa e Financeira: Sônia Márcia Souza Silva Campos
Editora-Executiva: Renata Neves

EDITORIAL

Aumento da obesidade preocupa especialistas

A Federação Mundial da Obesidade (FMO) divulgou ontem (2) o Atlas 2023, um estudo com novos números da obesidade no mundo – e eles assustam. Segundo a entidade, mais da metade da população mundial (51%) estará com sobrepeso ou obesa até 2035, caso nenhuma medida mais efetiva seja tomada para conter esse quadro. Serão mais de 4 bilhões de pessoas fora do peso em um intervalo de 12 anos.

Atualmente, uma a cada sete pessoas tem obesidade no mundo. A projeção para 2035 é de um para quatro, ou seja, quase 2 bilhões de pessoas terão índice de massa corporal (IMC) superior a 30.

Ainda segundo o relatório, publicado dois dias antes do Dia Mundial da Obesidade (4), as crianças e os adolescentes são a maior preocupação das autoridades de saúde, especialmente em países com populações de baixa renda, em que as condições sanitárias e nutricionais não cumprem os parâmetros de segurança alimentar auditados pela Conferência Mundial da Alimentação (CMA).

Em 2035, a previsão é de que 400 milhões de crianças tenham obesidade no planeta. No Brasil, o crescimento seria de 4,4% por ano, índice considerado muito alto pela FMO.

> Em 2035, a previsão é de que 400 milhões de crianças tenham obesidade no planeta

A obesidade é uma doença grave, com várias complicações associadas como hipertensão, diabetes, doença cardiovascular, além do risco de alguns tipos de tumores (câncer) e morte precoce.

Os dados também afetam a população adulta. Atualmente, mais de 40% dos adultos brasileiros estão obesos, o que já é um nível considerado alto. O crescimento projetado de 2020 a 2035 é de 2,8% por ano, com um impacto econômico no setor de saúde que deve ultrapassar os US$ 19 milhões de dólares em 2035.

Nos últimos anos, o Brasil também assistiu à queda do número de cirurgias bariátricas. Entre 2017 e 2022, o Brasil realizou 315.720 mil cirurgias bariátricas, sendo 252.929 cirurgias, segundo dados da Agência Nacional de Saúde (ANS, até 2021), via planos de saúde; 16.000 feitas de forma particular; e 46.791 (incluindo 2022) procedimentos pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Segundo o presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica (SBCBM), Antônio Carlos Valezi, o número, no entanto, não representa 1% dos pacientes portadores de obesidade que possuem indicação cirúrgica para o tratamento da doença no país.

Paulo Miranda, presidente da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM), reforça as estratégias individuais para conter esse quadro preocupante: hábitos de vida saudáveis, com alimentação balanceada e prática regular de atividade física. No entanto, ele atribui às autoridades públicas a propagação de ações que incentivem a prática diária de exercícios e o consumo saudável de alimentos, assim como a taxação de produtos associados ao maior risco de obesidade, como, por exemplo, os ultraprocessados, o que já ocorre em países desenvolvidos.

Caso contrário, se nada for feito, o que seria apenas uma projeção para a próxima década, se transformará em realidade.

FRASE

"A economia brasileira não cresceu nada no ano passado. Então, o desafio que temos é fazer a economia voltar a crescer, e temos que fazer investimentos"

■ **Luiz Inácio Lula da Silva,** presidente da República

Quinho

ESPAÇO DO LEITOR

PELA INTERNET

twitter @em_com
facebook www.facebook.com/estadodeminas
e-mail opiniao.em@uai.com.br
site www.em.com.br/opiniao

POR CARTA

As cartas devem conter nome, endereço completo, número do telefone e cópia da carteira de identidade, podendo ser publicadas na íntegra ou parcialmente.
Avenida Getúlio Vargas, 291 - 2º andar - Funcionários - Belo Horizonte - MG - CEP 30112020 - fax: (31) 3263-5070

GUERRA

A repercussão do voto do Brasil na ONU

Antonio Negrão de Sá
Rio de Janeiro

Alguns aliados da posição de paz defendida por Lula na guerra da Ucrânia discordaram de seu voto condenando a invasão da Rússia à Ucrânia, pedindo que tropas russas se retirem imediatamente do território ucraniano. No documento, o Brasil faz um apelo à cessação das hostilidades e países liderados pelos EUA, Ucrânia e Otan reiteram retirada incondicional do território ucraniano. Moral da história: onde errou o Brasil? Invadir e ocupar terras de qualquer país é crime, questão de princípio. Brasil não se absteve, como os Brics, nem forneceu armas ou executou bloqueio econômico, como EUA e Europa. O Brasil se colocou entre as duas posições do conflito. Pede mediação, cessação das hostilidades. Rússia, a princípio, aceitou. Falta outro lado. Especificamente essa guerra não tem vencedor. Todos perdem. São potências nucleares.

TERRORISMO

É preciso dar nome aos bois nos atos de janeiro

Jeovah Ferreira
Taquari/DF

Os atos de terrorismo que aconteceram na Praça dos Três Poderes, Brasília, DF, no dia 8 de janeiro do corrente ano, foram de uma gravidade sem tamanho e não podem ser esquecidos pelos brasileiros que amam a democracia. A intenção dos extremistas que lá estavam, impulsionados por irresponsáveis que desejavam permanecer no poder a qualquer custo, graças a Deus não foi concretizada. Imagine se o resultado tivesse sido diferente. Credo em cruz, arrepio-me todo. As crianças que viram pela TV aquelas barbaridades estão assombradas até hoje. De vez em quando um neto me pergunta: Vovô será que vai acontecer aquilo de novo? Respondo que não e que a nossa democracia está cada vez mais fortalecida. Uma pergunta que não quer calar: Por que é que até agora não se instalou uma Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar os atos de terrorismo praticados pelos extremistas inimigos da democracia. É preciso dar nome aos bois.

REFORMA TRIBUTÁRIA

Pouco sobra para reduzir a desigualdade

Humberto Schuwartz
Vila Velha

A reforma tributária prometida pelo governo Lula3 é bem-vinda. O brasileiro, devido à má administração pública com sua onerosa e ineficiente máquina causa as péssimas e duvidosas contrapartidas à elevada carga tributária. São 153 dias anuais do trabalhador tungados em impostos para sustentar a incompetente, ineficiente e dispendiosa elite de barnabés. Daí pouco sobra para investir e reduzir o desnível social ao gerar igualdade de oportunidade a todos.

● TRABALHO POR APLICATIVO SERÁ REGULAMENTADO ESTE SEMESTRE, DIZ MINISTRO

"Não se enganem, só estão sendo registrados para pagar imposto."
■ **@mwiguel**

"Chega de exploração de empresas de aplicativos. O povo quer e precisa de emprego formal e de incentivo para empreender."
■ **@fausto.co**

"É isso aí, não adianta trabalhar na informalidade, achar que está ganhando dinheiro mas, na verdade, estar fazendo o rico mais rico. E quando adoece ou cai em uma cama, quem vai assegurar esse trabalhador e sua família, se ele não paga o INSS?"
■ **@jessica_jordane**

"Outros locais do mundo já sancionaram algumas garantias aos trabalhadores de aplicativo, mas aqui no Brasil é só começar a falar de regulamentação que já vem um monte de gente falar asneira, incrível."
■ **@richard.snt**

● TORRE EIFFEL EM LAGOA SANTA DIVIDE REDES SOCIAIS

"Cafonice por quê? Não entende que turismo gera renda?"
■ **@aninha.andrades**

"R$ 1 milhão e poderia contratar um artista de Lagoa Santa ou mineiro e fazer um monumento maravilhoso inspirado na cidade. Mas não, vão fazer uma torre de ferro 10 vezes menor que a original, que possui 300 metros. Qual o sentido?"
■ **@malu.lemosandrade**

"Uau! É tudo o que os moradores precisavam."
■ **@renatoemara**

● VEREADOR MINEIRO É INDICIADO POR CRIME DE PRODUÇÃO DE FAKE NEWS CONTRA LULA

"Coisa boa! Devia fazer isso com todos esses vereadores! Minha cidade tem alguns que só fazem isso! Nunca fizeram nada para o povo! Oi, passem por aqui! Betim está precisando de uma visitinha da polícia também!"
■ **@marileanoronha**

"Ideias para resolver problemas, não tem. Mas para gerar mais problemas tem."
■ **@dorcasthome**

● LULA DIZ QUE PETROBRAS RESOLVEU 'AGRACIAR' ACIONISTAS EM VEZ DE INVESTIR

"Lula sempre cirúrgico."
■ **Luiz Silva**

"Tá querendo roubar a Petrobras de novo, né."
■ **Jose Marcos Dos Santos**

"R$ 300 bilhões dos brasileiros para os acionistas, comemorem, pobres de extrema direita!"
■ **Jota Santa Cruz**

● MORAES MANDA SOLTAR MAIS 52 PRESOS POR ATAQUES GOLPISTAS EM BRASÍLIA

"Quem vai verificar as condições para que saiam?"
■ **Elisabete Petrini**

"Tomara que tenham aprendido a lição!"
■ **Angela Claudio**

"Está muito tolerante, só fez ameaças que iria prender."
■ **Reges Nascimento**

Nada substitui o livro de papel

R. Colini
Escritor e empresário

Quando foi a última vez que você comprou um CD, DVD ou Blu-ray? Eu mesmo não lembro, mas tenho a impressão de que não faz tanto tempo assim. Com a chegada do streaming, que passou feito um furacão nesse mercado, nossos hábitos e, infelizmente, as nossas escolhas mudaram. Muitos filmes fantásticos não constam nas Netflix e Primes da vida e nosso catálogo de opções ficou mais limitado.

Agora, veja que interessante, há exatos 30 anos surgia o primeiro livro digital. Ao contrário do streaming, essa mídia empacou, atingindo apenas 20% de público nos Estados Unidos, 15% na Europa e meros 4% no Brasil. Essa foi uma das pouquíssimas inovações para a qual as pessoas deram uma "banana".

Explico este fenômeno: é que o livro possui presença perene e senso de pertencimento em duas vias, a do leitor para o livro e do livro para o leitor. Um caso de paixão e transformação. Livros são formadores de cidadania e a melhor defesa intelectual. As pessoas não são bobas quando preferem o livro de papel, que não está em um espaço virtual e sim num lugar físico, na cabeceira da cama, talvez nosso cantinho mais íntimo.

> Infelizmente, o hábito de leitura é uma realidade para apenas 52% da população brasileira

Infelizmente, o hábito de leitura é uma realidade para apenas 52% da população brasileira. Tem cabeceiras demais que estão vazias. Se quisermos avançar no desenvolvimento humano, temos que pensar muito nisso. A começar pela educação básica e no hábito de levar nossas crianças até a biblioteca do bairro ou livrarias.

Essa série de pequenas reflexões talvez nos ajude a entender a falência de grandes livrarias, seus motivos e desdobramentos. Embora seja ruim o fechamento de qualquer livraria, no caso dos gigantes, isso não representa o fim do mundo, mas o surgimento de algo novo.

Talvez o que esteja acabando seja o modelo de megaloja. Durante anos, o setor foi muito concentrado e isso é ruim. Quando o mercado está na mão de poucas livrarias, a oferta de títulos tende para o produto mais comercial possível. Temos a ilusão de escolha, mas, na verdade, o que chega nas prateleiras já é limitado.

Quer agora uma notícia boa? A chegada de novas livrarias, pequenas e pulverizadas, favorece a diversidade na oferta, fortalece editoras menores, possibilita que editoras independentes tragam coisas inovadoras e, principalmente, abre espaço para escritores estreantes, que foram tradicionalmente ignorados pelos megagrupos.

No caso das livrarias, o grande rei parece estar morto. Vivam os novos reis: pequenas livrarias, cheias de gente apaixonada pelos livros, físicos de preferência.

A terceira vez

Dom Walmor Oliveira de Azevedo
Arcebispo metropolitano de Belo Horizonte
Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)

É a terceira vez que a Igreja Católica no Brasil, por meio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), promove a Campanha da Fraternidade dedicando-se, de modo pertinente e profético, ao tema da fome: "Fraternidade e Fome". A primeira vez foi em 1975, a segunda, em 1985. Essa recorrência na promoção missionária e evangelizadora da Campanha da Fraternidade, a partir do tema da fome, guarda elementos interpelantes à cidadania civil e à cidadania do Reino, aos discípulos e discípulas do Mestre Jesus. O Brasil voltou ao mapa da fome, apesar de ser reconhecidamente um "celeiro" do mundo. Muitos brasileiros sofrem por não ter o que comer – há um Brasil que sente fome. Trata-se de problema político e social, como também uma interpelação aos que creem em Cristo, o Salvador e Redentor: "Dai-lhe vós mesmos de comer", disse Jesus aos seus discípulos, diante do sofrimento de uma multidão que estava faminta.

A Campanha da Fraternidade, pela terceira vez, enfrenta o flagelo da fome. Há 48 anos, quando a Igreja no Brasil convocou uma Campanha da Fraternidade sobre a fome pela primeira vez, uma multidão dos adultos de hoje, em cargos importantes na sociedade, eram crianças, ou nem tinham nascido. Tristemente, quase meio século depois, o flagelo da fome de muitos brasileiros não foi superado. Comprova-se que não bastam as indispensáveis estratégias lógicas da tecnologia e da ciência. É preciso ir além, buscando a iluminação que vem da fé, com sua lógica essencial à qualificação da humanidade. A fé é capaz de alicerçar um horizonte inspirador na sociedade brasileira. A fome é um dos mais graves flagelos que ameaçam o ser humano, humilhando a todos. Exige o alcance de soluções com rapidez, pois leva a mortes, a sequelas que serão carregadas pelo resto da vida, considerando especialmente a fragilidade das crianças, dos enfermos e dos idosos. Por isso mesmo, o Papa Francisco afirma, profeticamente, na sua mensagem dedicada à Campanha da Fraternidade 2023, que a fome é um crime – o alimento é um direito.

A Igreja Católica, servidora da humanidade, na promoção e defesa da vida, de modo obediente ao seu único Senhor e Pastor, Jesus Cristo, convoca fiéis, homens e mulheres de boa vontade, a enfrentarem a fome: "Dai-lhes vós mesmos de comer". No caminho percorrido e celebrado durante a Quaresma, a liturgia da Igreja ecoa o compromisso de conversão dos cidadãos do Reino de Deus. Essa conversão é testemunhada quando se busca efetivar uma nova organização social e política capaz de superar, urgentemente, o sofrimento de quem não tem o que comer. A fome de Deus, a ser permanentemente saciada pela proclamação e escuta da Palavra de Deus, deve fecundar o exercício cidadão de se buscar vencer a carência alimentar de muitas famílias. Assim, os cidadãos devem trabalhar na superação da fome, exigindo também do poder público um tratamento adequado para combatê-la.

> A gravidade do problema da fome, reiteradamente apontada pela Campanha da Fraternidade, é mal que precisa ser erradicado pela raiz

A busca pela conversão não dispensa o compromisso com ações efetivas para promover o direito de todos à alimentação. Afrontar o problema da fome encontrando soluções urgentes é vivência fecunda deste tempo da Quaresma, em preparação para frutuosamente celebrar a Páscoa. Assim, não se deve apenas esperar soluções de instâncias governamentais. A sociedade, de um modo geral, deve investir em novo estilo de vida, mais solidário com o próximo e com a casa comum, na perspectiva da ecologia integral. Essa perspectiva da corresponsabilidade leva a reconhecer que a fome não é problema somente de quem padece por não ter o que comer. Todos, compreendendo os ensinamentos de Jesus, devem buscar soluções criativas, evidentemente reconhecendo as responsabilidades de governantes e líderes da sociedade.

A gravidade do problema da fome, reiteradamente apontada pela Campanha da Fraternidade, é mal que precisa ser erradicado "pela raiz". Isto significa investir sempre, e cada vez mais, na solidariedade, partilhando as dores do próximo, que é irmão e irmã. A Doutrina Social da Igreja Católica ensina, sublinhando ser questão de honra e fidelidade ao Evangelho de Jesus, sobre o sentido da destinação universal dos bens da Criação: deve favorecer a todos, ser garantido como direito. Essa lição da Doutrina Social da Igreja Católica permite contestar modelos econômicos excludentes e perversos, que precisam ser urgentemente substituídos, sob pena de um colapso geral – já há sinais muito evidentes de diferentes colapsos na vida da humanidade.

Neste momento, o apelo é à compreensão do desafiador flagelo da fome. Por se saber que tem gente passando fome no Brasil, "cai por terra" qualquer crítica aos propósitos da Campanha da Fraternidade 2023. Eventuais críticas à Campanha apenas escancaram o rosto dos indiferentes, distanciados da autenticidade da fé. São atitudes que apenas indicam a importância daqueles que, efetivamente, se dedicam à construção de um novo tempo, enquanto estão na peregrinação para o Reino definitivo. Importante lembrar: entrarão no Reino definitivo os que obedecem ao Senhor da vida, escutando, compassivamente, a sua interpelação: "Dai-lhes vós mesmos de comer". Seja, pois, acolhida, pela terceira vez, a convocação da Campanha da Fraternidade, reconhecendo a presença de Jesus em cada pessoa que sofre com a fome, na atenta escuta de Sua Palavra – "Tive fome e me destes de comer".

Caso Americanas: existe uma saída possível?

Pedro Signorelli
Especialista em gestão

Após anunciar o rombo fiscal de mais de vários bilhões e entrar em recuperação judicial, a Americanas possui um grande desafio que é tentar se reestruturar e se reerguer, ainda que não seja ao nível anterior, mas que, ao menos, não feche as portas. A perspectiva para que isso ocorra, no entanto, é pequena. Levando em consideração alguns exemplos parecidos de grandes grupos que entraram em processo de recuperação judicial, e mais, se ocorrer, levará muito tempo.

É claro, não se pode negar que existe sim uma oportunidade para a transformação no caso da varejista, no entanto, será deixado bastante dinheiro na mesa se o processo for realizado de cima para baixo exclusivamente, com metas nada conversadas, e que só envolvam os executivos.

Levando em consideração o exemplo da Nextel, empresa de telecomunicações que, em 2014, entrou com um processo de recuperação judicial, e conseguiu sair dele em 2015, a Americanas precisa garantir a continuação estável da operação e, sobretudo, gerar inovação, pensando em novos produtos e também focar na eficiência operacional.

Uma sugestão de como fazer é replicar a solução implantada no case Nextel, ou seja, que a varejista envolva nesse processo os seus colaboradores. Na operadora, mesmo com o natural receio de envolver as pessoas na definição das metas, obteve-se a oportunidade de identificar como ter processos mais eficientes, pontos de vista diferentes em relação a prazos, de custos que poderiam ser reavaliados e colocados em prática.

Note que o envolvimento a que me refiro não é apenas o de compartilhar as ações com o time, mas sim o de fazer com que cada um faça parte do processo de definição de como fazer, aportando seus conhecimentos para encontrar os melhores caminhos para o desenvolvimento de suas tarefas, sabendo o porquê de cada ação. Com isso, a empresa conseguiu gerar um ambiente que permitia às pessoas trabalharem de uma maneira mais produtiva. Pois, caso contrário, ficariam perdidas nas ações ou congelados à espera do corte de pessoal.

Agora, no caso atual, existem medidas de urgência que já estão sendo tomadas. O sucesso no médio prazo (6 a 12 meses) e daí em diante depende da capacidade de criar uma estrutura de operação mais eficiente e de gerar inovação. Para isso, recomendo que, como no caso da Nextel, se adote o método de gestão conhecido como OKRs – Objectives and Keys Results, Objetivos e Resultados Chaves –, pois, com ele, há muito mais envolvimento das pessoas e o convite para que elas proponham e coloquem em prática ações de melhoria.

Além disso, é importante que se tenha uma abordagem tradicional de gestão de portfólio estratégico de projetos com foco em geração de valor, incremento de receita e, especialmente, corte de custos no curtíssimo prazo. Que se tragam as áreas para levantar cada pedra e encontrar oportunidades de ganhos operacionais, que se nomeie um líder do projeto ou iniciativa e que se tenha uma governança de acompanhamento da evolução das iniciativas, com exposição semanal, especialmente no início, a um comitê ligado diretamente ao presidente da evolução das ações dentro do portfólio. Esta abordagem funcionou muito bem no caso da Nextel.

O ponto de atenção deste caso, que deve gerar um alerta a todas as grandes marcas, e empresas, está na ganância dos líderes. É provável que pessoas como as que tomaram este tipo de decisão estejam espalhadas por aí. Por isso, para que uma possível recuperação ocorra, será necessário se cercar também de pessoas bem formadas do ponto de vista ético. Pois, não quer dizer que a operação em si seja errada, ilegal, mas os lançamentos precisam estar de acordo. Além disso, é preciso que haja um sistema de pesos e contrapesos que funcione. Também deve ser apoiado por um canal externo de compliance, pois, pelo visto, os processos de auditoria interna e externa não funcionaram.

Apesar de difícil, esse pode ser um caminho para que a Americanas seja um novo case de sucesso, mesmo que o objetivo seja única e exclusivamente não fechar as portas. É um alerta para a Lojas Marisa, que, depois desse caso, se viu numa situação delicada com seus bancos credores, que estão mais duros em suas cobranças e menos flexíveis. Não seria o momento de mudar a gestão, para um modelo que fosse mais ágil, permitisse ajustes constantes nos rumos dos negócios e envolvesse todo o time?

S/A ESTADO DE MINAS
FUNDADO EM 7 DE MARÇO DE 1928

SEDE
Avenida Getúlio Vargas, 291 - Funcionários, Belo Horizonte-MG-Cep 30112-020

TELEFONE GERAL
(31) 3263-5000

Filiado ao Instituto Verificador de Circulação

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

SUCURSAL SÃO PAULO
Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732/766 - Edifício Mary Harriet Speers - 7º andar - Bairro Jardins - São Paulo - SP CEP: 01403-000 ● Fone: (11) 3372-0022 ● e-mail: sucursal.sp@uai.com.br e associadossp@uaigiga.com.br

SUCURSAL RIO DE JANEIRO
Rua Fonseca Teles, 114 a 120 – bloco 2 - 1º andar - São Cristóvão – Rio de Janeiro - RJ CEP: 20940-200 Tel : (21) 2263-1945 ● Fax: (21) 2263-2045 e-mail: sucursal.rj@uai.com.br

TELEFONES DE APOIO

Redação (31) 3263-5330
Editorias:
Gerais (31) 3263-5244
Política (31) 3263-5293
Economia e Agropecuário (31) 3263-5103
Esportes (31) 3263-5313
Internacional (31) 3263-5301
Opinião (31) 3263-5373
Cultura - TV - Pensar e Divirta-se (31) 3263-5126
Fotografia (31) 3263-5214
Turismo (31) 3263-5333
Vrum (31) 3263-5078
Bem Viver, Guri e Negócios e Oportunidades (31) 3263-5048
Feminino & Masculino (31) 3263-5260

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(31) 99402-0234
fale.conosco@em.com.br
Central de atendimento
(31) 3263-5800

SERVIÇO DE ATENDIMENTO À VENDA AVULSA
WhatsApp:
(31) 99310-3419

DEPARTAMENTO DE COBRANÇA
(31) 3263-5421

DEPARTAMENTO COMERCIAL
(31) 3263-5501 e (31) 3263-5224

AEROPORTO DA PAMPULHA

Nove décadas após sua fundação, possibilidade de retorno dos voos comerciais ao terminal que já foi o principal de Belo Horizonte divide especialistas, passageiros e vizinhos

Futuro em jogo aos 90 anos

BERNARDO ESTILLAC

FOTOS: GLADYSTON RODRIGUES/EM/D.A PRESS

Pista do aeroporto, fundado em 3 de março de 1933 e que perdeu espaço a partir dos anos 2000

Fundado em 3 de março de 1933, o Aeroporto de Belo Horizonte, mais conhecido como Aeroporto da Pampulha, completa hoje 90 anos em um cenário de indefinição sobre o futuro. O terminal já foi o principal da capital antes de perder espaço para Confins a partir dos anos 2000. A mudança significou para moradores da capital um aumento de mais de 30 quilômetros na distância entre o Centro da cidade e o ponto para embarques e desembarques aéreos. O retorno da Pampulha ao mapa dos voos comerciais voltou a ser debatido na campanha eleitoral do ano passado, quando o então candidato Luiz Inácio Lula da Silva (PT) levantou a hipótese e o interesse encontrou eco na gestão do governador Romeu Zema (Novo). Especialistas e moradores da região avaliam quais são as chances e a viabilidade de a ideia alçar voo.

Durante entrevista exclusiva aos Diários Associados no ano passado, Lula citou os aeroportos de Santos Dumont e Congonhas, que ficam em áreas centrais de Rio de Janeiro-RJ e São Paulo-SP, para se referir ao terminal da Pampulha. "Obviamente que todo mundo quer pegar um avião pertinho, o cara quer andar o menos possível. Coloque duas passagens: uma para Congonhas e a outra para para Guarulhos e fala pro cara pegar melhor, é claro que vai pegar Congonhas. Aqui se der oportunidade, o cara só vai querer viajar da Pampulha."

Por parte de Minas, o Aeroporto da Pampulha foi tema de uma das primeiras sinalizações de aproximação entre Zema e Lula. O então secretário de Infraestrutura e Mobilidade Urbana, Fernando Marcato, sinalizou, no fim de 2022, que o governo estadual é favorável ao retorno da aviação comercial ao terminal. "É um desejo do estado garantir a reabertura. Essa é uma decisão da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), que passa pelo governo federal e a concessionária tem que fazer os estudos dela. A parte do estado, acredito que está sendo feita, há um desejo manifestado por nós e acreditamos que a partir do ano que vem já tenhamos uma ideia mais clara sobre esse tema. A ideia é termos na Pampulha uma característica de ponte aérea, ligando BH a alguns destinos específicos, especialmente às grandes capitais do país, com São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília como os primeiros destinos", disse o secretário à época.

INICIATIVA PRIVADA A administração do Aeroporto da Pampulha foi oficialmente repassada à iniciativa privada em fevereiro do ano passado. A CCR, mesma concessionária que opera Confins, ficará responsável pelo terminal pelos próximos 30 anos e deverá investir cerca de R$ 151 milhões durante o período. Nos três primeiros anos, R$ 65 milhões deverão ser aplicados no terminal.

Em nota, o grupo CCR afirma que segue com avanços no cronograma de investimentos para o aeroporto e se mantém disposto a estudar soluções e projetos voltados à diversificação na oferta de serviços de aviação. A empresa ainda salientou a realização de obras no terminal para a construção de um centro comercial, previstas para começar neste semestre. "É importante destacar que o desenvolvimento de um novo Terminal de Passageiros integrado a um Complexo Comercial, com uma concepção moderna e de alto padrão e que também contará com um Edifício Garagem, ainda é um projeto preliminar e está sujeito a adequações, bem como à avaliação de viabilidade econômica e financeira, análise e aprovação da própria Seinfra, além dos órgãos responsáveis pelo licenciamento ambiental e patrimônio histórico, dentre outros".

A opinião de quem estuda a aviação na capital mineira varia em relação ao futuro do Aeroporto da Pampulha, mas não é descartada a possibilidade de um retorno do espaço a um posto de protagonismo em BH. Lúcio Flávio de Paula, presidente da associação "Pampulha Já", que se manifesta pela utilização comercial do terminal, acredita que a concessão deixou o espaço ou o objetivo do grupo mais distante da realidade.

Para Lúcio Flávio, a intenção de não distribuir voos comerciais com Confins era reconhecida antes de o terminal da Pampulha ser entregue à administração privada. Ele aponta que a previsão de ter rotas saindo da Pampulha para outras cidades no estado e no país não foi apresentada pela CCR no estudo de viabilidade para a concessão e há um empecilho representado pela gestão conjunta dos aeroportos.

Saguão e fachada do terminal: administração foi concedida em fevereiro do ano passado à mesma concessionária que opera Confins

"A administração do Aeroporto da Pampulha foi passada ao governo do estado pouco antes da 7ª rodada de investimentos federais, que o contemplaria e também a outros aeroportos como Santos Dumont. Desde então, já é sabida uma intenção de não ter voos comerciais na Pampulha para não prejudicar Confins. Outra questão é que a CCR administra Confins junto com o grupo Zurich e poderia haver algum embaraço nessa parceria se houvesse um proatividade em ter voos comerciais na Pampulha", aponta.

Já para o professor e coordenador do Curso de Ciências Aeronáuticas da Universidade Fumec, Aloísio Santos, a gestão conjunta de Pampulha e Confins não é um problema em si. Ele crê que a mesma empresa administrando os dois aeroportos pode favorecer a uma divisão entre as rotas, deixando voos para dentro do estado partindo do terminal da pampulha.

"Eu vejo com bons olhos ter a mesma administradora nos dois aeroportos. Se fossem concessionárias diferentes, nós poderíamos ter problemas. Você pode pensar que a concessionária pegou a Pampulha para assegurar que não houvesse concorrência. Eu acho que não foi assim, porque é um grupo sério. O que nos foi passado é que precisa ser feito investimento em infraestrutura e agora cabe ao poder público cobrar que ele saia do papel. É possível deixar a Pampulha como terminal para voos regionais e deixar voos domésticos e internacionais em Confins. Assim, você abre emprego em várias frentes, vários aeroportos que você viabiliza em várias cidades. Só não vai pra frente, porque falta investimento e análise de demanda e oferta", aponta.

VIABILIDADE EM QUESTÃO Lúcio Flávio de Paula, do movimento "Pampulha Já", avalia que existe demanda suficiente em Belo Horizonte para que o aeroporto da capital possa ter voos domésticos para locais próximos, como São Paulo, sem prejudicar as rotas já estabelecidas em Confins. "Em BH temos uma demanda reprimida, especialmente para viagens rápidas. Muita gente deixa de viajar por conta de a cidade ter o aeroporto mais distante do país, em Confins. Essa demanda reprimida faz com que passageiros da aviação comercial migrem para a aviação executiva. Os voos executivos mais comuns na Pampulha vão para o Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, isso sugere que é viável ter viagens comerciais", explica.

Na visão do presidente da "Pampulha Já", o aeroporto reúne condições técnicas para comportar a aviação comercial, embora precise de algumas melhorias. No entanto, ele se preocupa com a possibilidade de medidas que inviabilizem essa ampliação do uso do terminal. "O aeroporto tem certificação para operação para aeronaves do porte até do Boeing 737. Evidentemente, não tem alguns equipamentos necessários para pousos em situações adversas, como de clima, mas isso não impede a utilização. O que nos preocupa é o contrato de concessão elaborado pela própria CCR que prevê algumas medidas artificiais como a desativação do serviço de combate ao incêndio, o que pode tornar o aeroporto inoperável para voos comerciais. Ainda assim, as normas para a aviação são federais e parte da União a decisão final nesse caso", argumenta.

O coordenador do curso de Ciências Aeronáuticas da Universidade Fumec, Aloísio Santos, vê no Aeroporto da Pampulha um potencial para fortalecer as viagens comerciais dentro do próprio estado. O especialista aponta que o terminal ainda precisa de melhorias de infraestrutura para viabilizar uma agenda de voos comerciais, como obras de drenagem. Tais intervenções estão programadas para o início de 2023, de acordo com a Seinfra.

Na avaliação de Santos, seria interessante que a Pampulha fosse destinada a voos regionais, dentro do próprio estado. O professor acredita que a medida ajudaria a fortalecer terminais em outras cidades mineiras. "É importante investir na aviação regional e isso tem que ser feito analisando a demanda e a oferta. Não dá para simplesmente criar a concessão de 10 voos diários para determinada cidade sem saber se há passageiros. A Pampulha pode ser destinada a voos comerciais regionais, desta forma se investe nesse tipo de viagens. Assim você abre emprego em várias frentes, são vários aeroportos que você viabiliza em várias cidades. O impacto socioeconômico não fica na Pampulha".

Moradores e passageiros divididos

A possibilidade do retorno de viagens comerciais à Pampulha não gera opiniões unânimes entre passageiros e vizinhos do aeroporto ouvidos pela reportagem. Estevão da Cruz é supervisor de manutenção e costuma viajar em voos particulares para funcionários da empresa onde trabalha. Ele aprova a estrutura e aponta a praticidade e facilidade de acesso como trunfos do terminal. "Sou de Itabirito e a praticidade e a localização daqui são perfeitas, principalmente para quem mora no interior, os custos são mais baratos, o tempo na estrada fica menor e o risco também. Para Confins, eu tenho que sair de casa umas seis horas antes do voo e, com isso, você acaba perdendo muito tempo do dia. Se eu pegar um voo às 6h ou 7h da manhã, preciso dormir em BH", disse.

Ele complementa elogiando a estrutura do aeroporto: "Minha experiência aqui é sempre tranquila, os voos funcionam bem. Nunca tive problema e já fiz mais de 20 voos. É muito válido ter voos comerciais aqui e de grande benefícios para muita gente".

O aeronauta Eugênio Rocha mora há mais de 50 anos em uma rua paralela à pista do aeroporto. Ele não acredita que o fluxo de voos na Pampulha retorne ao que era antes de Confins e, ainda que a aviação comercial retorne ao bairro, pensa que existem intervenções mais prejudiciais à vizinhança. "Não acho que vá voltar porque o aeroporto não tem mais condições de receber a mesma quantidade de voos. Se voltar, não me incomoda. Eu moro aqui esse tempo todo e o aeroporto já estava aqui antes de mim. Neste quarteirão, fizeram mais de 300 apartamentos e vão fazer ainda mais e nós não temos rua para suportar essa quantidade de pessoas. Isso é muito pior que o aeroporto", avalia.

Quem já mora nas proximidades do aeroporto há mais tempo lembra de quando o terminal era o principal do estado e não vê com bons olhos um eventual aumento de fluxo no local. É o caso da analista comercial Elizabeth Rocha. "Moro há mais de 30 anos no bairro, no tempo em que havia voos comerciais. Tinha um avião da Vasp que passava aqui que era muito barulhento, parecia que o céu estava caindo na cabeça da gente, meu filho nasceu aqui com esse barulho. Era muito ruim, mas a gente acaba se acostumando com o barulho. Mas quando os voos comerciais foram para Confins foi excelente", disse a moradora do Bairro Santa Amélia.

Rogério Carneiro de Miranda é coordenador do Movimento Pampulha Viva, que reúne associações de vizinhos do aeroporto. Ele também tem ressalvas quanto ao retorno da aviação comercial no terminal e faz críticas ao funcionamento atual, restrito a voos particulares e fretados. "É um aeroporto que tem uma distância de apenas 300 metros da pista até as residências. Ele está numa cota geográfica mais baixa do que os bairros, então é como uma arena, os vizinhos em locais mais altos escutam lá de baixo todo o barulho do aeroporto. Outro problema é o vento que vem da Serra da Piedade e traz, para quem mora no lado sul, o cheiro muito forte de querosene utilizado pelos jatos, por exemplo", aponta.

O professor Aloísio Santos ressalta que a viabilidade de retomar a aviação comercial na Pampulha passa, impreterivelmente, por uma discussão envolvendo todos os atores envolvidos. "Os voos comerciais na Pampulha seriam viáveis desde que houvesse um estudo e isso fosse discutido com a sociedade. Só a questão econômica é viável, mas e a questão social e ambiental? Isso precisa ser trazido para a mesa".

SAÚDE

Incidência da doença em BH bate em 18,3 em 24 de fevereiro, contra média de 6,65 novos casos por 100 mil habitantes nos 14 dias até a terça de carnaval. Hora é de se prevenir

COVID-19 avança após a folia

Maicon Costa

Belo Horizonte chegou ao fim da folia com forte elevação na incidência de COVID-19 na população. Em 24 de fevereiro, último dado disponível, o número bateu em 18,3 novos casos por 100 mil habitantes. Isso representa uma alta de 175% em relação à média diária de 6,65 novos casos entre os dia 8 e 21 apontada em gráfico do boletim epidemiológico da prefeitura da capital mineira. O período usado na comparação corresponde aos 14 dias corridos – base de cálculo para a taxa de incidência da doença – até a terça-feira de carnaval. Apesar do crescimento da transmissão da doença os atendimentos nas unidades de saúde e internações não acompanharam a elevação.

Mas com o vírus circulando, a ordem é manter a caderneta de vacina em dia. De acordo com o boletim, desde 1º de janeiro foram confirmados 1.384 casos de COVID-19 na capital mineira, que resultaram em 15 mortes. Desde o início da pandemia, em março de 2020, Belo Horizonte registrou 8.434 óbitos provocados pelo coronavírus.

De acordo com o infectologista Carlos Starling, os dados sugerem um aumento importante de casos da doença, mas, apesar disso, ele ressalta que não tem observado elevação das internações na mesma proporção. Entretanto, ele alerta: "O vírus continua circulando de forma intensa e a transmissão acelerou durante os períodos de aglomeração do carnaval. Atualizar a vacinação é fundamental. Pessoas vulneráveis devem evitar aglomerações e, se isso não for possível, usar máscaras nesses ambientes aglomerados."

A Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) confirma a observação do infectologista e informa que, de fato, a elevação da incidência da doença não provocou pressão sobre o sistema de saúde. "O Boletim COVID 571 aponta um aumento da transmissão (incidência de novos casos), além da positividade dos exames realizados nos equipamentos municipais. A PBH ressalta ainda a ausência de gravidade clínica dos casos notificados e que não houve registro, até o momento, do aumento de atendimento pela COVID-19 nas unidades de saúde", diz a administração municipal em em nota enviada ao **Estado de Minas**.

Dados divulgados pela Secretaria Municipal de Saúde na quarta-feira dão uma ideia sobre elevação da positividade dos testes de COVID-19 durante o carnaval. Entre 19 e 25 de fevereiro, foram realizados 6.421 testes nas unidades da rede saúde próprias do município, com índice de positividade de 7%, uma alta de 2 pontos percentuais – ou 40% – em relação ao índice verificado semana anterior. Entre 12 e 18 de fevereiro, foram realizados 7.289 testes, com positividade de 5%. Já entre 5 e 11 de fevereiro, 5.541 testes foram feitos, com positividade de 6%.

Segundo a PBH, na central da URS Sagrada Família, que operou de forma especial no carnaval, em 18, 19 e 21 de fevereiro, foram feitos 99 testes, sendo 11 deles positivos, um percentual de 11,1%. Já nas 152 unidades de saúde, na segunda-feira (20/2), foram realizados 400 exames para detecção da COVID-19.

JAIR AMARAL/EM/D.A PRESS - 6/1/22

Para especialistas, manter a vacinação em dia é imprescindível para evitar casos graves da doença, já que o vírus continua a circular de forma intensa

Pesquisa revela alto nível de infestação do Aedes em Minas

Levantamento Rápido de Índices para *Aedes aegypti* (LIRAa) de 2023 da Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais (SES-MG) aponta que, dos 827 municípios que participaram do estudo, 321 deles (38,8%) apresentam o Índice de Infestação Predial (IIP) igual ou maior que 4 – ou seja, estão em situação de risco para a transmissão de dengue, chikungunya e zika, doenças transmitidas pelo mosquito. Outros 337 municípios (40,8%) estão em alerta e, em 169 (20,4%), o indicador foi classificado como satisfatório, pois o IIP é menor que 1. O IIP indica o percentual de imóveis que apresentaram recipientes infestados por larvas de mosquito *Aedes aegypti* em relação ao total de imóveis que foram vistoriados pelos agentes de combate a endemias (ACE).

O LIRAa, realizado junto aos municípios mineiros quatro vezes ao ano, é parte da estratégia de monitoramento e controle do mosquito. Embora a Vigilância Estadual não considere apenas este levantamento para avaliar a situação epidemiológica quanto à dengue, chikungunya e zika, os dados apresentados pelo documento podem ser considerados como um indicativo de alerta para locais com possibilidade mais acentuada de aumento no número de casos dessas arboviroses.

Coordenadora da Vigilância Estadual das Arboviroses da SES-MG, Danielle Capistrano ressalta que, a partir dos resultados do Liraa, cada município pode otimizar e direcionar as ações de controle do vetor, delimitar as áreas de maior risco, avaliar as metodologias aplicadas no controle do mosquito e contribuir para as atividades de comunicação e mobilização, por meio da ampla divulgação dos resultados dos índices.

"Em casos de municípios mais críticos, existe, ainda, o apoio da Força Estadual em todos os eixos envolvidos, como assistência, laboratório, controle do vetor, comunicação e mobilização, vigilância epidemiológica e gestão", salienta a coordenadora.

CRIADOUROS O Lira possibilita identificar também onde o mosquito está procriando, por meio do Índice por Tipo de Recipiente (ITR), que indica o percentual de cada recipiente encontrado com larvas de *Aedes aegypti* nos imóveis em relação a todos os recipientes encontrados infestados durante as visitas dos agentes de combates a endemias dos municípios.

Em janeiro, a maioria (30,8%) dos recipientes infestados em Minas Gerais era formada de depósitos móveis, como vasos ou frascos, pratos, bebedouros e materiais em depósitos de construção; seguidos dos depósitos passíveis de remoção/proteção, como lixo, sucata e entulho (23,8%); e dos depósitos utilizados no armazenamento de água para consumo humano ao nível do solo (15,8%), como tonel, tambor, barril e filtro.

Os tipos de depósitos de água menos infestados pelo mosquito foram os pneus e outros materiais rodantes (9,9%), os depósitos fixos, como tanques em obras, calhas, lajes, piscinas e ralos (8,1%); os depósitos de água elevados ligados a sistema de captação (7,1%), como caixa d água e tambor; e os depósitos naturais (bromélias, ocos de árvores e rochas (4,5%).

"É importante ressaltar que este perfil de recipientes mais infestados em janeiro de 2023 é muito semelhante ao encontrado no mesmo período do ano passado", afirma Danielle. "O ITR é mais um indicador que propicia o redirecionamento e a intensificação de algumas intervenções mais específicas de controle vetorial ou, ainda, a alteração de certas estratégias de controle já adotadas pelos municípios, melhorando o aproveitamento dos recursos humanos e dos recursos materiais, como o uso otimizado dos inseticidas", explica Danielle.

COMBATE Segundo Maxsuel Oliveira, agente de combate a endemias, a melhor forma de combater o mosquito é evitar que ele se prolifere. "O ciclo de vida do mosquito começa a partir do momento em que ele tem acesso a um recipiente em que possa botar os ovos. Esses ovos viram larvas, depois pupas e então mosquitos. Num intervalo de 35 a 45 dias, o mosquito fêmea do Aedes aegypti é capaz de transmitir a dengue para cerca de 90 pessoas. Em cada ciclo, é possível botar até 500 ovos, então são 500 novos mosquitos naquele local", explica.

"Por isso é muito importante que qualquer recipiente que acumule água seja descartado e que os moradores sempre verifiquem o quintal para eliminar qualquer coisa que esteja parando água, seja um pratinho, um copinho ou uma tampinha e também as calhas que podem encher com as chuvas ou entupir de folhas. Enfim, nos quintais há muitas coisas que não são percebidas diariamente e onde o mosquito consegue se reproduzir", alerta o agente. "Outra medida essencial é a manutenção regular das caixas d'água, num período de até seis meses. Também é importante verificar as plantas que acumulam águas em suas folhas", complementa Oliveira.

CASOS Segundo dados do Boletim Epidemiológico de Arboviroses Urbanas, até 27 de fevereiro, Minas Gerais registrou 50.101 casos prováveis (casos notificados exceto os descartados) de dengue. Desse total, 13.802 casos foram confirmados para a doença. Há quatro óbitos confirmados por dengue no estado e 21 óbitos em investigação. Em relação à febre chikungunya, foram registrados 18.371 casos prováveis da doença, dos quais 4.536 foram confirmados. Até o momento, não há nenhum óbito confirmado por chikungunya em Minas Gerais e um está em investigação. Quanto ao vírus zika, até o momento foram registrados 72 casos prováveis. Há um caso confirmado para a doença e não há óbitos por zika em Minas Gerais, até o momento.

LEANDRO COURI/EM/D.A PRESS - 20/2/18

Mulher faz vistoria em vasos de plantas: pratinhos com água podem se transformar em criadouros do mosquito

RELIGIÃO

Imagem da padroeira de Minas volta ao altar na Serra da Piedade

Gustavo Werneck

A imagem de Nossa Senhora da Piedade, do século 18, foi reconduzida na manhã de ontem ao altar da Ermida da Padroeira de Minas, no Santuário Basílica Nossa Senhora da Piedade, na Serra da Piedade, em Caeté, na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Para recebê-la, houve um momento de oração, após a missa das 9h, celebrada pelo reitor do santuário, padre Wagner Calegário, e os pró-reitores, padres Felipe Carvalho e Samel Fidelis. Peregrinos estiveram no local para participar da celebração e visitar a Serra da Piedade, que está com os portões abertos desde 22 de fevereiro.

A imagem atribuída a Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho (1738-1814), ficou dois meses fora do altar para passar por um processo de desinfestação juntamente com dois degraus do retábulo, infestados por cupins. Padre Wagner ressaltou que os peregrinos chegam à Serra da Piedade querendo ver a imagem de Nossa Senhora da Piedade, "com seus traços que mostram as dificuldades da vida, mas trazem um olhar de esperança". Lembrou que Nossa Senhora da Piedade significa "um modelo de Igreja, da esperança que carregamos, dos horizontes que precisamos e, principalmente, do modo que devemos olhar o presente. É um modelo de mãe e exemplo do que esperamos tanto a cada dia: recomeço".

O criterioso processo de desinfestação iniciado em 20 de dezembro teve como responsável o especialista Adriano Ramos, do Grupo Oficina de Restauro. Nesse processo, foi usado o método de anóxia ou anoxia, que consiste em colocar as peças (imagem e degraus) dentro de uma bolha de plástico especial, com barreiras, fechado com válvulas. Na etapa seguinte, foi injetado nitrogênio para retirar todo o oxigênio existente no interior. "Isso mata tudo o que estiver vivo dentro da bolha. Usamos um oxímetro para monitorar e manter zero de oxigênio na bolha", informou Adriano Ramos.

BARREIRA QUÍMICA Quando a imagem e os dois degraus foram retirados, foi feita uma barreira química e aplicado um inseticida imunizante. Adriano ressaltou que os cupins foram encontrados apenas nos dois degraus do trono da padroeira, e não na imagem do século 18. "Resolvemos agir por precaução a fim de se evitarem surpresas. Não encontramos cupins na imagem, mas é fundamental fazer a prevenção."

Para realização do serviço de desinfestação, foi montada uma sala especial atrás da Ermida da Padroeira de Minas – Basílica da Piedade, que é a menor basílica do mundo. Adriano destacou que a intervenção tem acompanhamento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Conforme noticiou o **Estado de Minas** em 21 de dezembro, essa foi a quarta vez que Nossa Senhora da Piedade deixou seu altar no templo vinculado à Arquidiocese de Belo Horizonte. A peça tem 1,25 metro de altura por 1 metro de largura e pesa cerca de 100kg. À frente do santuário está o reitor e pároco, padre Wagner Calegário de Souza.

AGENDAMENTO O Santuário Santuário Basílica Nossa Senhora da Piedade foi reaberto, para a acolhida de fiéis, peregrinos e visitantes, em 22 de fevereiro. As visitas estavam temporariamente suspensas em razão de obras de segurança nas proximidades da estrada que leva ao ponto mais alto da Serra da Piedade. Com a conclusão das obras, as visitas podem ser novamente agendadas pelo site www.santuarionsdapiedade.org.br.

FOTOS: GUILHERME DE SIMÕES/ARQUIDIOCESE DE BH/DIVULGAÇÃO

Depois de dois meses fora do espaço, a imagem de Nossa Senhora da Piedade, atribuída a Aleijadinho, foi reconduzida ao altar da Ermida da Padroeira

CLASSIFICADOS ESTADO DE MINAS

www.classificados.em.com.br

CENTRO

1 LUGAR CERTO COMPRA E VENDA

RESIDENCIAIS BELO HORIZONTE

C

Centro

CENTRO
Apto reformado próx Shop. Cidade, 3qtos, ste, 1 vga, pronto para morar,j26 - RB1657, 450 mil
99985-1510
RB imóveis RBIMOVEIS.com.br

F

Funcionários

FUNCIONÁRIOS
Região hospitalar, apto novo, 2qtos, 2 vgs, varanda, suíte, elevador J26 RB 1700-
99985-1510
RB imóveis RBIMOVEIS.com.br

FUNCIONÁRIOS
Apto próx. Faculdade Direito, 3qtos, porteiro, 1vg, vazio J26 RB1678- 550mil
99985-1510
RB imóveis RBIMOVEIS.com.br

L

Lourdes

LOURDES
Apartamento 180m2 próx. Assembleia, 4qtos, varandão, 3vgas, lazer completo, jardins j26 RB 1654
99985-1510
RB imóveis RBIMOVEIS.com.br

Vrum. O conteúdo mais completo sobre veículos.
vrum.com.br ESTADO DE MINAS

SANTO ANTÔNIO

S

Santo Antônio

GUTIERREZ
Apto 220m2, área privativa, s/escadas, 3 quartos, rua plana, próx.comércio, 2 vgs j26 RB1681
99985-1510
RB imóveis RBIMOVEIS.com.br

1 LUGAR CERTO ALUGUEL

RESIDENCIAIS BELO HORIZONTE

A

Anchieta

ANCHIETA
Apartamento luxo 1090m2 4suites, 5vgs var. c/piscina lazer comp. e DCE segurança j26
3275-1510
RB imóveis RBIMOVEIS.com.br

F

Funcionários

FUNCIONÁRIOS
Casa comercial 250m2 na R. Pernambuco, 3 salas, 5 quartos, 5 bhs, 4 vgs, exc. localização J26
3275-1510
RB imóveis RBIMOVEIS.com.br

L

Lourdes

LOURDES
Casa comercial reformada 350m2 na Rua da Bahia, 3 salas, 4 bhs, 8 vgs, exc. local j26
3275-1510
RB imóveis RBIMOVEIS.com.br

VILA DEL REY

RESIDENCIAIS GRANDE BH

NOVA LIMA

Vila Del Rey

NOVA LIMA
Casa em condomínio, 900m2, ampla área verde, 4 suítes, varanda com vista, lazer completo. j26
3275-1510
RB imóveis RBIMOVEIS.com.br

[COMERCIAIS]

Belo Horizonte

STO AGOSTINHO
Sala com. 35m2 bho 1vg port/segurança 24h.,px Colégio Loyola Prédio c/ AVCB j26
3275-1510
RB imóveis RBIMOVEIS.com.br

4 NEGÓCIOS & OPORTUNIDADES

COMÉRCIO E NEGÓCIOS

Postos de Abast

POSTOS ABASTEC.
Postos para Iniciantes. Alugo e treino. Ótimos. C10421
(31) 99982-2215 - Darci

COMUNICADOS, ATAS E EDITAIS

a. Declarações e Avisos
b. Editais
c. Leilões
d. Perdidos e Achados
e. Proclamas de Casamento

b. Cotas, Ações e Títulos

JAZIGO 31-98500-8500
C/ 02 gavetas, no ponto + nobre do Cemitério Parque da Colina. ALAMEDA MAGNÓLIA. 100% regularizado.

Outros

AGRADECIMENTO
Agradeço a Santa Virgínia, grande graça alcançada. Jane Caram

TURISMO E LAZER

Imóv. Temporada

CABO FRIO 31-99342-5398
Praia Forte fam bom gosto,tod equip.9pes 2vgs 31-2514-7860

[ADULTO]

Acompanhante

RELAX 3899962-1964
DIANA lindos pés. Dominá-lo é meu Prazer. Tê-lo aqui é uma ordem!

JORNAL ESTADO DE MINAS CONTRATA:

PROFISSIONAIS COM DEFICIÊNCIA

PEDIMOS:

- Segundo Grau Completo ou Superior em Curso
- Conhecimento do Pacote Office, principalmente Excel

OFERECEMOS:

- Salário fixo;
- Convênio Médico;
- Vale refeição;
- Auxílio creche;
- Vale Transporte;
- Seguro de Vida

Os interessados deverão enviar seu currículo para: recrutar.rh@uai.com.br

Assunto: PCD

O **portal** está de cara nova e agora traz as principais notícias do mercado, testes, avaliações e dicas para fazer um bom negócio quando for comprar, vender ou trocar um veículo.

E, o **Boris Feldman** é quem está **por trás** de **tudo isso!**

Acesse **vrum.com.br** e confira as novidades

ESTADO DE MINAS

VIOLÊNCIA CONTRA ELAS

Marido é investigado por atropelamento fatal, em caso que engrossa onda de assassinatos de mulheres em MG. Só em janeiro, foram 11 mortes, 55% mais que em igual mês de 2022

Mais um crime em BH expõe a ESCALADA DO FEMINICÍDIO

Bel Ferraz e Clara Mariz

Mais de 30% das mulheres brasileiras com mais de 16 anos sofreram algum tipo de violência por parte dos seus parceiros ou ex-companheiros em 2022, no Brasil. Os dados são de uma pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, feita pelo DataFolha e publicada ontem (2/3). O levantamento aponta que todas as formas de violência contra a mulher aumentaram no último ano numa escalada preocupante. Na escala máxima da gravidade da violência contra as mulheres, o total de crimes de feminicídio cresce neste início de ano tanto em Minas Gerais como um todo quanto na capital mineira, apontam dados das autoridades do estado. Na madrugada de ontem, em Belo Horizonte, uma mulher de 39 anos morreu depois de ser atropelada por um caminhão em um posto de combustível, no Anel Rodoviário, na altura do Bairro Olhos D'Água, na Região Oeste de Belo Horizonte. O principal suspeito do crime é o marido dela.

O caso está sendo investigado pela Polícia Civil e, inicialmente, está sendo tratado como feminicídio. A equipe do **Estado de Minas** foi ao local do atropelamento e notou que o cheiro de sangue ainda era muito forte na manhã do dia do crime. A perícia esteve no local e o corpo da mulher foi levado para o Instituto Médico-Legal (IML).

De acordo a Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública de Minas Gerais, em janeiro de 2023 três mulheres foram vítimas de tentativas de feminicídio na capital mineira. O número triplicou em relação ao mesmo período de 2022, quando foi registrado um feminicídio tentado e um consumado. Em Minas Gerais, apenas em janeiro, o crime de feminicídio tirou a vida de 11 mulheres, um aumento de 55% em relação ao ano passado, quando o total foi de sete. Outras 14 mulheres sobreviveram a tentativas de assassinato praticadas principalmente por homens com que se relacionavam ou ex-companheiros, um aumento de quase 15% em relação aos 12 casos do ano anterior.

LEANDRO COURI/EM/D.A PRESS

Marcas da violência: sangue no chão denuncia o crime, cometido quando a vítima estava ao lado da filha, que foi entregue à avó paterna

No caso da madrugada de ontem, o suspeito fugiu do local, e até o fechamento desta edição não havia sido preso. A mulher estava ao lado da filha, que após o crime, foi entregue à avó paterna. O crime ocorre menos de uma semana depois de outra mulher ter sido atacada e, felizmente, conseguido sobreviver. A vítima, de 37 anos, foi baleada quatro vezes durante uma discussão com o namorado, em 24 de fevereiro, no Bairro Liberdade, na Região da Pampulha, na capital mineira. A mulher conseguiu fugir e foi socorrida por moradores até a chegada do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu). Ela foi levada para o Hospital João XXIII com ferimentos no rosto, em um dos ombros e na coxa esquerda.

Dentro do apartamento do suspeito, a polícia encontrou uma arma, que pode ter sido usada no crime. Ele foi preso três dias depois do crime. Conforme a Polícia Civil, as investigações das circunstâncias e motivos do crime ainda estão em andamento. "A vítima segue hospitalizada e sem condições de ser ouvida".

AGRAVAMENTO O levantamento realizado pelo Datafolha, a pedido do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, aponta um agravamento de todas as formas de violência contra a mulher no país, em 2022. A pesquisa foi feita entre os dias 9 e 13 de janeiro e ouviu 2.017 pessoas, em 126 municípios. Conforme o levantamento, 33,4% das brasileiras maiores de 16 anos, ou seja 21,5 milhões de mulheres, foram vítimas de violência física ou sexual por parte dos parceiros ou ex. Os números são maiores que a média global, de 27%, divulgada pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Entre as principais formas de violência provocadas por parceiros ou ex, a psicológica, com 21 milhões de casos, é a mais relatada. Em seguida está a violência física, com 15,8 milhões de casos, e a sexual, com 13,6 milhões. Além disso, 28,9% das brasileiras, ou seja, 18,6 milhões, sofreram algum tipo de violência ou agressão. Sendo que desse total, 14,9 milhões foram violências verbais; 8,7 milhões perseguição, 7,6 milhões agredidas com socos ou chutes, 3,5 milhões foram espancadas ou sofreram tentativa de espancamento, e 3,3 milhões foram ameaçadas com faca ou com arma de fogo.

A pesquisa mostra, ainda, que a proporção de mulheres negras vítimas de violência é maior do que entre as brancas. O levantamento mostra que 45% das mulheres negras afirmam que já sofreram alguma violência ou agressão ao longo da vida, número que cai para 36,9% entre brancas.

A diferença continua no caso de violência física severa. Enquanto 6,3% das negras afirmam que já foram vítimas de espancamento, 3,6% das brancas sofreram esse tipo de ataque . Algo similar acontece entre as vítimas de ameaça com faca ou arma de fogo – negras (6,2%) e brancas (3,8%).

"ESCRAVIDÃO"

Fiscais resgatam trabalhadores

Vinícius Lemos

Especial para o EM

Treze trabalhadores rurais foram resgatados em situação análoga à escravidão em Monte Alegre de Minas, no Triângulo Mineiro, ontem. Eles trabalhavam no corte de eucalipto e eram expostos a produtos que traziam risco, não tinham alimentação adequada e direitos trabalhistas eram desrespeitados. O caso foi descoberto pela Gerência do Trabalho de Uberlândia e pela Polícia Rodoviária Federal (PRF). A investigação começou em 14 de fevereiro.

Uma empresa de Uberlândia contratou os 13 trabalhadores para trabalhos como operador de motosserra e de auxiliar. Onze deles são do Distrito de Tapuirama, em Uberlândia, e de cidades do Norte de Minas. Outros dois são nordestinos. Ainda que o trabalho fosse em Monte Alegre, os contratados estavam alojados na cidade de Prata, viajando todos os dias para a fazenda onde prestavam o serviço, numa distância de 70 quilômetros. A van que os transportava está em estado de manutenção e conservação precários, com os assentos rasgados e sujos, e sem cintos de segurança

Ontem, a fiscalização foi até a fazenda para autuar os responsáveis. Na fazenda não havia fornecimento de alimentação nem forma de conservação ou aquecimento dos alimentos levados pelos próprios trabalhadores, segundo os fiscais. Não foram providenciados nem sequer local adequado para realização das refeições ou instalações sanitárias para o grupo.

Os trabalhadores não tinham garantia de 13º salário, férias remuneradas e não havia recolhimento do FGTS. Também estavam expostos a riscos químicos, físicos e de acidentes de trabalho no imóvel onde estavam alojados. O local era utilizado como depósito de gasolina e óleo queimado, mantidos em recipientes plásticos, ao lado da parede de um dos cômodos. Os contratantes também não deram vestimentas e equipamentos de proteção individual.

Verbas rescisórias e salariais dos trabalhadores de mais de R$ 95 mil foram pagas após a força-tarefa. Foi regularizada a questão do seguro-desemprego de cada um, dando o direito a eles de três parcelas de um salário-mínimo.

e mais...

CASAL CONDENADO

O Tribunal de Júri do Fórum de Araxá concluiu, no início da madrugada de ontem, o julgamento de três réus acusados de homicídio duplamente qualificado de Adriana Francisca de Souza, de 30 anos, ocorrido em 21 de setembro de 2018, após a vítima ter, supostamente, furtado pedras de crack dos acusados. Após mais de 15 horas de julgamento, um dos réus, de 40, foi absolvido. O casal Silvania Gonçalves Borges, de 50, e Joel Cleyton de Oliveira, de 45, foi condenado a 14 anos de prisão em regime fechado pelo crime de homicídio consumado e mais três anos de prisão pelo crime de associação para o tráfico de drogas. Eles foram encaminhados ao presídio de Araxá.

Fungo converte plástico em nova matéria-prima

Micro-organismos modificados se alimentam de pequenos pedaços de polietileno e geram compostos para a indústria farmacêutica

FERNANDA FONSECA*

ORLANDO SIERRA/AFP

No experimento, polímeros retirados do oceano foram reduzidos em pequenas partículas em quatro dias. Processos tradicionais duram semanas

Os fungos sempre foram motivo de interesse entre pesquisadores: no século 20, o gênero Penicillium notatum deu origem à penicilina, um dos antibióticos mais usados, até hoje, contra infecções no mundo. Estudos recentes indicam a aplicação desses organismos para funções diversas – como produção de combustíveis, degradação de compostos químicos e até fabricação de detergentes. Agora, um grupo de cientistas de universidades norte-americanas trabalha em um projeto para usá-los na transformação de resíduos plásticos de oceanos em componentes-chave para produtos farmacêuticos.

O estudo, publicado pela Angewandte Chemie, uma revista da Sociedade Alemã de Química, recorre a um fungo comum do solo, o Aspergillus nidulans, para a conversão de polietileno, um tipo de plástico muito utilizado no dia a dia – em sacolas e embalagens, por exemplo –, em produtos úteis à indústria. Aristóteles Góes-Neto, coordenador do Laboratório de Biologia Molecular e Computacional de Fungos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), explica que esse microfungo é próximo ao Penicillium. "É uma espécie muito estudada cientificamente e, inclusive, um dos modelos do qual, estudando, conhecemos muito sobre genética", diz.

Partindo de uma abordagem química, os pesquisadores transformaram os polietilenos em partículas com tamanho suficiente para serem digeridas pelos fungos. No processo, oxigênio e catalisadores relativamente baratos quebraram as longas cadeias de átomos de carbono do plástico em moléculas menores, chamadas ácidos dicarboxílicos, explica Berl Oakley, coautor do artigo e professor de biologia molecular na Universidade do Kansas.

Segundo André Casimiro de Macedo, professor do Departamento de Engenharia Química da Universidade Federal do Ceará (UFC), o processo utilizado é uma clivagem oxidativa do polímero. As cadeias de átomos de carbono resultantes do plástico decomposto servem como alimento para fungos que foram geneticamente modificados para o objetivo da equipe americana.

"Basicamente, o Aspergillus come esses compostos e usa os átomos de carbono, hidrogênio e oxigênio para crescer e realizar outras atividades celulares. Nós o projetamos para que usasse esses átomos para produzir compostos farmacologicamente relevantes", explica Oakley. Os micro-organismos metabolizaram asperbenzaldeído, citreoviridina e motilina, utilizados em medicamentos diversos, como para distúrbios no trato digestivo.

Ao contrário das abordagens anteriores, relata o cientista, os fungos modificados digerem os polímeros com maior velocidade, podendo produzir grandes quantidades de compostos farmacologicamente ativos em até quatro dias. Os processos tradicionais duram meses. "Se nossa técnica fosse um carro, ele estaria a 200 milhas por hora, alcançando 60 milhas por galão e funcionaria com óleo de cozinha reaproveitado", enfatiza, em nota.

A melhora no processo se deve, em grande parte, ao aprimoramento da expressão dos genes do Aspergillus nidulans feito no laboratório Universidade do Kansas. "Modificamos o genoma de várias maneiras para que ele produzisse os compostos farmacologicamente ativos com grande eficiência. Sem essas modificações, muito pouco é produzido", avalia Oakley.

ARQUIVO PESSOAL

André Casimiro de Macedo, professor do Departamento de Engenharia Química da Federal do Ceará, diz que o processo utilizado é uma clivagem oxidativa do polímero

BIOPOTENCIAL Góes-Neto lembra que fungos e derivados estão intensamente presentes no dia a dia do ser humano, desde os cogumelos comestíveis, queijos, bebidas fermentadas a enzimas utilizadas em processos industriais diversos. "Ou seja, quando você acorda, come produtos em que se usa fungos, o pão, por exemplo. E são eles que te curam quando você está doente, que agem na decomposição, já que são os principais decompositores de ambientes terrestres no nosso planeta", ilustra.

Esses organismos também são grandes produtores de compostos chamados metabólitos secundários, que têm grande potencial biotecnológico, afirma o especialista da UFMG. "Por exemplo, os próprios antibióticos naturais, como a penicilina, são exemplos de metabólitos secundários produzidos por fungos." Há a expectativa de desenvolvimento de compostos com funções antiparasitárias, imunossupressoras, antitumorais e antivirais.

Por isso, os fungos têm sido o foco de muitos estudos visando o seu escalonamento industrial. "Sobretudo pela enorme variedade de espécies e pela infinidade de moléculas que podem ser produzidas. Algumas dessas podem ser mais complexas do que a maioria das substâncias obtidas de forma sintética", afirma André Casimiro. "O objetivo dos pesquisadores era explorar e avaliar fungos capazes de produzir moléculas de alto valor agregado, visando também a degradação do polietileno. Com isso, observaram o potencial de produção de diversos produtos biossintéticos, que incluem medicamentos como antibióticos, estatinas redutoras de colesterol, imunossupressores e antifúngicos."

Para o projeto, os pesquisadores usaram polietilenos presentes no Oceano Pacífico, recolhidos na Ilha de Santa Catalina, na Califórnia. Oakley pondera que o trabalho é uma "prova de princípio", mas que tem potencial para melhorar os processos de reaproveitamento, considerando que os polietilenos não são tão recicláveis. "Muito é basicamente derretido, transformado em tecido e vai para várias outras coisas plásticas (...) Uma coisa que é necessária é, de alguma forma, livrar-se economicamente do plástico. E se alguém pode fazer algo útil a um preço razoável, isso o torna ais economicamente viável", afirma, em nota.

* Estagiária sob a supervisão de Carmen Souza

BAIXO CUSTO

Biossensor monitora excesso de flúor na água

JANET BARSOLAI/DIVULGAÇÃO

Família da zona rural do Quênia testa o dispositivo: sem necessidade de profissionais treinados

Incolor e inodoro, o flúor é encontrado, naturalmente, na água. No entanto, se ingerido em excesso, pode ser prejudicial à saúde. Segundo dados da OMS, no mundo, mais de 400 milhões de pessoas são afetadas por recursos hídricos contaminados por esse mineral. E nem sempre sabem do perigo. Um novo método de testagem desenvolvido por universidades americanas promete identificar quando essa exposição é tóxica.

Trata-se de um biossensor preciso, de baixo custo, fácil manuseio e capaz de indicar, com simplicidade, se os níveis de flúor estão além do recomendado. O novo dispositivo biossensor foi testado, com sucesso, na zona rural do Quênia, fornecendo evidências de que o teste pode ser facilmente usado fora de um laboratório e interpretado com precisão por não especialistas.

O estudo foi liderado pela antropóloga Sera Young, professora de antropologia no Weinberg College of Arts and Sciences, e pelo biólogo Julius Lucks, professor de engenharia química e biológica na McCormick School of Engineering. A equipe de pesquisa coletou 57 amostras de água de 36 residências para avaliar a precisão da medição da concentração de flúor considerando o método padrão-ouro e o experimental.

O novo teste consiste na preparação de uma solução que é congelada e desidratada. Ao entrar em contato com a amostra de água contaminada, ele produz um sinal visualmente detectável indicando o excesso de flúor. "Seis horas após os testes de biossensor serem reidratados pelos participantes do estudo, a equipe de campo classificou a saída como positiva para flúor se uma cor amarela fosse observada e negativa se não houvesse mudança de cor", explicam os criadores em um artigo que detalha a solução tecnológica, divulgado na revista NPJ Clean Water.

Os resultados mostraram que o biossensor tem 84% de chance de prever corretamente os níveis de flúor acima do limite estipulado pela OMS. De acordo com os cientistas, os testes também foram altamente utilizáveis, com apenas 1 dos 57 exames apresentando discrepância de interpretação entre o observado pelo usuário e pela equipe científica. "Essa é uma maneira totalmente nova de medir a qualidade da água", disse Young. "O estudo mostra que podemos colocar nas mãos das pessoas um teste baseado em uma biologia muito complexa, mas que funciona de maneira muito simples."

Segundo Luks, há a possibilidade de a metodologia ser usada na detecção de outros produtos químicos, como o chumbo. "A precisão, a simplicidade, a rapidez, o custo relativamente baixo e a facilidade de campo desses testes facilitariam a ampla implementação, democratizando, assim, o conhecimento sobre a segurança da água para todos", justifica.

GUSTAVO NOLASCO*

DA ARQUIBANCADA

"O negócio das apostas onlines é a salvação financeira do futebol brasileiro ou o uso delas pororganizações criminosas de apostadores é um câncer que só cresce?"

TWITTER: @GUSTAVONOLASCOB

ESTA COLUNA, PUBLICADA ÀS QUARTAS-FEIRAS, E HOJE EXCEPCIONALMENTE, É ASSINADA POR UM TORCEDOR CRUZEIRENSE E REFLETE EXCLUSIVAMENTE A OPINIÃO DO AUTOR

Lavagem de Dinheiro Futebol Clube: exagero ou realidade?

Em 2005, na principal divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol, um dos maisimportantes e milionários do mundo, 11 partidas foram anuladas. A ligação entre elas:todas apitadas por Edílson Pereira de Carvalho. A Polícia Federal e promotores deJustiça de Combate ao Crime Organizado desmantelaram uma quadrilha internacionalque usava casas de apostas para lavar dinheiro e obter lucros de forma ilícita por meioda atuação direcionada do árbitro. Quase 20 anos depois do maior escândalo demanipulação de resultados do futebol brasileiro, 90% dos times da Séria A doBrasileirão são patrocinados exatamente por casas de apostas online.

Nos últimos dias, um novo esquema de possível manipulação de resultados no Brasilveio à tona, envolvendo jogadores de clubes da segunda divisão do CampeonatoBrasileiro. Novamente, o meio de se lavar o dinheiro pago nos subornos aos atletasseriam as casas de apostas online.

Mas não é de hoje que escândalos como esses são descobertos no mundo inteiro. Naprimeira divisão do futebol italiano, em 2006; no próprio Brasil, com a "Máfia da LoteriaEsportiva" de 1982 – que envolveu mais de 100 pessoas – e até mesmo em outrosesportes, como foi bem retratado no filme "Untold: Corrupção no Basquete", queconta o caso do árbitro Tim Donaghy, usado por uma rede criminosa de apostadoresque lavava dinheiro na NBA.

O canadense Declan Hill, jornalista especializado em manipulação de resultados noesporte e autor de diversos livros, como "Thue Insider's Guide to Match-Fixing inFootball", relembra que, na segunda década do século 21, a massificação da lavagemde dinheiro no futebol começou em campeonatos irrelevantes para a mídia e de poucaatenção para investigadores, como divisões intermediárias de países asiáticos. Isso seacelerou com o boom dos sites de apostas online, que hoje, inclusive, sãopatrocinadores de clubes gigantes e até mesmo da Copa do Mundo.

É bom deixar claro que, na esmagadora maioria das vezes, as casas de aposta sãoapenas usadas como meio. O ato ilícito de se lavar dinheiro quase sempre é uma açãodos apostadores para colocar "dinheiro sujo" dentro do sistema financeiro formal. Porexemplo, o criminoso tem 100 mil dólares. Ele aposta 10 mil numa operação "10/1" epaga 90 mil em propina para jogadores ou árbitros. Ao vencer, com a ajuda dossubornados, ele recebe de volta 100 mil dólares limpos.

Atualmente, a possibilidade de diversificar o que se é apostado aumenta ainda mais aschances do uso das casas de aposta para a lavagem de dinheiro via manipulação deresultados. Por exemplo, hoje é possível apostar na quantidade de pênaltis que umtime irá cometer – como no caso da segunda divisão do Brasileiro; se terá um golcontra; qual time receberá o primeiro cartão amarelo, entre outras. E, pior, em algunscasos, o próprio apostador (criminoso ou não) pode sugerir o que será apostado.Outra forma ilícita – e que nem sempre tem ligação só com a lavagem de dinheiro – é oesquema para burlar o limite de apostas por CPF imposto como trava por alguns sites.

Para isso, os apostadores criminosos usam CPFs de laranjas para dividir valoresmaiores em apostas que já estão com o resultado manipulado ou que são uma"barbada". Essa prática já foi detectada no Brasil pelos Ministérios Públicos.

Hoje, 3 de março, se completam 25 anos da Lei 9.613, conhecida como a Lei Brasileirado Combate à Lavagem Dinheiro. Momento oportuno para uma reflexão: o negóciodas apostas onlines é a salvação financeira do futebol brasileiro ou o uso delas pororganizações criminosas de apostadores é um câncer que só cresce, incurável e quepode levar a magia do esporte mais popular do planeta à metástase?

O tema está longe de ser esgotado, mas muito próximo de requerer um maior controletributário, mais regulamentações e um olhar crítico – e não julgador – quanto àproliferação do jogo de azar como um dos maiores financiadores do futebol, ondesorte, azar, gols e títulos deveriam ser fruto apenas de uma disputa honesta dentrodas quatro linhas.

*** Texto em coautoria com o Promotor de Justiça William Garcia Pinto Coelho, coordenador de combate a crimes corporativos e lavagem de dinheiro do Ministério Público de Minas Gerais**

CRUZEIRO

Débito com Pedro Lourenço, agora dono de 20% das ações da SAF, é de R$ 25,4 milhões. Empresário tem o nome na lista de credores do clube no processo de Recuperação Judicial

Endividado com o sócio

LEANDRO COURI/EM/D.A PRESS

Pelo meia-atacante De Arrascaeta, vendido ao Flamengo em 2019, Pedrinho, como é chamado por cruzeirenses, tem quase R$ 10 milhões a receber

LUIZ HENRIQUE CAMPOS

Embora tenha se tornado dono de 20% das ações da Sociedade Anônima do Futebol (SAF) do Cruzeiro ontem, o empresário Pedro Lourenço ainda tem uma quantia milionária a receber do clube celeste. O dono da rede varejista Supermercados BH está na lista de credores da Raposa no processo de Recuperação Judicial (RJ).

Pedrinho, como é carinhosamente chamado pelos cruzeirenses, teve participação direta na agremiação em anos anteriores. Ele foi responsável por fazer aportes financeiros para pagar salários e contratar jogadores. Além disso, antecipou cotas de patrocínio para aliviar o fluxo de caixa.

Os débitos do Cruzeiro com o empresário somam R$ 25.394.646. Desse montante, apenas a dívida envolvendo o empréstimo pela compra do meia-atacante De Arrascaeta, em 2015, foi detalhada no processo de RJ. O valor é de R$ 9 milhões. Não há detalhamento sobre o teor da dívida de outras cifras que constam no documento, nos valores de R$ 8.558.121,00, R$ 7.836.135,00 e R$ 390.

Em setembro de 2019, o dono da rede varejista fez um acordo com o clube mineiro para receber a quantia em 24 parcelas, a partir de fevereiro de 2020. Antes disso, a cobrança estava na Justiça juntamente com a da compra do lateral-direito Mayke.

Sobre De Arrascaeta, o empresário pleiteava 25% do montante da negociação do uruguaio com o Flamengo, concretizada em janeiro de 2019. Os cariocas adquiriram 75% dos direitos econômicos do meia por 18 milhões de euros (R$ 79,5 milhões na cotação da época).

Desse valor, o Cruzeiro ficou com 13 milhões de euros (R$ 55,25 milhões), pois detinha 50% dos direitos econômicos do jogador em parceria com o Supermercados BH. Em vez de receber os R$ 27 milhões a que tinha direito, no entanto, Pedrinho aceitou "apenas" R$ 9 milhões.

O Supermercados BH ajudou o Cruzeiro na aquisição de De Arrascaeta junto ao Defensor-URU em janeiro de 2015. À época, o uruguaio foi comprado por 4 milhões de euros (cerca de R$ 12 milhões por 50% dos direitos econômicos). Pedrinho emprestou ao clube 50% do valor, repassado de imediato aos uruguaios.

FOLHA DE PAGAMENTO Pedro Lourenço também efetuou aportes para colocar as folhas de pagamento do Cruzeiro de agosto e setembro de 2021 em dia. Na primeira delas, ele desembolsou mais de R$ 8 milhões. No entanto, a ajuda foi um adiantamento da compra pelo patrocínio máster até 2023.

Depois, o empresário pagou cerca de R$ 9 milhões pelo aluguel da ex-sede do Cruzeiro por 10 anos. Hoje, o prédio de oito andares na Rua dos Timbiras, no Barro Preto, abriga parte do setor administrativo do Supermercados BH. O dinheiro da operação também serviu para o pagamento de salários atrasados.

ALMOÇO ONTEM A compra de 20% das ações da Sociedade Anônima do Futebol (SAF) do Cruzeiro pelo empresário Pedro Lourenço foi sacramentada em almoço realizado ontem na Toca da Raposa II. A reportagem apurou que o dono da rede varejista Supermercados BH se reuniu com alguns membros da equipe de Ronaldo Nazário.

Antes, ele esteve com o diretor de futebol Pedro Martins e também com o técnico Paulo Pezzolano. Com ambos, tratou de assuntos específicos da equipe celeste, que precisa ser reforçada para a disputa da Série A do Campeonato Brasileiro.

Os valores da compra de 20% da SAF giram em torno de R$ 100 milhões. Parte desse recurso seria usado para reinvestir em estrutura, pagamentos de dívidas e no futebol.

Ainda segundo apurou a reportagem, Pedrinho fez um pedido informal a Ronaldo. O empresário quer que o Cruzeiro volte a conversar com o Mineirão para receber jogos ainda nesta temporada.

O interesse de Pedro Lourenço na compra de parte da SAF celeste foi antecipado na quarta-feira pelo jornalista Jaeci Carvalho, colunista do **Estado de Minas** e do portal Superesportes.

FÓRMULA 1

Adeus às manobras fáceis

JARED C. TILTON/GETTY IMAGES/AFP – 23/10/22

As ultrapassagens prometem ganhar mais emoção e brilho nesta temporada, que começa no fim de semana, com o GP do Bahrein

Pegar o vácuo, escolher o lado e ver quem freia mais dentro da curva e sai na frente. Quem sabe até não dá para decidir na primeira curva e o piloto muda a trajetória para tentar na seguinte, e na próxima. É desse tipo de ultrapassagem que a Fórmula 1 está atrás e é por isso que a categoria fará ajustes neste ano, começando já pela etapa de abertura, no Bahrein, neste fim de semana.

Os ajustes são nas zonas de DRS (de ativação da asa móvel, que ajuda na estabilidade e aerodinâmica do carro em retas, aumentando a velocidade), visando se livrar das ultrapassagens fáceis vistas no ano passado, o primeiro após uma revisão extensa dos carros justamente para permitir mais disputas entre os pilotos. Essa necessidade era esperada: primeiro era preciso fazer com que os carros gerassem menos turbulência. Se as mudanças dessem certo, isso ia significar que as zonas de DRS teriam que ser encurtadas.

Em 2022, a F1 teve 30% mais ultrapassagens que no ano anterior: 785 contra 599 nas mesmas 22 corridas de 2021. E os pilotos aprovaram o novo carro. "Com os carros velhos não dava para seguir o rival de perto, e a degradação do pneu era muito alta, então nada acontecia", lembra Sergio Perez. Além dos carros, os pneus também mudaram para sofrerem menos superaquecimento.

Mas é bem verdade que nem todas essas ultrapassagens foram das mais emocionantes. Algumas delas pareciam gols sem goleiro. E é isso que a F1 vai buscar corrigir em 2023.

O palco da primeira corrida da temporada segue tendo três zonas de ativação da asa móvel. No entanto, a zona da reta dos boxes vai começar 80 metros mais para frente em relação ao ano passado. Isso significa que o piloto que está com o DRS ativado terá menos tempo para tentar chegar no rival antes da freada da curva 1.

MENOS É MAIS Para esta temporada, a Formula1 aceita que, às vezes, menos é mais. "Não queremos ultrapassagens inevitáveis ou fáceis demais", reconheceu o chefe de monopostos da FIA, Nikolas Tombazis. "Tem que ter uma disputa. Precisamos encontrar um equilíbrio. Os treinos livres para o GP do Bahrein começam hoje, com sessões às 8h30 da manhã e às 12h (de Brasília). **(Folhapress)**

CAMPEONATO MINEIRO

GALO ALTERNATIVO NO MAMUDÃO

Devido aos duelos da terceira fase da Copa Libertadores, contra o Millonarios-COL, possivelmente nos dias 8 e 15 de março, técnico Eduardo Coudet vai poupar time titular diante do Democrata-GV

LUCAS BRETAS

Entre dois compromissos decisivos pela Copa Libertadores, o Atlético encerrará sua campanha na fase de grupos do Campeonato Mineiro diante do Democrata-GV, sábado, às 16h30, no Mamudão, em Governador Valadares.

Depois da classificação sobre o Carabobo, da Venezuela, na quarta-feira, o próximo confronto pelo torneio continental, pela terceira e última etapa antes da fase de grupos, será contra o Millonarios, que ontem eliminou o Universidad Católica ao vencer, de virada, por 2 a 1, no estádio El Campín.

Os gols do time colombiano foram marcados por Leonardo Castro e Daniel Torres, ambos no segundo tempo. Na etapa inicial, Ismael Díaz fez para a equipe do Equador. O primeiro duelo, na próxima semana, será na Colômbia.

Colocando na balança cada uma das competições, a tendência é que o técnico Eduardo Coudet escale um time alternativo diante da Pantera. O próprio argentino confirmou a intenção em entrevista coletiva.

Na defesa, tudo caminha para que o goleiro Everson siga sendo o único titular acionado. Caso queira dar descanso ao dono da meta, Chacho Coudet pode optar por promover a estreia de Matheus Mendes nesta temporada.

Na lateral direita, tudo indica que Renzo Saravia ganhará nova oportunidade na Libertadores. Sendo assim, Mariano deve ser o dono da posição diante do Democrata-GV.

A dupla de zaga tende a ser formada por Nathan Silva e Réver, que foram reservas diante do Carabobo. Fechando a linha defensiva, o jovem Rubens deve ganhar nova chance na lateral esquerda, na vaga de Dodô.

No meio-campo, o volante Otávio, substituto natural de Allan, é figura praticamente certa na escalação contra o Democrata. A linha de três meias tem Igor Gomes e Hyoran, que entraram no segundo tempo contra o time venezuelano, como dois nomes que tendem a ser acionados.

A terceira vaga ainda é uma incógnita. Nathan "pescador" aparece como opção. Outra alternativa é dar maior ritmo de jogo a Matías Zaracho, que tem grandes chances de assumir uma vaga na equipe titular na próxima partida da Copa Libertadores.

Já o setor ofensivo do Galo terá quatro nomes brigando por duas vagas. Isso porque os titulares Hulk e Paulinho devem ser preservados do confronto no Mamudão.

Ademir, Sasha, Pavón e Vargas, jogadores de características bastante distintas, disputam duas vagas. Dessa forma, uma provável escalação do Atlético conta com: Everson (Matheus Mendes); Mariano, Nathan Silva, Réver e Rubens; Otávio, Igor Gomes, Nathan (Zaracho) e Hyoran; Pavón (Ademir) e Vargas (Sasha).

RIVAL NA COLA O Atlético lidera o Grupo A do Mineiro, com 17 pontos. Somente o rival América, que soma 15 pontos e lidera o Grupo B, pode ultrapassar o Alvinegro na classificação geral.

Sendo assim, basta ao time de Eduardo Coudet uma vitória diante do Democrata-GV para alcançar os 20 pontos e assegurar o primeiro lugar geral da primeira fase. Em caso de derrota, o Galo precisará torcer para que o América não vença o Tombense no Independência. Caso isso aconteça, o alvinegro será ultrapassado pelo rival na classificação geral.

Se houver um empate no Mamudão, o Coelho só poderá igualar o número de pontos do Atlético com uma vitória no Horto. Neste caso, assumiria a liderança global, já que terminaria a fase de grupos com campanha idêntica à do rival, mas, certamente, maior saldo de gols.

HULK E VARGAS Batedor oficial de pênaltis do Atlético, Hulk abriu mão da cobrança e deu oportunidade para Eduardo Vargas na vitória por 3 a 1 sobre o Carabobo-VEN. O chileno cobrou para fora. "Futebol é coletivo, precisamos que todos estejam bem. O Vargas é um grande jogador, um cara que bate muito bem pênalti. Foi infeliz, assim como eu também já perdi pênalti", disse.

Segundo o atacante, Vargas pediu para bater o pênalti. "A gente sabe, sou batedor oficial do time. Mas sempre temos que dar moral para os companheiros. Na hora do pênalti, o Vargas olhou para mim e falou, 'vou bater'. Eu disse, 'claro', dei a bola para ele, passei toda a confiança", explicou, ao jornalista Breno Galante. Logo depois, Hulk consolou o companheiro e disse para ele não abaixar a cabeça e destacou a importância do chileno para o grupo alvinegro.

PEDRO SOUZA/ATLÉTICO

O goleiro Everson, que vive um bom momento neste início de temporada, pode ser o único titular do Alvinegro na rodada final da fase de grupos do Estadual

MOURÃO PANDA/AMÉRICA

Matheusinho é um exemplo de jogador com contrato dilatado. Vínculo com o América vai até dezembro de 2025

Política de longos contratos

PEDRO LEITE E SAMUEL RESENDE

Nos últimos anos, o América manteve uma política de assinar contratos curtos com seus atletas. Porém, nesta temporada, o clube mudou de postura. Levantamento aponta que 69% dos jogadores que compõem o grupo atual do Coelho têm contrato para além de 2023.

Atualmente, o elenco americano conta com 35 profissionais. Dentre eles, 24 ainda têm mais de um ano de vínculo com o clube. Já os outros 11 têm contrato até o fim desta temporada. Em relação ao ano passado, é notável a diferença de postura da diretoria ao acertar a renovação ou contratação de jogadores. Em setembro, o Coelho tinha 14 atletas com vínculo até o fim de 2022. Quatro desses profissionais, inclusive, eram considerados titulares na equipe do técnico Vagner Mancini.

Em 2021, os números eram ainda maiores. Dos 39 jogadores que compunham o elenco, 28 tinham contrato até dezembro daquele ano. Ou seja, mais de 70%. Justamente na temporada em que o Coelho conseguiu sua melhor campanha na história da Série A do Brasileiro, na qual terminou na oitava posição e garantiu a inédita vaga para a Libertadores da América.

No último clássico do América na temporada, contra o Atlético, em 25 de fevereiro, 10 dos 16 jogadores que entraram em campo têm contratos vencendo além de 2023. E os seis com vínculos curtos têm 30 anos ou mais: o goleiro Matheus Cavichioli (36); o zagueiro Ricardo Silva (30); o lateral-direito Nino Paraíba (37); os atacantes Aloísio (34), Felipe Azevedo (36) e Henrique Almeida (31).

DIA DA MULHER A intenção de todos no clube é voltar a fazer boa campanha em 2023. Com vaga garantida na segunda fase da Copa do Brasil depois do empate por 1 a 1 com o Tocantinópolis-TO, fora de casa, as atenções estão novamente voltadas para o Campeonato Mineiro, quando enfrenta o Tombense, amanhã, às 16h, no Independência, pela oitava rodada.

Para esta partida, o Coelho fará promoção em homenagem ao Dia da Mulher, comemorado em 8 de março: as 500 primeiras torcedoras a chegarem no estádio terão entrada gratuita no Portão 3. Além disso, outras 10 sócias vão acompanhar a partida no camarote.

Para os demais torcedores, as vendas online começaram ontem, enquanto a venda física terá início às 10h de hoje. Os ingressos custam entre R$ 30 e R$ 200. Estão disponíveis para venda o Portão 1 (camarote), o Portão 3 (Setor Especial Pitangui), que também dá acesso ao Portão 6, além do Portão 4 (Setor Vip Pitangui). Os visitantes poderão adquirir os bilhetes para o Portão 2 (Cadeira Especial Ismênia) apenas via Pix, ao custo de R$ 20 (inteira) e R$ 10 (meia). O América já está garantido nas semifinais do Mineiro, mas ainda briga pela primeira colocação geral.

COPA DO REI

Barcelona larga na frente

O Barcelona conquistou um bom resultado ao vencer o Real Madrid por 1 a 0, ontem, no Santiago Bernabéu, no jogo de ida das semifinais da Copa do Rei. Um gol contra de Eder Militão, aos 26min, permite ao Barça jogar com uma vantagem no estádio Camp Nou, dia 5 de abril.

O Barça teve uma dose de sorte num jogo em que foi bastante pressionado pelos merengues, empurrados pela sua torcida, que dentro de um mês terá de reverter o resultado em Barcelona caso queira levantar a taça. O Real Madrid praticamente trancou os catalães que, privados da posse de bola, tentaram superar os donos da casa com contra-ataques e bolas longas. Os merengues concentraram suas jogadas de ataque pela esquerda, onde aparecia Vinícius, protagonista de uma luta intensa durante todo o jogo com o uruguaio Ronald Araujo, para alçar bolas na área.

No início do jogo, o atacante Karim Benzema teve um gol anulado por impedimento, antes de tentar a sorte com outro chute que foi desviado pela defesa para escanteio. O capitão do Real Madrid não teve a sua melhor noite, vigiado de perto pelos zagueiros do Barça, que interceptaram vários passes que procuravam o francês.

Em meio ao domínio branco, um passe ruim de Camavinga terminou com um chute de Franck Kessié que Thibaut Courtois tirou com o pé, com o azar de o rebote acertar Militão e a bola entrar no própria meta, aos 26min. O gol mudou a partida, que vinha esquentando com muitas faltas. O Real Madrid trocou o domínio pela precipitação, diante de um Barça que conseguiu controlar um pouco mais a bola até o intervalo.

CONTROLE DO JOGO O intervalo serviu para tranquilizar o Real Madrid, que na volta ao campo reassumiu o controle do jogo contra um Barcelona muito fechado. Logo aos 4min, Vinícius Júnior obrigou Ter Stegen a fazer uma defesa salvadora em um cruzamento envenenado e parecia que entraria no gol do Barça. Empurrado para a sua área pelo Real Madrid, a equipe catalã só tinha Raphinha para sair quando conseguia roubar a bola.

Os donos da casa chegavam com frequência, mas sem criar perigo real diante do gol adversário, enquanto o Barcelona apostava nas saídas de contra-ataque procurando aproveitar os espaços deixados atrás pelo time merengue. No fim do jogo, o Barcelona poderia ter aumentado a vantagem com outro bom chute de Kessié

JAVIER SORIANO / AFP

Jogadores do time catalão comemoram a vitória por 1 a 0 sobre o rival Real Madrid, no jogo de ida das semifinais

● **EXCEPCIONALMENTE HOJE NÃO PUBLICAREMOS A COLUNA *TIRO LIVRE*, DE KELEN CRISTINA**

REPRODUÇÃO

(PENSAR)

O documentarista e escritor João Moreira Salles fala sobre o processo de pesquisa e escrita do livro-reportagem "Arrabalde" (**foto**), em edição especial sobre a Amazônia

O SILÊNCIO DE SHORTER

LIONEL BONAVENTURE / AFP

Wayne Shorter, virtuoso tanto no sax tenor quanto no soprano, se apresenta em festival na França, em 2005; seu agente anunciou que ele estava internado em hospital de Los Angeles

DANIEL BARBOSA

UM DOS MAIORES NOMES DE JAZZ E PARCEIRO MUSICAL DETERMINANTE NA CARREIRA DE MILTON NASCIMENTO, O SAXOFONISTA ESTADUNIDENSE MORREU ONTEM, AOS 89 ANOS, DE CAUSA NÃO REVELADA

A morte do saxofonista e compositor Wayne Shorter, aos 89 anos, nesta quinta-feira (2/3), reverberou em escala planetária entre seus admiradores e colegas de ofício. Tal reverberação, naturalmente, ecoou no Brasil. Milton Nascimento, com quem ele gravou o clássico "Native dancer", 15º título de sua discografia, lançado em 1974, usou seu Instagram para uma despedida emocionada.

"Hoje é um dos dias mais difíceis da minha vida. Dia de me despedir de parte de tudo o que eu sou. Wayne Shorter foi – e sempre será – mais do que um parceiro musical. Desde que nos conhecemos, nunca nos separamos", escreveu. Milton disse, ainda, que gravar com Shorter mudou sua vida e sua carreira para sempre.

O músico brasileiro recordou o encontro com o saxofonista durante a passagem de sua turnê de despedida, "A última sessão de música", pelos Estados Unidos: "No ano passado, quando me apresentei em Los Angeles, ele não conseguiu ir me assistir, pois havia sofrido um acidente doméstico na noite anterior, mas dei um jeito de ir até a sua casa, e tivemos uma tarde linda, digna dos nossos tantos anos de irmandade e história".

A admiração e o afeto eram recíprocos. Na ocasião da passagem da turnê "A última sessão de música" pelos EUA, Shorter disse, em entrevista ao **Estado de Minas**, que a voz de Milton Nascimento é "um som completamente diferente". Disse, ainda, tratar-se de um som que chama de volta à natureza.

"As melodias dele nos remetem à Antiguidade. Passam pela Amazônia, mas também por Egito, Mongólia, México, Cuba e países da África, lugares distantes. O jeito como ele canta faz com que você queira pegar carona e viajar com ele por esses lugares", disse, à época.

"CLUBE DA ESQUINA"

Após ouvir e se apaixonar pelo álbum "Clube da Esquina", Shorter convidou Milton para gravarem juntos "Native dancer", por sugestão de sua segunda esposa, Ana Maria Shorter, que passou a infância em Angola. O álbum inspirou mais de uma geração de músicos, como o guitarrista e compositor Pat Metheny e a baixista e vocalista Esperanza Spalding, que, em 2008, registrou uma versão da faixa de abertura, "Ponta de areia", composição de Milton.

Considerado um dos maiores músicos de todos os tempos, Wayne Shorter moldou os contornos do jazz moderno. Ele integrou três bandas lendárias do gênero: Jazz Messengers, com o baterista Art Blakeys; o quinteto de Miles Davis, que contava ainda com John Coltrane; e o Weather Report, já nos anos 70, formado por nomes como Joe Zawinu e o percussionista brasileiro Airto Moreira.

Além de ter integrado tais grupos, Shorter teve uma longa trajetória como solista e marcou a história do jazz com composições como "E.S.P.", "Nefertiti", "Footprints", "Black Nile" e, mais recentemente, "Scout" e "Pegasus". Nascido em 25 de agosto de 1933 em Newark, estado de Nova Jersey, nos EUA, ele venceu o Grammy 11 vezes

CAPACIDADE DE IMPROVISAÇÃO

O "New York Times" já descreveu Shorter como um dos músicos com maior capacidade de improvisação. "Ele não é apenas um dos maiores compositores de jazz, mas também o anjo do esoterismo, um ancião iluminado e misterioso", definiu o diário americano.

Em 2017, o artista foi homenageado com o Prêmio Polar, considerado o "Nobel da música". Segundo o júri, Shorter foi premiado por sua qualidade de "explorador musical", que, ao longo de "uma carreira extraordinária, buscou constantemente novos caminhos que não haviam sido transitados".

Seu pai, Joseph, trabalhava como soldador para a empresa de máquinas de costura Singer, e sua mãe, Louise, costurava para um peleteiro. Crescendo no distrito industrial de Ironbound, em Newark, Shorter e seu irmão mais velho, Alan, eram consumidores vorazes de histórias em quadrinhos, ficção científica, seriados de rádio e matinês de cinema.

ESCOLA DE ARTES

Shorter venceu um concurso de arte aos 12 anos, o que o levou a frequentar a Newark Arts High School, a primeira escola pública do país especializada em artes visuais e cênicas. Lá ele encontrou vários professores que alimentaram seu interesse por teoria e composição musical. Ao mesmo tempo, o bebop – estilo surgido nos anos 1940 e que teve como principais representantes Charlie Parker e Dizzy Gillespie – era uma fonte de fascínio para o garoto.

O bebop tinha uma forte presença em Newark: a Savoy Records, a gravadora mais comprometida com o movimento jovem, tinha sua sede lá, e a rádio local transmitia ao vivo performances do gênero. Shorter, que estava tendo aulas particulares de clarinete, mudou para o saxofone tenor. Junto com seu irmão, que era trompetista, ele se juntou a um grupo de bebop local.

Shorter começou a despontar na cena do jazz nos anos 1950, enquanto ainda se graduava em educação musical na Universidade de Nova York. Depois de servir dois anos no Exército, ele voltou à baila, causando forte impressão como membro do grupo Jazz Messengers, de Art Blakey.

ESTILO DE COMPOSIÇÃO

Além de tocar saxofone, Shorter levou para o Jazz Messengers um novo estilo de composição, escrevendo melodias, como "Ping pong" e "Children of the night", que somavam novos elementos e acabaram por conformar o chamado hard-bop.

INSTAGRAM/REPRODUÇÃO

Em emocionado texto de despedida, Milton Nascimento classificou Wayne Shorter como um "irmão eterno"

Em 1964, ele passou a integrar o segundo quinteto de Miles Davis, depois de recusar convites do célebre trompetista, autor de "Kind of Blue", por vários anos, por lealdade a Blakey. A formação do conjunto contava, ainda, com o pianista Herbie Hancock, o baixista Ron Carter e o baterista Tony Williams. Davis, em sua autobiografia, distinguiu Shorter como "o idealizador de muitas ideias musicais" que apresentou.

Assim que entrou no grupo, o saxofonista contribuiu com várias novas composições para cada álbum de estúdio feito pelo Miles Davis Quintet, começando com a faixa-título de "E.S.P.", em 1965. Com Davis, ele investigou o chamado jazz fusion, que incorporava elementos do funk e do rock, notadamente nos álbuns "In a silente way" e "Bitches Brew", ambos lançados em 1969.

JUNÇÃO DE GÊNEROS

Shorter não tinha medo do risco. "Native dancer" também traz em suas faixas uma junção de jazz, rock, funk e ritmos regionais brasileiros. O álbum gravado com Milton Nascimento veio à luz enquanto o saxofonista era integrante do Weather Report, que fundou em 1971, juntamente com Zawinul e com o baixista tcheco Miroslav Vitous.

Depois da dissolução do grupo, em 1986, Shorter lançou uma série de álbuns que apresentaram uma ampla gama de colaboradores. Foi um período também marcado por tragédias. Iska, sua filha com Ana Maria, morreu vítima de uma convulsão, em 1985. Pouco mais de uma década depois, em 1996, ele também perdeu a esposa, que estava entre as 230 pessoas mortas na queda do voo 800 da TWA, que caiu logo após a decolagem, em Nova York.

Shorter iniciou uma nova etapa de sua carreira em 2000, quando formou um quarteto acústico com o pianista Danilo Pérez, o baixista John Patitucci e o baterista Brian Blade, pertencentes a uma geração que cresceu ouvindo suas músicas.

NOVAS VERSÕES

O novo Wayne Shorter Quartet começou a tocar novas versões de músicas como "Footprints" e "JuJu", muitas vezes modificadas a ponto de soarem quase irreconhecíveis. O crítico Jon Pareles, ao escrever sobre um concerto para o jornal "The New York Times", em 2013, observou que Shorter "trata linhas de baixo ou frases únicas como pistas e instruções, brincando no local com tempo, contracorrentes, inflexão e ataque".

Shorter acabou compondo novas músicas para o grupo, como "Scout", que estreou em 2017, e "Pegasus". Fora da música, o artista criou uma história em quadrinhos de 58 páginas, desenhadas à mão, chamada "Other worlds" (outros mundos), quando ainda era adolescente. O gosto pela arte sequencial o acompanhou por toda a vida.

No álbum "Emanon", projeto lançado em 2018 e que conta com três discos, Shorter, já com 85 anos, também incluiu outras histórias em quadrinhos escritas por ele em parceria com Monica Sly. A obra traz ilustrações de Randy DuBurke.

ACLAMAÇÃO DA CRÍTICA

A suíte "Emanon" foi registrada em duas versões distintas: uma com seu quarteto e outra também com a Orquestra de Câmara Orpheus. O álbum recebeu ampla aclamação da crítica, liderando as listas de final de ano de publicações como "The New York Times" e "JazzTimes".

Além do jazz, o músico também trabalhou com nomes de outros estilos. Ele estabeleceu um importante vínculo com a música popular em colaborações marcantes com a cantora e compositora Joni Mitchell, com o guitarrista Carlos Santana, com a banda Steely Dan e com os Rolling Stones.

"Acho que a música abre portais e portas para setores desconhecidos nos quais é preciso coragem para entrar", disse ele, em uma entrevista publicada em seu site oficial. "Eu sempre acho que existe um potencial que todos nós temos, e podemos emergir, nos elevar a esse potencial, quando necessário. Temos que ser destemidos, corajosos e recorrer à sabedoria que pensamos não ter."

ANNA MARINA

>>anna.marina@uai.com.br

A moda de designar por cores doenças e meses deu ao azul a apropriação para o câncer retal

Março Azul

Diagnosticado em celebridades como Preta Gil, Simony e Pelé, o câncer colorretal é o tema da campanha de saúde Março Azul. A doença, conhecida como câncer de cólon e reto ou câncer do intestino grosso, ocupa a segunda posição de maior incidência na população brasileira.

Conheço o filme, já fui vítima e operada com o maior sucesso por Marcus Martins da Costa.

"O diagnóstico precoce é fundamental e amplia em até 95% as chances de cura", explica o oncologista Ramon Andrade de Mello, professor de oncologia clínica do doutorado em medicina da Universidade Nove de Julho (Uninove), em São Paulo, e pesquisador honorário do Departamento de Oncologia da Universidade de Oxford, no Reino Unido.

Estimativas do Instituto Nacional de Câncer (Inca) mostram que o número de óbitos por câncer de intestino entre pessoas de 30 a 69 anos pode aumentar 10% até 2030.

"A sociedade contemporânea trouxe novos hábitos, principalmente alimentares. As pessoas aumentaram o consumo de alimentos ultraprocessados. Além disso, a obesidade também contribui para o diagnóstico da doença", alerta o especialista.

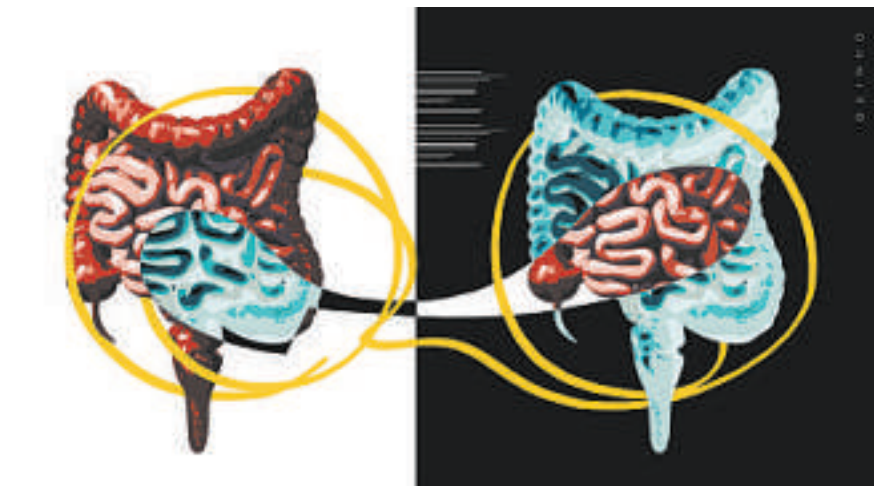
Ramon Mello explica que o câncer colorretal se desenvolve a partir de pólipos – lesões benignas no início e encontradas na parede do cólon –, que depois podem se transformar em tumores cancerígenos.

Até as últimas décadas, a enfermidade acometia principalmente pessoas com mais de 50 anos.

"Como as pesquisas do Inca já mostraram, a idade de incidência dessa doença vem se reduzindo e traz um alerta muito importante sobre nossos hábitos alimentares", adverte.

Os sintomas iniciais do câncer colorretal podem ser confundidos com outras doenças, como verminoses, hemorroidas e gastrites.

Pacientes que apresentem diarreia, prisão de ventre, dor ou desconforto abdominal, perda de peso sem causas aparentes e indícios de fraqueza e anemia precisam procurar o especialista para avaliação mais precisa.

"O tratamento desse tumor depende da avaliação do seu estágio, e a cirurgia vai permitir a retirada de parte do tecido afetado. Em seguida, a radioterapia, associada ou não à quimioterapia, pode ser indicada para evitar a recidiva tumoral", detalha Ramon Andrade de Mello.

Quando percebi que meus distúrbios intestinais poderiam ser algo mais serio, fui me consultar com Marcus Martins no Mater Dei. E

Ao avaliar que devia ser um problema mais sério, ele pediu que eu fizesse o exame de colonoscopia.

Confirmado o tumor, o doutor Marcus marcou a cirurgia para poucos dias depois. Aceitei prontamente, com uma única recomendação: se fosse necessário fazer colostomia, que ele fechasse e deixasse o câncer lá no intestino.

Craque nesta cirurgia, ele me informou que, por mínima que fosse a distância entre o tumor e o ânus, ele conseguiria tirá-lo.

E foi o que aconteceu: havia mais ou menos uns cinco centímetros de distância e ele conseguiu retirar o tumor.

Recomendou como tratamento posterior a quimioterapia – que comecei fazendo em casa, o tratamento ainda era raro em hospitais.

Submeti-me a umas quatro operações, quando o médico que aplicava a químio recomendou que eu fosse imediatamente para o hospital, porque estava no ponto de ter um problema de coração e bater as botas.

Internei-me no Mater Dei, onde fiquei alguns dias. Quando voltei para casa, prometi ao doutor Salvador Silva que retornaria ao hospital e à químio em 15 dias.

Não fiz nem uma coisa e nem outra. E já estou aqui há mais de 20 anos.

Sei que sou uma paciente rebelde, que poucos médicos gostam de encarar. E, apesar do resultado de minha revolta ter sido positivo, não o recomendo para ninguém.

HORÓSCOPO

CLAUDIA HOLLANDER

ÁRIES (20 mar. a 20 abr.)
Agora a Lua vitaliza você, acentua seus dons criativos e lhe estimula a dar o melhor de si em todas as áreas que você atua. Você tende a agir com maior garra, firmeza e determinação e até mesmo a sua capacidade de liderança está em alta. DICA: há um grande entendimento mental com quem você mais gosta

TOURO (21 abr. a 20 mai.)
O trânsito da Lua pelo seu signo de concepção faz com que o período seja excelente para você dar maior atenção aos familiares e aos assuntos caseiros que estão pendentes. Você pode colocar tudo em dia. DICA: sua necessidade de sossego e interiorização está em alta e os momentos de intimidade serão restauradores.

GÊMEOS (21 mai. a 20 jun.)
Seu signo acha-se positivamente ativado pela Lua, que lhe transmite uma dose extra de energia e facilita seus assuntos particulares. Nosso satélite lhe torna ainda mais inteligente e verbal, capaz de se expressar com maior clareza. DICA: atitudes cooperativas no ambiente de trabalho tendem a funcionar bem.

CÂNCER (21 jun. a 21 jul.)
O trânsito da Lua pelo seu setor material anuncia dias particularmente produtivos para você, que pode realizar seus planos bem mais facilmente. Seu espírito prático está em alta e você tende a agir com especial competência. DICA: o momento excelente para você cuidar da saúde e se purificar organicamente.

LEÃO (22 jul. a 22 ago.)
Nosso satélite, a Lua, nestes dias está em seu signo e forma vários contatos positivos, por isso recarrega suas baterias e faz com que você esteja com a corda toda. Aproveite a fase para concentrar-se em si, nas questões pessoais e cuide da imagem. DICA: graças ao Sol, seus sentimentos andam mais profundos e intensos.

VIRGEM (23 ago. a 22 set.)
Nestes dias, a Lua transita pelo signo anterior ao seu, por isso aconselha você a desacelerar o ritmo e a dar maior atenção às suas necessidades íntimas e espirituais. Sua capacidade de síntese está acentuada e o momento é excelente para fazer um bom balanço dos últimos acontecimentos. DICA: meditar será hiper relaxante.

LIBRA (23 set. a 22 out.)
Você anda consciente dos deveres e direitos inerentes ao exercício da cidadania e pode se mostrar muito mais participante em relação ao que acontece à sua volta. O momento é ideal para pensar no futuro, fazer planos e estabelecer metas, mas seja realista. Procure não se deixar levar pela utopia. DICA: atue com objetividade.

ESCORPIÃO (23 out. a 21 nov.)
As boas vibrações da Lua atingem exatamente o ponto culminante do seu céu natal e fazem com que o sucesso, social e profissional, esteja mais do que nunca ao seu alcance. A fase promete ser bastante fecunda e você pode concretizar seus planos com inteligência e imaginação. DICA: reserve um tempinho para relaxar.

SAGITÁRIO (22 nov. a 21 dez.)
Nesta fase, a Lua se harmoniza com seu Sol natal, por isso recarrega suas baterias físicas e psíquicas e faz com que estes dias sejam ótimos para suas iniciativas e empreendimentos. Você tende a contar com ótimas oportunidades em todas as áreas nas quais atua. DICA: seu desejo de viajar está em alta.

CAPRICÓRNIO (22 dez. a 20 jan.)
A Lua, Júpiter e Vênus aconselham você a dar maior atenção à sua necessidade de sossego e reflexão. Aproveite a fase para mergulhar profundamente em seu próprio psiquismo e tomar maior consciência dos seus processos íntimos. DICA: trocar confidências e revelações com quem você gosta aproxima vocês.

AQUÁRIO (21 jan. a 19 fev.)
A Lua ativa nos signo oposto ao seu, por isso dinamiza suas relações pessoais e faz com que você conte mais com as outras pessoas. Sua capacidade de cooperação está acentuada e as parcerias tendem a funcionar muitíssimo bem. DICA: tende a haver um clima de grande harmonia e entendimento em seus contatos amorosos.

PEIXES (20 fev. a 20 mar.)
Graças à Lua, você vive um momento excelente para se autoanalisar profundamente e procurar entender melhor o que se passa em seu íntimo. Sua mente anda mais penetrante do que nunca e você poderá ver através da aparência das coisas. DICA: as horas de isolamento a dois serão particularmente gratificantes.

SUDOKU

3	2		1		8			
	5	6					7	3
	4			6				
				3				
	8				9			
		7					2	5
		1		9				
8							6	
	3		4		2			1

www.cruzadas.net

Para jogar basta completar cada linha, coluna e quadrado 3 x 3 com números de 1 a 9. Não há nenhum tipo de matemática envolvida.

SOLUÇÃO ANTERIOR

3	1	4	5	9	2	6	8	7
9	2	7	1	6	8	4	3	5
8	6	5	4	3	7	2	9	1
5	7	3	6	4	1	8	2	9
2	4	1	8	5	9	3	7	6
6	9	8	2	7	3	5	1	4
1	5	9	3	8	6	7	4	2
4	8	2	7	1	5	9	6	3
7	3	6	9	2	4	1	5	8

PROGRAMAÇÃO DA TV ABERTA

O JORNAL NÃO SE RESPONSABILIZA POR MUDANÇAS DE ÚLTIMA HORA, FEITAS PELAS EMISSORAS, NA PROGRAMAÇÃO

MARCOS HERMES/DIVULGAÇÃO

Nesta sexta, o tradicional "Boteco do Ratinho" recebe os sertanejos César Menotti & Fabiano, no SBT/Alterosa

2 RECORD
CAT: (11) 3660-4000
www.rederecord.com.br

07:00 Jornal da Record 24h
07:05 MG no ar
08:40 Fala Brasil
10:00 Hoje em dia
11:50 Balanço geral Minas
13:45 Iurd
13:48 Balanço geral Minas
15:30 Os dez mandamentos
16:30 Cidade alerta
17:10 Jornal da Record 24h
17:15 Cidade alerta
17:40 Jornal da Record 24h
18:00 Cidade alerta Minas
18:55 MG Record
19:55 Jornal da Record
21:00 Jesus
21:45 Vidas em jogo
22:45 Super tela
00:30 Jornal da Record 24h
00:45 Iurd

4 REDE TV!
CAT: (11) 3306-1000
www.redetv.com.br

05:00 Igreja Internacional da Graça de Deus
08:30 Ultrafarma
09:00 Manhã do Ronnie
10:25 Vou te contar
11:50 Igreja Batista Avivamento Mundial
12:30 Eleve
13:00 Iurd
15:00 A tarde é sua
17:00 Iurd
18:00 Alerta nacional
19:30 RedeTV! news
20:30 Igreja Internacional da Graça de Deus
21:30 TV fama
22:30 Operação de risco
00:45 Leitura dinâmica
01:30 Miados e latidos
02:30 João Kleber show – Melhores momentos
03:00 Igreja da Graça no seu Lar

5 SBT/ALTEROSA
CAT: (31) 3237-6000
www.alterosa.com.br

06:00 Primeiro impacto
07:00 Iurd
08:00 Primeiro impacto
11:40 Alterosa esporte
12:45 Alterosa alerta
13:30 Alterosa agora
14:15 Henry Danger
15:20 Casos de família
16:20 Fofocalizando
17:20 A dona
18:30 Três vezes Ana
19:20 Jornal da Alterosa
19:45 SBT Brasil
20:30 Poliana moça
21:30 Cúmplices de um resgate
22:15 Programa do Ratinho
23:15 Tela de sucessos
01:00 The noite
02:00 Operação Mesquita
02:45 SBT news na TV

7 BANDEIRANTES
CAT: (11) 3742-3011
www.redeband.com.br

04:00 1º Jornal
06:00 Show da fé
08:00 Bora Brasil
09:25 The chef com Edu Guedes
11:00 Jogo aberto
12:30 Os donos da bola
13:30 Cozinha campeã
13:45 +Info
14:00 Mundo dos negócios
14:30 Melhor da tarde
16:00 Brasil urgente
18:50 Jornal Band Minas
19:20 Jornal da Band
20:30 Faustão na Band
22:00 Valor da vida
23:00 Papo com sabor
00:30 Agenda carioca
00:35 Jornal da Noite
01:25 Que fim levou?
01:30 Esporte total
02:25 O melhor do UFC
02:55 Semana da Bundesliga
03:25 Jornal da Band – Reapresentação
04:00 Estação cinema

9 REDE MINAS
CAT: (31) 3254-3000
www.redeminas.tv

06:00 Sanfonas do Brasil
07:00 Cocoricó
07:15 Vamos brincar
07:30 Se liga na educação
11:15 Se liga no tira dúvidas
12:30 Jornal Minas 1ª edição
13:00 Brasil das Geraes
13:30 Detetives do Prédio Azul
14:00 Dango Balango
14:30 Quintal da Cultura
16:00 Brasil visto de cima
16:30 Cães terapia
17:00 A jornada da vida
18:00 Detetives do Prédio Azul
18:30 Seis na ilha
19:00 Agenda
19:30 Jornal Minas 2ª edição
20:00 Cinematógrafo
20:30 Opinião Minas
21:00 Jornal da Cultura
22:00 Estação livre
23:00 Faixa de cinema

12 GLOBO
CAT: (31) 4002-2884
www.redeglobo.com.br

04:00 Hora um
06:00 Bom dia Minas
08:30 Bom dia Brasil
09:30 Encontro
10:35 Mais você
11:45 MG1
13:00 Globo esporte
13:25 Jornal Hoje
14:45 Chocolate com pimenta
15:30 Sessão da tarde
17:15 O rei do gado
18:25 Mar do sertão
19:10 MGTV 2ª edição
19:40 Vai na fé
20:30 Jornal Nacional
21:20 Travessia
22:25 BBB23
23:15 Globo repórter
00:05 Jornal da Globo
00:55 Vai na Fé – Reapresentação
01:40 Comédia na madruga
02:30 Corujão

CRUZADAS

www.coquetel.com.br © Revistas COQUETEL

Criação de animais comestíveis para a alimentação humana / Acordo que pôs fim à 1ª Guerra Mundial / Trombeta dos indígenas bororos (MT) / Condição do envelope postado / (?) Gandelman, saxofonista / Importância do órgão decretado como de interesse social / Ter por hábito / Romance do mineiro Autran Dourado / Prato feito com costela e mandioca / Cromo (símbolo) / Móveis do dormitório / Aqui está! / Projeto (?): protege tartarugas / Estátua bíblica de Michelangelo / Guloseima como a trufa de chocolate / Suar em (?): transpirar em abundância / Deixar (alguém) furioso / Sigla do rival do Cruzeiro (fut.) / Você, em "internetês" / Senil; decrépito / "E (?)", sucesso de Aracy de Almeida / Alimento da girafa / Perfume (poét.) / Amparada (pessoa) para não cair / Inteligência Artificial (abrev.) / Servidor público típico da Ditadura / País exportador de bacalhau / Ensino (?): o antigo 2º grau / Voltei atrás / Pontas aguçadas / Estado da hidrelétrica de Jirau (sigla) / Refinaria de Duque de Caxias (RJ) / "Caso (?)", sucesso de Rita Lee / Senhora (abrev.) / Não, em "internetês" / Capital e maior cidade da Jordânia / Corcunda / Davi, em espanhol / Recurso de sites de grandes lojas / Exemplo de preposição essencial / Dois dos grandes felinos / Situação dos que perderam a casa em desastres / Por a mais (?): sem deixar dúvida / Juiz, entre os muçulmanos

BANCO 27

FILMES

15h30 na Globo

GIGANTES DE AÇO
EUA e Índia, 2011. Direção de Shawn Levy. Com Hugh Jackman, Dakota Goyo, Evangeline Lilly, Anthony Mackie, Kevin Durand, Hope Davis, Karl Yune e Olga Fonda. Num futuro não muito distante, as lutas de boxe já não são mais travadas entre seres humanos e, sim, por robôs enormes.

23h15 no SBT/Alterosa

À PROVA DE BALAS 2
EUA, 2020. Direção de Don Michael Paul. Com Faizon Love, Kirk Fox, Cassie Clare e Tony Todd. O agente especial Jack Carter mantém na cabeça, há 25 anos, a bala que o atingiu num confronto. Ele, agora, é designado para derrotar poderosa família criminosa sul - africana. Para desvendar o esquema de lavagem de dinheiro internacional, Jack deve assumir outra identidade.

2h30 na Globo

ONDE O AMOR ESTÁ
EUA, 2010. Direção de Shana Feste. Com Marshall Chapman, Garrett Hedlung, Tim McGraw, Leighton Meester, Gwyneth Paltrow e Lari White. A estrela da música country Kelly acaba de sair da clínica de reabilitação. De volta aos palcos , ela terá de dividir a turnê com uma dupla de jovens artistas.

4h na Band

TIGRE
EUA, 2018. Direção de Alister Grierson. Com Prem Singh, Janel Parrish e Mickey Rourke. Pardeep Nagra é um boxeador sikh banido do esporte por conta da sua fé. Vítima de preconceitos e divisões raciais, ele decide lutar contra o sistema. Temo legado de duas batalhas: uma dentro da corte, outra dentro do ringue.

LITERATURA

Ailton Krenak, que toma posse hoje na Academia Mineira de Letras, anuncia que prepara "um trabalho mais alentado, que supõe refletir sobre a questão dos povos indígenas no Brasil"

O ESCRITOR EM CASA

MARIANA PEIXOTO

É com uma "emoção gigante" que Ailton Krenak vai receber na noite desta sexta-feira (3/3) os convidados para sua posse na Academia Mineira de Letras (AML). Primeiro indígena a se tornar imortal no Brasil, o ambientalista, filósofo, poeta e escritor está recebendo um "presente" no ano em que chega aos 70 (em 29 de setembro).

A importância desta posse – que começou com sua eleição, em junho de 2022, com 36 votos do total de 39 votantes – vai reunir os Krenak, que vivem na zona rural de Resplendor, no Vale do Rio Doce. Estarão presentes à cerimônia a mãe de Ailton, de 92 anos, sua mulher, o casal de filhos, além do cacique Rondon Krenak.

Três acadêmicos terão participação ativa: a professora Maria Esther Maciel fará o discurso de recepção, o deputado federal Patrus Ananias (PT) vai entregar o diploma, e o prefeito de Ouro Preto, Angelo Oswaldo (PV), o distintivo. Na entrevista a seguir, Krenak fala do significado de sua chegada à AML.

Qual o sentido simbólico de sua chegada à Academia Mineira de Letras?

Nós estamos experimentando tantas novidades este ano que me tornar o mais novo membro da Academia é algo que me enche de surpresa e entusiasmo. A gente vinha atravessando um longo período de negacionismo e de derrotas políticas, e essa situação que se instala com a minha posse na AML se reveste também de um amplo sentido para além da academia, das letras, exatamente por isto. Quem sabe, se o convite tivesse acontecido em outro contexto, ele ia ter um tamanho mais modesto? Agora, é uma novidade total. Não me sinto totalmente à vontade diante de uma novidade. Não cultivo uma experiência literária. Minha experiência de publicar livros e o impressionante sucesso editorial não foram um plano meu. Mas me aproximou de grandes autores contemporâneos e me fez participar de debates públicos interessantes. Então, me sinto premiado.

GUTO CORTES/DIVULGAÇÃO

Com "emoção gigante", Ailton Krenak terá a presença da família e do cacique Rondon Krenak na solenidade desta noite

O ofício da escrita fica complicado quando a agenda do autor, como é o seu caso, abrange outras atividades. Há tempo para refletir e escrever?

Desde outubro, tomei a decisão de diminuir a minha circulação física. Terminadas as eleições, não fui a nenhum evento literário. Voltei agora, segunda-feira (27/2), fazendo um sarau na Lagoa do Nado, um encontro maravilhoso em que meu amigo Ricardo Aleixo me fez companhia numa conversa animada sobre poesia e literatura. A acolhida simpática, ligada não só aos livros, mas aos movimentos sociais e à questão ambiental, cria outro ambiente de relacionamento, diferente do que se pensa que é o universo de um escritor. Eu, pelo menos, não imaginava que meus colegas escritores tivessem uma inserção tão plural em debates que falam desde a água que a gente bebe, das enchentes, da tragédia yanomami... É uma agenda tão vasta que se eu não tomar cuidado com a minha própria saúde, vou ser consumido. Acredito que o fato de a gente ter vivido uma experiência muito traumática nos últimos quatro, cinco anos, me acelerou. Agora quero viver a experiência de desacelerar. Quem sabe, sentar na cadeira de Bárbara Eliodora. Para mim, o maior sentido na posse na Academia é poder ocupar a cadeira 24 dessa senhora maravilhosa, além de seu tempo, cantada por Cecília Meireles. Algumas pessoas se surpreendem: 'Ela é mineira?' Não estou falando da jornalista, estou falando da poetisa, da revolucionária Barbara Eliodora, que a seu tempo compartilhou com os inconfidentes a ideia de liberdade. Então, é essa ideia de liberdade que me anima, me alenta.

Uma vez empossado, o que virá, além do retorno para casa?

Se eu puder fazer valer o meu desejo, vou deixar os livros seguirem o rumo deles. Quero ter um pouco mais de vida doméstica, inclusive porque estou imerso, há dois anos, num projeto mais demorado, de entregar um livro que não é resultado das minhas interações com o público. Um trabalho que supõe refletir sobre a questão dos povos indígenas no Brasil, a história, a colonização, a região do Rio Doce onde meu povo vive, a tragédia ambiental, esse 'ecocídio'. Vou entregar um trabalho mais alentado que a Companhia das Letras vai publicar no final deste ano ou no próximo. A própria editora considera que a gente encerrou um tríptico. As três publicações ("Ideias para adiar o fim do mundo", este traduzido para 17 idiomas, "A vida não é útil" e "Futuro ancestral") abordaram uma questão ampla, de que homem e natureza não são coisas distintas. Os três tiveram a capacidade de se manter firmes no mesmo questionamento: somos mesmo uma humanidade, existe uma comunidade humana planetária?

> "Acredito que o fato de a gente ter vivido uma experiência muito traumática nos últimos quatro, cinco anos, me acelerou. Agora quero viver a experiência de desacelerar. Quem sabe, sentar na cadeira de Bárbara Eliodora. Para mim, o maior sentido na posse na Academia é poder ocupar a cadeira 24 dessa senhora maravilhosa, além de seu tempo, cantada por Cecília Meireles"
>
> ■ **Ailton Krenak,** ativista pela causa indígena e escritor

FOTOS: JUAREZ RODRIGUES/DIVULGAÇÃO

HELVÉCIO CARLOS
>>helveciofigueiredo.mg@diariosassociados.com.br

Yara Tupynambá fala sobre sua obra durante cerimônia na galeria do Tribunal de Justiça de Minas Gerais

NO TJMG
A NATUREZA DE YARA

Desembargadores e participantes do VI Encontro do Conselho de Presidentes dos Tribunais de Justiça do Brasil (Consepre) participaram, na terça-feira (28/2), da abertura da mostra "Natureza", com trabalhos da pintora Yara Tupynambá, na Galeria de Arte do Tribunal de Justiça de Minas Gerais. Estão expostos lá os quadros "Floresta do Vale do Rio Doce", "O pequeno lago no Parque das Mangabeiras", "Na Serra da Piedade" e "Senhora do Rosário". "Sempre gostei de trabalhar com natureza, pois fui menina criada em grandes espaços. E falo com um público grande, de todas as categorias. É esta a função dos artistas", disse Yara.

PAULO LAENDER
"PINTURAS RECENTES"

Seis dias antes da abertura da exposição "Pinturas recentes", que reúne 20 obras do artista Paulo Laender, Tanit Alvim, diretora da Minas Contemporânea Galeria de Arte, não para de receber telefonemas de interessados em conhecer com antecedência o acervo de Paulo. Inaugurando novo modelo de exposição em Belo Horizonte, a mostra vai de 8 a 11 de março.

●●●

Tanit Alvim explica ter percebido que, geralmente, na abertura das mostra e nos dias seguintes a ela, há movimento grande nas galerias. Porém, com o tempo, a frequência perde o fôlego. Reduzindo o período das exposições, a galerista acredita que haverá oportunidade de realizar mais mostras em menos tempo.

Mariah Brochado, autora do documentário sobre Yara Tupynambá

O presidente do TJMG, José Arthur de Carvalho Pereira Filho, falou da conexão entre poesia e pintura, citando Carlos Drummond de Andrade

AGENDA
A PRIMEIRA VEZ

O cantor e compositor Tiee foi convidado pelo mineiro Alexandre Pires para participar do álbum "Na balsa", dividindo com ele a faixa "O maestro maior", que bateu 1,1 milhão de reproduções nas plataformas digitais. Em 11 de março, Tiee faz show na Larok Lounge Club. Pela primeira vez, ele traz a Belo Horizonte a turnê "Samba pro meu povo", nome do DVD que soma 36 milhões de reproduções nos aplicativos de música.

BDMG
NOVO PRESIDENTE

Gabriel Viégas Neto é o novo diretor-presidente do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG). O nome de Viégas, que era vice-presidente e estava exercendo a presidência interinamente desde 3 de fevereiro, foi aprovado pelo Conselho de Administração. Graduado em administração de empresas pela Fundação de Estudos Sociais do Paraná (Fesp), com pós-graduação em finanças pela Faculdade SPEI e especialização em STC Executivo pela Fundação Dom Cabral/Kellogg Graduate School of Management, Viégas atuou por 36 anos no Itaú Unibanco.

LIVRO
NA ACADEMIA

"Retratos de primavera e outras estações" (Editora Quixote+Do), livro do poeta, filósofo e doutor em direito Fernando Armando Ribeiro, será lançado em 9 de março, na Academia Mineira de Letras. Na mesma noite, o autor ministrará a palestra "Espectros poéticos".

EM ★ SÉRIE

A logomarca de hoje homenageia a série "Dawson's creek"

RECAP

TOMMASO BODDI / AFP

WAGNER MOURA ASSINA COM A APPLE TV+

A carreira internacional de Wagner Moura (**foto**) segue em crescimento. O ator brasileiro vai interpretar um dos principais papéis de "Sinking spring", nova série da Apple TV+. A trama gira em torno de dois amigos golpistas que se metem em apuros a partir da execução de um plano para tentar roubar uma casa.

JEAN-BAPTISTE LACROIX / AFP

"ONLY MURDERS..." REFORÇA ELENCO

Ashley Park (**foto**), a Mindy de "Emily em Paris", estará na terceira temporada do sucesso "Only murders in the building", disponibilizada no Brasil pelo Star+. Caberá à atriz dar vida a uma estrela da Broadway. Além dela, outros dois nomes fortes se juntam ao elenco na nova leva de episódios, ainda sem data para estrear: Meryl Streep e Paul Rudd.

SUSPENSE "THE POWER" ESTREIA

"The power", suspense dramático baseado no romance homônimo premiado da autora britânica Naomi Alderman, será lançado pelo Prime Video, no próximo dia 31/3. Com episódios semanais, a série tem até data para ter o último capítulo exibido: 12 de maio. Na história, meninas adolescentes desenvolvem o poder de eletrocutar pessoas quando quiserem. Toni Collette é a protagonista.

"SOMBRA E OSSOS" DE VOLTA

Está marcada para o próximo dia 16/3 a estreia dos oito novos episódios de "Sombra e ossos", na Netflix. Na segunda temporada da série de fantasia, retornam os atores Jessie Mei Li (Alina Starkov), Archie Renaux (Malyen Oretsev), Freddy Carter (Kaz Brekker), Amita Suman (Inej Ghafa), Kit Young (Jesper Fahey) e Ben Barnes (General Kirigan).

CRAIG BLANKENHORN/DIVULGAÇÃO

FIM À VISTA PARA "SUCCESSION"

"Succession" (**foto**) não terá vida longa. O próprio criador e showrunner da série, Jesse Armstrong, disse que a quarta temporada do drama da HBO marcará também o encerramento da história. As três primeiras levas de episódios constam no catálogo do serviço de streaming HBO Max. A última chegará à plataforma em 26 de março.

SÉRIE SOBRE SUPER-FÃ

Série de terror ambientada entre 2016 e 2018, "Swarm" acompanha Dre, papel de Dominique Fishback, uma fã obcecada pela maior estrela pop do mundo, que parte em uma inesperada turnê pelo país. A estreia no Prime Video está agendada para o próximo dia 17/3. Chlöe Bailey e Damson Idris também estão no elenco.

SÉRIE GREGA NA NETFLIX

"O maestro e o mar" chega ao catálogo da Netflix no próximo dia 17/3. Na série grega, um músico se muda para uma ilha pitoresca com a missão de comandar um festival. No entanto, a vida dele passa por uma reviravolta completamente inesperada nesse novo lugar.

PRIME VIDEO/DIVULGAÇÃO

Com elenco afiado e bons números musicais, "Daisy Jones & The Six" conta a história da banda que, no auge da fama, se desfez abruptamente

ATÉ QUE O SUCESSO NOS SEPARE

MARIANA PEIXOTO

Uma banda de rock implode no auge. Ficção e vida real já contaram essa história várias vezes. Drogas, dinheiro e ego em excesso geralmente estão por trás destes finais antecipados. "Daisy Jones & The Six", que estreia nesta sexta (3/3), no Prime Video, tem isto tudo.

Por meio de ficção, e com uma vaga referência na vida real (a trajetória do Fleetwood Mac, durante a gravação do álbum "Rumours", de 1977), a produção é uma das mais aguardadas desta safra, por mais de uma razão.

Adaptação do romance homônimo da escritora americana Taylor Jenkins Reid, teve seus direitos comprados por Reese Witherspoon, antes mesmo de chegar às livrarias, em 2019. O elenco é capitaneado por Riley Keough, a neta de Elvis Presley, filha mais velha de Lisa Marie (1968-2023), e Sam Claflin, de "Jogos vorazes".

FAIXAS A trilha sonora, original e gravada pelos próprios atores, foi produzida por Blake Mills, que traz no currículo trabalhos com Fiona Apple, John Legend e Jay Z. O lançamento das faixas vai ser casado com o da série. Já a canção de abertura é "Dancing barefoot", clássico de Patti Smith.

Para quem conhece o livro, a adaptação mantém fidelidade à estrutura original. Em 4 de outubro de 1977, Daisy Jones & The Six fizeram um show, com lotação esgotada, em Chicago. Então uma das maiores bandas da época, tinha recebido três discos de platina pelo álbum "Aurora". Aquele foi seu último show. O grupo se desfez, os integrantes nunca mais se falaram, tampouco deram declarações públicas sobre o ocorrido.

Estas informações estão no início da narrativa, já que, 20 anos depois, todos os sete integrantes aceitaram participar de um documentário sobre o grupo. A série justapõe as entrevistas com flashbacks que dramatizam a história, tal qual o livro.

São 10 episódios. Hoje estreiam os três primeiros – e é somente no terceiro que Daisy vai se encontrar com os Six. A história realmente começa em Pittsburgh, quando Billy Dunne (Sam Clafin) aceita participar da banda adolescente de seu irmão caçula, Graham (Will Harrison).

O grupo, The Dunne Brothers, era um quarteto de baixo, guitarra, bateria e vocal, que tocava em festinhas da cidade. O nome The Six viria mais tarde, quando eles convenceram a estilosa tecladista inglesa Karen Sirko (Suki Waterhouse) a participar da banda. A sexta integrante é Camila (Camila Morrone), a namorada e futura mulher de Billy, que faz as vezes de fotógrafa da banda.

Já em Los Angeles, Margaret (Riley Keough) é uma adolescente solitária. Filha de pais ricos que não lhe dão a mínima, ela cresceu em seu quarto, ouvindo música e escrevendo poemas. Assume o nome de Daisy Jones e passa a dividir apartamento com Simone Jackson (Nabiyah Be), cantora em ascensão no circuito Troubadour/Whisky a Go Go, casas de show históricas da Sunset Strip.

A história começa a pegar foto no episódio três. Os Six, depois de um período turbulento, estão com uma nova chance. E Billy, que tem um ego daqueles, vai ter que aceitar dividir os vocais com Daisy. Logo na primeira gravação, fica claro que era aquilo que a banda precisava para realmente decolar.

TRIÂNGULO Este é apenas o começo de uma relação de amor e ódio – e um triângulo amoroso. Billy é um alcoólatra em recuperação, que quer ser um ótimo marido para Camila. Daisy adora comprimidos, espumante e noitadas. E logo fica claro que os dois querem ir para a cama.

A história é bem contada, mas o grande chamariz mesmo é seu elenco. Neste sentido, "Daisy Jones & The Six" encontra paralelo com o filme "Quase famosos" (2000). Nos apaixonamos por Daisy, Camila e Billy da mesma maneira como fomos atingidos pelo aspirante a jornalista William Miller e a groupie Penny Lane no filme de Cameron Crowe.

A química entre Riley Keough e Sam Claflin é latente – frágeis na vida, seus personagens acabam se completando quando sobem no palco. A era dos grandes astros do rock é fascinante, e a reconstituição de época da série enche os olhos. Também é digna a performance dos atores como músicos.

Falta, e quem conhece os bastidores da era clássica do rock bem sabe disto, o hedonismo da época. As festas regadas a sexo, drogas e rock'n'roll parecem inocentes. Neste sentido, a vida real – como as biografias do Led Zeppelin, Beatles, Stones e todos os grandes já mostraram – ganha de longe da ficção.

"DAISY JONES & THE SIX"

● Série em 10 episódios. Os três primeiros estreiam nesta sexta (3/3), no Prime Video. Dois novos episódios por sexta-feira, até 24/3.

APENAS PARA MAIORES

Nacho Vidal já participou de mais de 600 filmes – e dirigiu mais de uma centena deles. Mas, se você fizer uma pesquisa no IMDB, a maior base mundial de dados sobre cinema, quase não encontrará referências sobre o espanhol. Isso porque a praia dele é o pornô. Vidal, que completa 50 anos neste 2023, é considerado uma lenda da chamada indústria de filmes adultos.

A série ficcional "Nacho", que estreia nesta sexta (3/3), no Lionsgate+, usa a figura do personagem como fio condutor para uma narrativa mais ampla: mostrar o nascimento e os bastidores da indústria pornô na Espanha, que atualmente movimenta 500 milhões de euros por ano.

O personagem-título é interpretado pelo ator Martiño Rivas, conhecido por sua participação na série "As telefonistas". Vindo de uma família pobre e com um flerte com as drogas na adolescência, Nacho descobre o mundo do pornô em Barcelona, na década de 1990.

FENÔMENO Na série, sua iniciação se dá na Sala Bagdad, histórico nightclub erótico da capital catalã. Levado pela namorada Sara Bernat (María de Nati), trabalhadora do sexo que atuava no local, ele não consegue relaxar na frente do público. Mas não demora a se tornar um fenômeno.

Boa parte da narrativa tem como cenário a Bagdad. Na boate, fundada em 1975 e até hoje na ativa, transitam personagens como Toni Roca (Andrés Velencoso), o menino de ouro que se vê ameaçado com a chegada de Nacho, e Bellíssima (Miriam Giovanelli), uma atriz pornô com rosto angelical, que sonha em fazer sucesso em Hollywood.

Descoberto pelo diretor espanhol José María Ponce (Juan Carlos Vellido), com quem estreou como ator de filmes adultos, Nacho é levado por outro ícone do setor, o italiano Rocco Siffredi (Mauro Cardinali) para seu estúdio em Budapeste e, depois, para a Califórnia. Foi nos EUA que ele se tornou o primeiro astro espanhol do segmento.

Na vida real, Nacho tem lances bastante polêmicos. Foi preso pela primeira vez em 2012, durante uma operação contra as máfias asiáticas na Espanha – na época, acreditou-se que as organizações poderiam ter lavado dinheiro por meio da produtora dele.

Mais recentemente, Nacho foi acusado de homicídio culposo no episódio da morte do fotógrafo José Luis Abad. A história é bem bizarra: o fotógrafo teria morrido em 2019, em decorrência do veneno de um sapo. A substância teria sido administrada durante um ritual, na casa do ator, para desintoxicação de drogas.

LIONSGATE/DIVULGAÇÃO

Com trama sobre astro pornô espanhol, "Nacho" aborda a indústria de filmes adultos; produção estreia nesta sexta-feira (3/3), no Lionsgate+

"NACHO"

● Série em oito episódios. Estreia nesta sexta (3/3), no Lionsgate+. Novos episódios às sextas.

PRÓXIMOS EPISÓDIOS

NETFLIX/DIVULGAÇÃO

"NEXT IN FASHION"

Os apresentadores Gigi Hadid e Tan France se juntam a um painel de especialistas como jurados da segunda temporada desta competição em busca do próximo ícone da moda.

- **Nesta sexta (3/3), na Netflix**

"EM NOME DA FÉ: UMA TRAIÇÃO SAGRADA"

Série documental conta a história de quatro líderes coreanos que alegavam ser profetas, mostrando o lado sombrio do fanatismo religioso.

- **Nesta sexta (3/3), na Netflix**

LIFETIME/DIVULGAÇÃO

"PASSAPORTE FEMININO"

Série apresentada por Carol Massière acompanha a trajetória de mulheres estrangeiras que emigraram para o Brasil. No episódio de estreia, o destaque vai para as angolanas Safira Lazúli, dançarina que chegou ao país para ter seu segundo filho, e Albertina Calamba, a Tina, que se mudou para São Paulo para estudar jornalismo e participou da edição deste ano do "Big brother Brasil".

- **Segunda (6/3), às 21h10, no canal Lifetime**

"FRIENDZSPACE"

Série infantil acompanha o trio Kim, Alice e Leo, crianças que se tornam embaixadoras da Terra e ganham uma missão: explorar a galáxia e intermediar a relação entre humanos e alienígenas. São 52 episódios, com exibições de segunda a sexta.

- **Segunda (6/3), às 19h25, no canal Discovery Kids**

WARNER/DIVULGAÇÃO

"OS WINCHESTERS"

Spin-off de "Supernatural", a trama se desenrola anos antes da série original. Acompanha John Winchester e Mary Campbell, os pais de Sean e Dean, os irmãos que lutam contra ameaças sobrenaturais na produção que teve 15 temporadas. A nova produção começa quando John volta para casa, após lutar no Vietnã. Ele conhece Mary, uma caçadora de demônios de 19 anos, que também está em busca de respostas, após o desaparecimento de seu próprio pai.

- **Terça (7/3), às 22h30, no Warner Channel**

"VOO 370: O AVIÃO QUE DESAPARECEU"

Em 2014, um avião com 239 pessoas a bordo desapareceu do radar. A série documental investiga o mistério em torno do voo MH 370, da Malaysia Airlines, que sumiu depois de decolar de Kuala Lumpur, com destino a Pequim. Acredita-se que a aeronave tenha caído no Oceano Índico.

- **Quarta (8/3), na Netflix**

"O GRITO DAS MARIPOSAS"

Série que dramatiza a história de Minerva Mirabal, advogada e ativista dominicana assassinada ao lado de suas irmãs, por ordem do ditador Rafael Trujillo, em 1960. As irmãs Mirabal se tornaram símbolo da luta contra a violência de gênero. Produção filmada na Colômbia com atores latinos de diferentes nacionalistas.

- **Quarta (8/3), no Star+**

ESTADO DE MINAS

SEXTA-FEIRA, 3 DE MARÇO DE 2023

“O Brasil nunca tinha sido chamado a enfrentar um problema dessa dimensão, capaz de afetar a coletividade humana; agora fomos”

João Moreira Salles, autor do livro “Arrabalde”

RELEITURA DE LÉLIS PARA PINTURA DO ARTISTA PARAENSE ARTHUR FRAZÃO (1890-1967)

AVISTAR AS ÁRVORES. AINDA ENXERGAR A FLORESTA

Edição especial do Pensar traz entrevistas com o documentarista João Moreira Salles sobre o livro que lançou com um conjunto de reportagens a respeito do bioma e com os coordenadores do projeto Amazônia 2030, os pesquisadores Beto Veríssimo e Juliano Assunção. Eles fazem um diagnóstico desalentador da situação atual e apontam caminhos para recuperação das áreas degradadas da floresta. Ainda nesta edição, resenhas dos livros “O destino da floresta”, de Susanna Hecht e Alexander Cockburn, e “O espírito da floresta”, coletânea de Bruce Albert e Davi Kopenawa, os mesmos autores de “A queda do céu”.

“Eles não sabem cuidar da floresta e não querem. Contentam-se em pensar: 'A floresta cresceu sozinha, sem motivo, e nós somos os donos da mercadoria, portanto vamos continuar a fabricar ainda muito mais, sem fim!'. Então, cavam o chão, cortam as árvores e queimam tudo ao passarem. Depois disso, todos começaram de repente a falar em 'mudança climática'! Nós, xamãs, escutamos essas palavras dos brancos. Mas não gostamos delas. O que vocês nomeiam assim não vem do nosso rastro na Terra! Nós, habitantes da floresta, não a maltratamos. Não a desmatamos sem medida. Toda essa devastação é a pegada dos brancos, o traço deles no chão da terra.”

Davi Kopenawa, autor dos livros “A queda do céu” e “O espírito da floresta”

ENTREVISTA/JOÃO MOREIRA SALLES

"TUDO AINDA ESTÁ EM JOGO, MAS A ENCRUZILHADA É AGORA"

EM LIVRO QUE RESULTA DE SEIS MESES DE VIAGENS PELA AMAZÔNIA, DOCUMENTARISTA BUSCA A ORIGEM DA INDIFERENÇA DO RESTANTE DO BRASIL AO BIOMA, CRITICA O MODELO DE COLONIZAÇÃO ADOTADO NA REGIÃO E AFIRMA QUE A FLORESTA NÃO AGUENTA MAIS DEVASTAÇÃO

CARLOS MARCELO

Não existem árvores na capa do livro de João Moreira Salles. Verde é quase nada. Esmaecida, a cor está confinada ao nome e sobrenomes do autor de "Arrabalde". Duas onças imaginadas pela artista Joseca Yanomami flutuam no vazio vermelho. É a porta de entrada do minucioso e revelador relato de uma Amazônia dilacerada.

Com citações dos estudos mais relevantes sobre o bioma produzidos nos últimos anos e de sentença de escritores como Euclides da Cunha e Milton Hatoum, "Arrabalde" narra a colonização, o desmatamento, a disputa pela terra, o fracasso e as consequências de projetos megalomaníacos, a desertificação, a imposição cultural, as múltiplas tentativas – e os crescentes riscos ao planeta – da ação humana ao subjugar a floresta ao longo das últimas décadas. E, a cada década, há menos Amazônia. "A encruzilhada é agora. Tudo ainda está em jogo e isso não vai durar por muito tempo", alerta o documentarista, em entrevista ao **Estado de Minas**.

Tantas formas de destruição do bioma responsável por 25% de toda biodiversidade terrestre do planeta são facilitadas pelo que Moreira Salles chama de indiferença do restante do Brasil. "A Amazônia sofre por não ter sido pensada e não ter sido querida. A civilização brasileira não formulou uma ideia de floresta, não a incorporou à imaginação coletiva, não a transformou em imagem compartilhada", constata, em um dos pontos altos do livro. "A colonização indiferente permite que a Amazônia seja destruída com menos ônus moral: é mais fácil destruir aquilo que não está investido de afeto, de interesse, curiosidade ou conhecimento."

"O sentimento em nós é brasileiro, a imaginação europeia. As paisagens todas do Novo Mundo, a floresta amazônica ou os pampas argentinos, não valem para mim um trecho da Via Appia, uma volta da estrada de Salerno a Almafi, um pedaço do cais do Sena à sombra do velho Louvre. No meio do luxo dos teatros, da moda, da política, somos sempre squatters (posseiros), como se estivéssemos ainda derribando (sic) a mata virgem."

Joaquim Nabuco (1949-1910), em "Minha formação"

Conhecido por documentários intimistas como "Nelson Freire" (2003), "Santiago" (2006) e "No intenso agora" (2017), o publisher da revista "piauí" passou sete meses no Pará em 2019. "Fui conhecer a Amazônia porque a gente que não é de lá vive de costas para ela", afirma o carioca. Até então, ele jamais havia permanecido mais do que duas semanas no bioma. O documentarista explica a opção por uma narrativa com palavras, não por meio de imagens: "É mais rápido, e eu tinha pressa. E a escrita me parece mais espaçosa do que o cinema. Cabe mais coisa nela", afirma o irmão do cineasta Walter Salles.

João Moreira Salles alugou um apartamento em Belém e fez seguidas expedições ao interior do Pará. Entrevistou, observou, pesquisou, formou convicções, desfez impressões. Voltou ao Rio de Janeiro pouco antes do início da pandemia com dois cadernos repletos de anotações transcritas a cada noite paraense, uma série de vídeos curtos ("Filmava cinco minutos por dia, nem mais nem menos, e esses pequenos vídeos me ajudaram a descrever pessoas e paisagens mais de um ano depois de tê-las visto"), algumas frases na cabeça ("Quando cheguei, aqui não tinha nada", repetida por fazendeiros orgulhosos de pastos ou lavouras que fizeram após arrancar árvores) e uma certeza: "Amazônia é a parte central do Brasil hoje em dia. A periferia somos nós."

A viagem ao Pará rendeu um conjunto de sete artigos publicados originalmente na revista "piauí" e ampliadas para o livro. Houve uma razão para João Moreira Salles escolher o estado da região do Norte como ponto de partida para a tentativa de compreensão do que o Brasil está fazendo – ou deixando de fazer – com um dos patrimônios da humanidade. "O Pará contém todas as glórias, misérias e contradições do bioma, depois de 500 anos de história: a Amazônia preservada, a destruída, a que criou territórios quilombolas para proteger as populações que fugiam dos seringais, a das periferias que convivem com violência e com menos vigilância e atenção da imprensa e da sociedade civil organizada, a das terras indígenas, indígenas em situação urbana absolutamente precarizada. Enfim, é uma zona em disputa, como toda a Amazônia", explica. "É um lugar em fluxo que pode ir para a devastação de um ponto de não-retorno ou para a restauração das áreas desmatadas com a devolução dos processos ecológicos que foram destruídos. Tudo é possível. Mas tem que ser nesse momento, não daqui a 20 ou 30 anos", ressalta Moreira Salles. "A floresta não aguenta mais devastação e estamos chegando perto do ponto em que ela joga a toalha e vira outra coisa, como uma savana."

CALE/DIVULGAÇÃO

"A colonização indiferente permite que a Amazônia seja destruída com menos ônus moral. É mais fácil destruir aquilo que não está investido de afeto, de interesse, curiosidade ou conhecimento."

"Não existe mais esse negócio de 'desastre natural' ou 'as coisas vão piorar'; tecnicamente falando, já pioraram (...). O aquecimento global comprimiu da forma mais improvável em duas gerações toda a narrativa da civilização humana (...). E, se não fizermos nada quanto às emissões de carbono, se os próximos 30 anos de atividade industrial deixarem como rastro o mesmo arco ascendente dos últimos 30 anos, até o fim deste século regiões inteiras se tornarão inabitáveis por quaisquer padrões que tenhamos atualmente."

David Wallace-Wells, em "A terra inabitável – Uma história do futuro"

Como reverter a marcha da destruição em curso no planeta? Em "Arrabalde", João Moreira Salles aponta um caminho após citar a condição de emergência climática mundial que tira o sono, em especial, dos países desenvolvidos. "Nunca tínhamos sido chamados a enfrentar um problema capaz de afetar a coletividade humana; agora fomos." E a resposta passa pelo direcionamento de esforços capazes de fazer do país uma referência obrigatória e incontornável para produtos florestais não madeireiros, reflorestamento de áreas abandonadas, agricultura de baixo carbono, entre outras ações de preservação. "Se o Brasil quiser ser um grande país, que se senta com altivez em uma mesa internacional, deve adotar um projeto digno de sua ambição e da riqueza dos trópicos. Se fizer isso, ajuda o mundo a se livrar de um problema existencial. Mas tem de querer", avalia o autor de "Arrabalde". A seguir, trechos da entrevista de João Moreira Salles ao Pensar do **Estado de Minas**.

Por que contar essa história sem imagens ou sons, mas com palavras?

Porque é mais rápido, e eu tinha pressa. Não é preciso levantar recursos substanciais, não é preciso formar uma equipe, não é preciso passar mais de um ano numa ilha de edição, não é preciso perambular com o filme pelos festivais na torcida para que ganhe um mínimo de visibilidade capaz de despertar o interesse do público. Essa é a resposta mais prática. A outra, mais conceitual, é que a escrita me parece mais espaçosa do que o cinema. Cabe mais coisa nela. Numa reportagem é mais fácil passar de um assunto para outro, recuar para o passado num parágrafo para, logo no seguinte, voltar para o presente. Documentários, ao menos aqueles que eu faço, tendem a se concentrar num único assunto, numa única história – uma eleição, um pianista, um ano, um homem, uma casa. O escopo de "Arrabalde" é muito mais amplo.

O cético diante de um 'milagre'

"Não sou pessoa de grande espiritualidade, não tenho muito metafísica, salvo com o Botafogo (clube do coração do documentarista). Não me foi dada a graça da fé. Mas, em Cachoeira da Porteira (PA), à beira do Rio Trombetas, região protegida na Calha Norte, fiquei hospedado em uma pequena pousada em território quilombola. Da varanda, na parte alta da pousada, é possível ver a floresta a perder de vista. E às seis da tarde a floresta começa a respirar. Exalar o vapor e a água que ela não precisa e, portanto, ela doa. É a água que vai chover em outros lugares. O que vi é, de fato, a coisa mais próxima de Deus que consigo imaginar. Ou seja: algo infinitamente maior que eu, que não compreendo, mas que me comove. Sei que dependo daquilo que me permite existir. Essa minha reverência ao infinito não dura muito tempo, logo volto ao meu modo de ser. Mas a Amazônia te permite isso: observar o incomensurável do espanto. Pode ser aterrorizante ou milagroso. Para mim, foi milagroso. Graças a Deus."

Quais os cuidados que tomou para não impor a sua visão cultural, originalmente hegemônica, à Amazônia?
Não imagino que seja possível ser um observador imparcial. É inevitável projetar no que está diante dos olhos o mundo mental que carregamos conosco. O primeiro cuidado, então, é estar ciente disso e não ser um observador ingênuo. O segundo cuidado é aquele que menciono logo na abertura do livro: é preciso prestar atenção. Como eu escrevo: "A pensadora francesa Simone Weil dizia que a atenção é a forma mais rara e mais pura da generosidade. A floresta sempre precisou de atenção, mas poucos lhe dispensaram esse cuidado simples. Populações indígenas e tradicionais, sim. Naturalistas, exploradores e cientistas, também. Ainda, alguns escritores. Mas a grande massa de gente que, ao fim e ao cabo, colonizou a Amazônia, não." A atenção de Weil é uma espécie de exercício moral que leva à empatia e ao cuidado. Não é coisa que a gente alcance, mas funciona como horizonte.

O que você chama no livro de "colonização indiferente" e como ela contribui para a destruição da Amazônia?
A colonização indiferente permite que a Amazônia seja destruída com menos ônus moral. É mais fácil destruir aquilo que não está investido de afeto, de interesse, curiosidade ou conhecimento. Cito, no livro, a visão de colonos que foram para lá nos anos 1960 e 1970 e enriqueceram. Homens hoje com 70, 80 anos e donos de casas bonitas, avarandadas. Orgulhosos, eles mostram de suas varandas a obra de uma vida. E a obra da vida deles não é a Amazônia, mas é o inverso da Amazônia. Eliminaram a Amazônia e a transformaram na paisagem que eles conheciam na juventude. "Quando eu cheguei aqui, não tinha nada', eles dizem. E entenda por nada o sistema biológico mais complexo da Terra. Nós somos testemunhas oculares da destruição da Amazônia. Até 1970, o desmatamento era de 0,5%. Hoje está chegando a 21%, 22%. E não houve nos últimos anos nenhuma grande indignação nacional, nenhuma mobilização. A Amazônia não tem ainda o peso do pecado que está sendo cometido em nosso nome. A gente está à vontade na situação tropical, mas não está à vontade na situação equatorial. A nossa imaginação é tropical, é praieira. Mas não é florestal. Nós não transformamos a Amazônia em matéria simbólica.

É diferente do que ocorreu no Oeste dos Estados Unidos?
Nos Estados Unidos, incentivados pelo governo como aconteceu no Brasil, homens brancos, europeus, ocidentais se moveram do Leste para o Oeste. A diferença é que nos EUA a colonização teve mão dupla: o Oeste colonizou o americano que foi para lá. Aquela paisagem, no cinema, na literatura, na música, se tornou sagrada e constituiu hoje a identidade norte-americana. No Brasil, nada parecido aconteceu. A gente foi para a Amazônia e decidiu não se contaminar pela Amazônia. Os índios de nossa infância eram os norte-americanos, não os indígenas brasileiros.

Por que, no livro, há a associação da Amazônia ao espanto?
A escala da Amazônia é inapreensível. E essa ideia se aproxima muito do espanto, que pode ter uma conotação positiva, do milagre, da beleza total, quase uma questão espiritual, como pode ser o terror. A chave do terror ligado à escala é a que está mais presente nas descrições da floresta: no cinema do (Werner) Herzog, por exemplo, é o lugar onde o homem não cabe, é um impertinente; a floresta morde, fere, pica, infecta, esmaga. É tão monumental e tão complexo: as interações ecológicas, processos de vida que dependem um dos outros, são tão infinitas que é um desafio intelectual e até ofende a nossa cabeça cartesiana ocidental porque não conseguimos decifrar. Mas isso não ofende os indígenas. A floresta no seu emaranhado é uma alegoria forte da anarquia, e tirar aquilo para colocar a ordem de uma plantation, de uma monocultura, ou até de várias culturas que respeitam o seu lugar (aqui é o milho, ali é a soja, depois o boi) é mais fácil de compreender e dominar. A incompreensão da floresta impede o domínio, a não ser que você a derrote colocando-a abaixo. E essa talvez seja uma das grandes belezas das civilizações indígenas: elas detêm uma tecnologia extraordinária, uma inteligência ecológica. Entender esse emaranhado e conseguir atuar sobre ele não para destruí-lo, mas para se beneficiar dele, o que nós não sabemos fazer. A nossa epistemologia não sabe lidar com esse excesso de coisas, os povos originários sabem. E aí há um possível encontro que ainda pode acontecer e para mim pode ser a salvação da floresta: aprender com eles essa tecnologia da floresta. Almir Suruí (líder indígena) diz: a gente não tem a tecnologia do google, mas temos a tecnologia da floresta. E num mundo que caminha para situações ainda maiores de emergências climáticas, essa é uma tecnologia quase vital porque permite que a vida continue a ser o que ela é nesse momento. Está na hora de a gente aprender para que o Brasil possa cumprir o seu papel no mundo: ser o país que oferece as soluções, baseadas na natureza, para os problemas das mudanças climáticas. Mas para isso a gente precisa aprender o que ainda não sabe.

E onde está o espanto relacionado ao horror?
O horror é a não-floresta. O horror é a BR-163, entre Santarém e Itaituba: do lado direito, uma floresta nacional, com toda a sua complexidade, beleza e excesso de vida; do lado esquerdo do carro, você tem um deserto. Puseram um gado e o gado exauriu o pasto, que já é vagabundo, em solo paupérrimo. Você está debaixo do sol equatorial, que te martela a cabeça, sem nenhuma cobertura florestal, e para onde você lança o olho nessa direção se avista uma paisagem destruída e um trabalho humano que desistiu: uma cerca caída, um curral sem teto ou parede, de vez em quando alguns bois. A cada quilômetro, a gente vê uma castanheira (cuja derrubada é impedida pelo Ibama), uma árvore que vai morrer porque não está mais inserida em um sistema biológico que a sustente. Cada uma dessas castanheiras projeta sua sombra que faz uma risca no chão nu e lembra um relógio de sol. Em uma dessas riscas, vi seis bois em linha tentando fugir do sol, o focinho de um grudado no rabo do outro. Pareciam equilibristas nessa linha preta marcada pela sombra no chão, único lugar onde eles conseguem se proteger. Essa é a Amazônia que a gente tem construído. O agronegócio brasileiro não é o Vale do Silício da produção de alimentação mundial: você não está construindo a Califórnia brasileira, mas o Sudão ou a Somália, países que sofreram todas as chagas da história e ainda sofrem com desertos naturais. A produtividade da pecuária na Amazônia é baixíssima, patética. E mais: é o grande vetor do desmatamento. Nasce da grilagem. Está contaminada na origem.

- **"ARRABALDE"**
- **João Moreira Salles**
- Companhia das Letras
- 424 páginas
- R$ 99,90

Como o governo Bolsonaro contribuiu, na sua visão, para a destruição da Amazônia?
Bolsonaro acelerou tudo que já existia. Ele anabolizou tudo. A desordem fundiária na Amazonia sempre aconteceu, com a ocupação irregular. Conseguiu ser relativamente controlado no início desse século, com Marina Silva à frente do Ministério do Meio Ambiente. O Estado resolveu se mostrar presente na Amazônia. Já Bolsonaro anunciou que o Estado ia se retirar e que as pessoas poderiam fazer o que quisessem. Logo no primeiro mês ele desautorizou uma ação e se posicionou ao lado dos criminosos que tinham invadido. Quando isso acontece é muito sintomático e grave. Quando o governo decide que as atividades criminosas – grilagem, garimpo ilegal, roubo de madeira – são quase autorizadas porque as multas ambientais são basicamente suspensas, estabelece-se na Amazônia uma espécie de anarquia: o Estado sai e prevalece quem está mais organizado criminalmente. O que aconteceu nos últimos anos é que, hoje em dia, o grande palco onde se disputa o poder das grandes facções criminosas brasileiras não é mais na periferia das grandes cidades brasileiras ou na Baixada Fluminense, mas na Amazônia. E esse é um elemento que não existia, muito novo e perigoso. A gente perdeu a soberania de áreas extensas da Amazônia durante o governo mais militarizado desde a ditadura militar.

> "É possível enxergar a floresta como o nosso Machu Picchu, nosso Partenon"

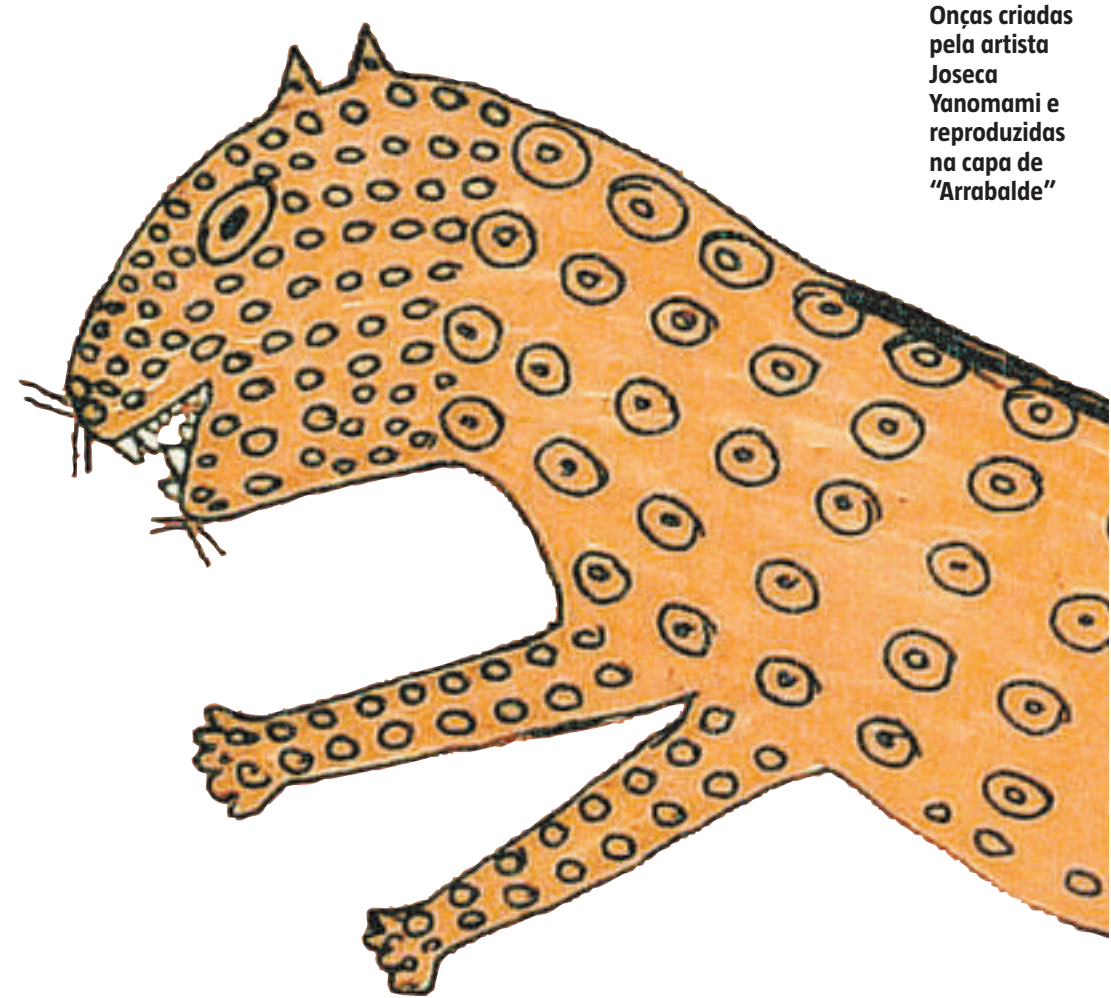
A conclusão de um dos capítulos, a partir dos depoimentos e de estudos citados, é a seguinte: "Proteger a Amazônia é mais produtivo e eficaz do que agredir e destruir a Amazônia". O que o leva à conclusão?
Essa pergunta pode ser respondida de duas maneiras. A primeira olha para o legado do atual modelo de exploração e indaga: Ele produziu bem-estar social? A resposta é um categórico não. Até 1970, a Amazônia Legal representava 4% do PIB brasileiro. Hoje, depois de eliminarmos 20% da floresta, a região responde por 8% do PIB. Soa a progresso, mas não é: no mesmo período, a população da região quadruplicou. Um levantamento feito pelo grupo de pesquisa do economista Juliano Assunção, da PUC-Rio, comparou a renda domiciliar per capita dos seis estados inteiramente contidos no bioma amazônico (Acre, Roraima, Amazonas, Rondônia, Pará e Amapá) com a do restante do Brasil. O cotejo começa em 1970, no início do processo de destruição da floresta, e segue até 2010. Nestes 40 anos de desmatamento contínuo, o Brasil cresceu e deixou os municípios do bioma para trás. Ali as pessoas se tornaram mais pobres do que as que vivem em outras partes do país. Destruímos muito em troca de pouco e a um custo imenso. Dos municípios com os 20 maiores idhs do Brasil, nenhum está na Amazônia. Já dentre os 20 com os piores IDHs, 15 estão na região. Oitenta e dois por cento dos que vivem na Amazônia não têm acesso a saneamento básico. As regiões desmatadas sofrem um êxodo demográfico. Dados de 2022 mostram que dos cinco municípios brasileiros que mais emitem gases de efeito estufa, quatro estão na região: Altamira (PA), São Félix do Xingu (PA), Porto Velho (RO) e Lábrea (AM). São Paulo, com sua potência industrial, aparece na quinta posição. É evidente que estamos cometendo um erro histórico. Caso essas emissões estivessem a serviço da prosperidade, ao menos poderíamos abrir uma conversa: vale a pena? Minha resposta seguiria sendo não – a catástrofe ecológica cobrará o seu preço, que será imenso – mas nem é o caso aqui. Temos apenas a tragédia ambiental, sem ganho social nenhum. A segunda resposta leva em conta o atual momento da história geofísica e ecológica do planeta, marcada pela crise das mudanças climáticas. Há dois caminhos possíveis para enfrentar o problema. O primeiro deles é o das soluções tecnológicas – geoengenharia, captura e estocagem de carbono etc. O segundo caminho é o das soluções baseadas na natureza – reflorestamento, restauração ecológica de áreas degradadas etc. A primeira solução será dada pelos países tecnologicamente avançados. A segunda, pelos países do cinturão tropical. O caminho tecnológico ainda não é técnica e economicamente viável. Por ora, não existe tecnologia mais eficiente e barata para capturar carbono do que uma árvore que cresce, uma floresta que é recuperada e protegida. E mais: no futuro, soluções tecnológicas talvez sejam capazes de desacelerar o aquecimento do planeta, mas não terão qualquer impacto sobre a produção de água doce ou sobre a manutenção da biodiversidade, dois sistemas essenciais ao equilíbrio do planeta. É a floresta que provê esses serviços ecossistêmicos. Está na hora de começar a defender a ideia da natureza como infraestrutura sem a qual não existe a vida. Somos nós os provedores dessa infraestrutura vital. Poderemos cobrar por ela, mas isso não acontecerá automaticamente. Temos que construir essa possibilidade. Importante ressaltar que nada disso exclui a lavoura e a pecuária do bioma, e muito menos as cadeias de produtos florestais não madeireiros – açaí, cupuaçu, cacau, bacuri, óleos vegetais, fungos comestíveis. Devastamos tanto, deixamos para trás tanta terra abandonada, que, paradoxalmente, pode-se inclusive aumentar a produção agropecuária da região ao mesmo tempo em que recuperamos as florestas. Basta abandonar o modelo predatório e vagabundo que está aí, comandado pela pecuária. A Amazônia foi colonizada pelo boi. A cultura do boi prevalece: roupas, chapéus, botas, carros 4x4, adereços taurinos, música sertaneja... A comida na casa das pessoas mais abastadas é o churrasco, isso num lugar de uma culinária absolutamente fenomenal. Há a massacrante presença de uma cultura que é a antítese da floresta no bioma florestal.

Yanomamis são citados no livro apenas uma vez porque eles não vivem na região que você visitou. Mas como vê a forma que os yanomamis foram tratados nos últimos anos e os relatos divulgados no início de 2023, como o publicado pela Sumaúma? Outros povos indígenas passam pelo mesmo drama humanitário?
Um pequeno e triste episódio ilustra como o último governo tratou o povo yanomami. O garimpo traz consigo a malária, doença que explodiu em terras yanomamis. Entre 2014 e 2020, dados do Sistema de Informação de Vigilância Epidemiológica (Sivep-Malária) mostram que os casos da forma mais letal da doença cresceram 716 vezes dentro do território indígena. Pois bem, em novembro de 2021, uma equipe multidisciplinar da Fiocruz quis entrar no território para prestar assistência médica às populações afetadas. Não conseguiu. Alegando protocolos sanitários da pandemia de COVID-19, a Funai impediu que os agentes entrassem na região, proibição que só seria suspensa no ano seguinte. E o mais espantoso: de acordo com o site Amazônia Real, em julho de 2022, enquanto o Exército produzia cloroquina e o presidente da República fazia lives quase diárias recomendando o uso da droga para combater o SARS-Cov-2, contra o qual o medicamento é ineficaz, faltava cloroquina para tratar pacientes indígenas. Como se sabe, a substância é indicada para o tratamento da malária. Ou seja: em todo o território brasileiro só não havia cloroquina onde ela era mais necessária. Não consigo imaginar que isso seja descaso. É projeto. A saúde e a segurança do povo Munduruku estão seriamente ameaçadas pelo garimpo. Em 2019, cientistas da Fundação Oswaldo Cruz e de outras sete instituições de pesquisa visitaram o médio Tapajós para avaliar o impacto da contaminação por mercúrio em habitantes da Terra Indígena Sawré Muybu, situada nos municípios de Itaituba e Trairão. Foram entrevistados e avaliados duzentos mundurukus. Era um grupo bastante jovem, com idade média de 14 anos. Seis em cada dez participantes apresentaram níveis de mercúrio que ultrapassavam os limites máximos estabelecidos pelas organizações de saúde. Numa única aldeia, a prevalência de contaminação se estendeu a 87,5% da população. O maior nível de mercúrio em todo o grupo foi registrado numa criança de 10 anos. Muitos indígenas já mostram algum grau de comprometimento neurológico. Em artigo sobre o impacto do garimpo sobre o povo munduruku publicado na revista "piauí", a antropóloga Aparecida Vilaça escreve sobre um professor indígena que se surpreendeu com o alto nível de reprovação escolar nas várias aldeias da região. Constatou então que diversas crianças já apresentavam problemas motores. Um dos alunos do professor indígena, um rapaz munduruku de 17 anos, deixou de frequentar as aulas porque não conseguia mais andar. São muitos os exemplos. Em terra Uru-eu-wau-wau, milhares de cabeças de gado pastam em terras roubadas dos indígenas. O Conselho Indigenista Missionário mostrou que já no primeiro mês do primeiro ano do governo Bolsonaro, as TIs Arara, no Pará, e Arariboia, no Maranhão, registraram a invasão de madeireiros e grileiros. Durante o último governo, nem os que mereceriam mais proteção do Estado estiveram a salvo: segundo o Ipam, de 2019 a 2021 seis das 10 terras indígenas com maior aumento no desmatamento no bioma eram habitadas por povos isolados, exatamente aqueles menos preparados para resistir ao contato com o homem branco, com suas armas e seus patógenos. Em resumo: há crises humanitárias pipocando na Amazônia inteira, mas talvez nenhuma delas com a intensidade com o que a gente viu em terra yanomami. Só que os elementos da crise estão disseminados em todo o bioma.

Como transformar o arrabalde não apenas em uma casa, mas na nossa casa? Como despertar o pertencimento da Amazônia em brasileiros que não moram na região?
Não existe um único caminho. Fazer do Brasil o país das soluções baseadas na natureza que ajudam o mundo a enfrentar a crise climática é um desses caminhos. No momento em que nos tornarmos uma potência ambiental dos trópicos, ganharemos uma identidade e um propósito. Se faz isso, você desembarca na Normandia. O Brasil infelizmente é muito periférico na história do mundo, a nossa contribuição sempre foi muito tímida, nunca fomos chamados a cumprir uma missão civilizatória de impacto global. Agora a gente tem. É a primeira vez, e não tem ninguém mais habilitado. Mas o Brasil precisa querer. Nessa hora, nós nos daremos conta de que os nossos biomas são o nosso patrimônio mais valioso – e uso aqui "valor" no sentido amplo da palavra, sem reduzi-la apenas ao elemento econômico: a beleza tem valor, a variedade das coisas vivas tem valor, tem valor o cumprimento de um dever de civilização. Outro caminho é transformar a floresta em matéria simbólica. Em cultura. Adoraria ver um programa de Estado que enviasse grandes artistas de fora do bioma para lá, enquanto os de lá seriam levados para outras partes do Brasil, num grande processo de fertilização mútua das nossas imaginações. Um bom modelo seria o Works Progress Administration (WPA) do governo Roosevelt durante os anos da Depressão norte-americana. Desse nosso esforço nasceriam filmes, peças, livros, canções, quadros, móveis, roupas. Seria muito bonito.

Quais as suas descobertas mais recentes que mudaram o seu entendimento da Amazônia?
Depois que fiz as reportagens para a "piauí", descobri toda essa nova ciência da arqueologia que identifica a floresta manipulada. A floresta é, ao mesmo tempo, natureza e cultura. Os estudos mais recentes mostram que, ao longo de séculos, os indígenas manipularam a floresta, ela é como se fosse uma obra deles, e isso é uma beleza. São 390 bilhões de árvores na Amazônia inteira, divididas em 16 mil espécies. O notável é que, dessas 16 mil, apenas 227 são hiperdominantes. E há duas explicações para essa hiperdominância: uma é a vantagem darwiniana, são simplesmente melhores na competição. A outra explicação é que essas espécies se tornaram hiperdominantes porque foram selecionadas, domesticadas, plantadas, cultivadas, porque têm uso econômico ou ritual na cultura dos povos originários. Eduardo Neves (arqueólogo, autor de livros como "Arqueologia da Amazônia"), à frente dessa pesquisa toda, diz que a gente não consegue, diante desses dados, descartar a hipótese de que a floresta amazônica que a gente vê é também um jardim. No sentido que ela foi também plantada. É um bem comum extraordinário e pertence a toda a humanidade. Esse foi o legado dos povos originários. Não é preciso buscar em obras de civilização, que são realmente notáveis, como Machu Picchu, o parâmetro para todas as outras. Existem outras maneiras de avaliar a grandeza e a obra de uma civilização. A nossa, as que estavam aqui em nossas fronteiras antes de serem encontradas e dizimadas pelos exploradores, são civilizações orgânicas que não lidam com a pedra ou o metal, não fazem templos. Mas lidam com matéria viva; palha, madeira, lidam com a inteligência ecológica. Com isso, conseguiram viver dentro da floresta vivendo da floresta sem destruir a floresta e modificando a floresta. Se as pessoas entendessem assim o que é a floresta, mudaria tudo, passaria a ser uma obra, um legado. Seria possível enxergar a floresta como o nosso legado, o nosso Machu Picchu: se torna um precioso presente que nos legaram os povos que aqui estavam antes de a gente chegar e que, portanto, é da nossa responsabilidade manter, cuidar e zelar. Os gregos não destroem o Partenon, a gente não deveria destruir a Amazônia.

Onças criadas pela artista Joseca Yanomami e reproduzidas na capa de "Arrabalde"

AMAZÔNIA ESPECIAL

“REPLANTAR A FLORESTA É MAIS RENTÁVEL DO QUE CRIAR BOI”

COORDENADORES DO PROJETO AMAZÔNIA 2030 DETALHAM AS CONSEQUÊNCIAS ECONÔMICAS E SOCIAIS DO DESMATAMENTO ACELERADO E AFIRMAM QUE O REPLANTIO EM TERRAS ABANDONADAS PELA AGROPECUÁRIA PODE SE TORNAR UMA DAS BASES DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO BIOMA

ENTREVISTA/Juliano Assunção (Economista, professor da PUC-Rio e diretor-executivo do Climate Policy Initiative)

“O desmatamento não foi uma fonte relevante nem de emprego nem de renda”

O desmatamento da Amazônia trouxe riqueza?
Esta é a questão central. Eu diria que o desmatamento é hoje muito mais um empecilho ao desenvolvimento econômico do que uma fonte de renda à população. Se pegarmos o período em que fomos mais efetivos no combate ao desmatamento, que é o período de 2004 a 2012, a taxa caiu em torno de 80%, o PIB da agropecuária da Amazônia subiu. As imagens de satélite das áreas desmatadas da Amazônia Legal indicam que aproximadamente a quinta parte delas está abandonada, em algum processo de regeneração. Por um lado, isso mostra como a floresta tem capacidade para o restauro natural. Mas por outro lado, ilustra com muita clareza que se desmatou à toa, por questões que não estão associadas à necessidade de produzir, tanto é que foram abandonadas. E em outras áreas desmatadas, o grau de produtividade é extremamente baixo. O desmatamento não foi uma fonte relevante nem de emprego nem de renda. Apenas 17% da mão de obra na Amazônia está associada à agropecuária, portanto, a agropecuária não é um grande gerador de empregos. E o emprego gerado pela agropecuária tem caído. Além disso, a associação do desmatamento com a ilegalidade, eu diria que se torna um empecilho aos investimentos, pois cria um ambiente de deterioração institucional pela convivência com a ilegalidade. Então tipicamente os melhores investidores, as melhores empresas em suas avaliações de risco, eles olham para a Amazônia com o desmatamento associado às áreas como fator de risco. Além disso, há as questões internacionais: os pólos comerciais começaram a utilizar o desmatamento fora de controle como barreira não tarifária em suas importações.

Quais são as variáveis que mais impactaram a queda vertiginosa do desmatamento da Amazônia Legal no período compreendido entre 2004 e 2012?
Temos um trabalho do Climate Policy Iniciative, que eu dirijo, para estimar o impacto causal da política de combate ao desmatamento, que se inicia com o monitoramento via satélite sobre o desmatamento. Conseguimos afirmar, com grande segurança, que a maior parte da queda do desmatamento está associada à política de comando e controle que usa o satélite como ponto de partida. Não tem muita dúvida que essa política lançada em 2004, que começou a monitorar a Amazônia via satélite e tomar ações e punições a partir das imagens, teve impacto extraordinário sobre a queda do desmatamento. No governo Bolsonaro teve o monitoramento, mas não teve política. É preciso ter o pacote inteiro. O que o satélite faz é aumentar a efetividade da ação policial: você aumenta muito a efetividade do esforço policial, com a tecnologia. O desmatamento acaba acontecendo ao longo de algumas semanas e há tempo de fazer uma operação, apreender equipamentos, destruí-los e aplicar as principais punições aos desmatadores. Agora, claro, apenas a tecnologia, sozinha, não vai acontecer nada, apenas vai assistir ao desmatamento da floresta em HD. Então existe uma agenda de combate ao desmatamento para a qual o Brasil tem muita expertise, que precisa ser recuperada. Esse sistema, apesar de efetivo, tem vários caminhos de aprimoramento. E é importante olhar para a atividade econômica do sistema como um todo, para que se consiga aumentar a governança da região e, ao mesmo tempo, abordar alguns dos obstáculos ao desenvolvimento.

Como a floresta amazônica pode se tornar sustentável?
O desmatamento na Amazônia em quase a sua totalidade é ilegal, está associado ao roubo de terra pública e a uma cultura de impunidade, de convivência com o ilegal. O grosso do desmatamento é para a pecuária, a grande atividade que se estabelece após o desmatamento. Sob o ponto de vista de eficiência econômica, da dimensão mais visível que é a do carbono - ou seja o carbono vis a vis a pecuária que ali se estabelece. Temos feito algumas simulações. Se tirasse a pecuária e adotasse o restauro florestal, e se fosse capaz de capturar o carbono associado ao crescimento da floresta, a uma taxa de 20 dólares a tonelada, a pecuária não teria a menor chance de se estabelecer na Amazônia. O preço do carbono chegou a bater recentemente a 100 dólares nos mercados europeus. Além disso, 25% da área devastada da floresta está em processo de regeneração: há 7 milhões de hectares da Amazônia que estão regenerando há mais de três anos de maneira passiva. E não há nada mais eficaz para capturar carbono do que o processo de fotossíntese. Na Amazônia, como as árvores crescem bastante - tem muita biomassa - o potencial de captura é muito grande. Então enquanto a floresta está se regenerando, a criação da biomassa está fixando o carbono atmosférico nas árvores, nas folhas. O desafio é como a gente estrutura o mecanismo para que esse potencial se realize. Mas não temos dúvida de que somente o carbono já seria suficiente para inviabilizar a agropecuária do ponto de vista da eficiência econômica. Agora, além do carbono, temos um processo de ocupação humana desastroso da região e um contingente de jovens desalentados, disponíveis para se conectar ao mercado de trabalho, mas há o desafio de inserção produtiva: a qualificação profissional é baixa e o acesso à internet é mais limitado. Então tem alguns caminhos que conseguimos identificar para a região, mais condizentes com as oportunidades de trabalho que se apresentam do que o desmatamento. O que podemos aprender que uma agenda de inserção produtiva de jovens na Amazônia, em que vamos tirar proveito da combinação entre capacitação profissional, acesso à internet e maneiras de conectar os jovens ao mercado de trabalho é muito mais promissor do que qualquer atividade voltada ao desmatamento, que é atividade ilegal que acaba deteriorando o ambiente de negócios e de investimento.

BERTHA MAAKAROUN

Um desmatamento acelerado, predatório e desnecessário varreu em cinco décadas um quinto da floresta abraçada pela Amazônia Legal. Se até 1975, a cobertura vegetal resistia praticamente intacta, com o comprometimento de apenas 0,5% da floresta, 86 milhões de hectares já foram destruídos. É uma área do tamanho da Espanha e Itália juntas ou correspondente ao território dos estados de Minas Gerais e de São Paulo. Além da derrubada das árvores, no pós-década de 1970, extensas áreas de florestas remanescentes foram degradadas por queimadas, extração de madeira, garimpo de ouro e grilagem de florestas públicas. Todas ilegais, essas atividades acirram conflitos sociais e potencializam a violência endêmica na região, deteriorando o ambiente econômico. Não menos grave, o ritmo alucinado de degradação ambiental tangencia o risco de não retorno: cientistas e pesquisadores registram a perda da capacidade de regeneração em várias áreas devastadas da floresta, com a vegetação nativa sendo substituída por espécies típicas do cerrado, de menor porte e mais resistentes ao clima seco e ao fogo. A persistir esse cenário, as consequências para o equilíbrio climático e ambiental da região e do planeta serão dramáticas: a floresta remanescente ainda guarda entre 550 a 734 gigatoneladas de CO_2, a maior reserva de carbono florestal do mundo, presta serviços ecossistêmicos vitais para a regularização dos ciclos hídricos, e constitui abrigo para a maior biodiversidade do planeta.

As constatações acima constam no projeto Amazônia 2030, iniciativa conjunta de pesquisadores do Instituto do Homem e do Meio Ambiente da Amazônia (Imazon) e do Centro de Empreendedorismo da Amazônia, ambos situados em Belém, com a Climate Policy Initiative (CPI) e o Departamento de Economia da PUC-Rio, que, entre 2020 e 2022, reuniu cientistas para a pesquisa e a sistematização do conhecimento já produzido sobre a Amazônia nas dimensões econômica, humana e ambiental. "Desmatou-se muito, mal e rapidamente na Amazônia, o que contribui para piorar o balanço de carbono no Brasil e para as perdas de vida da biodiversidade", considera o engenheiro agrônomo Beto Veríssimo, pesquisador sênior e co-fundador do Imazon, um dos coordenadores do projeto Amazônia 2030. Atualmente, a Amazônia Legal gera 48% das emissões de Gases de Efeito Estufa (GEE) do Brasil, a maioria devido ao desmatamento e às queimadas, não obstante, contribua com menos de 9% do PIB do país. "São Félix do Xingu, município do Pará (com população segundo censo parcial divulgado em 2022 de 81.161 habitantes), emite mais do que São Paulo (com 12.200.180 habitantes, censo parcial 2022)", aponta Veríssimo. "Em 2022 foram, na Amazônia, um milhão e 300 mil campos de futebol queimados. Cada campo de futebol representa 150 toneladas de carbono", afirma ele.

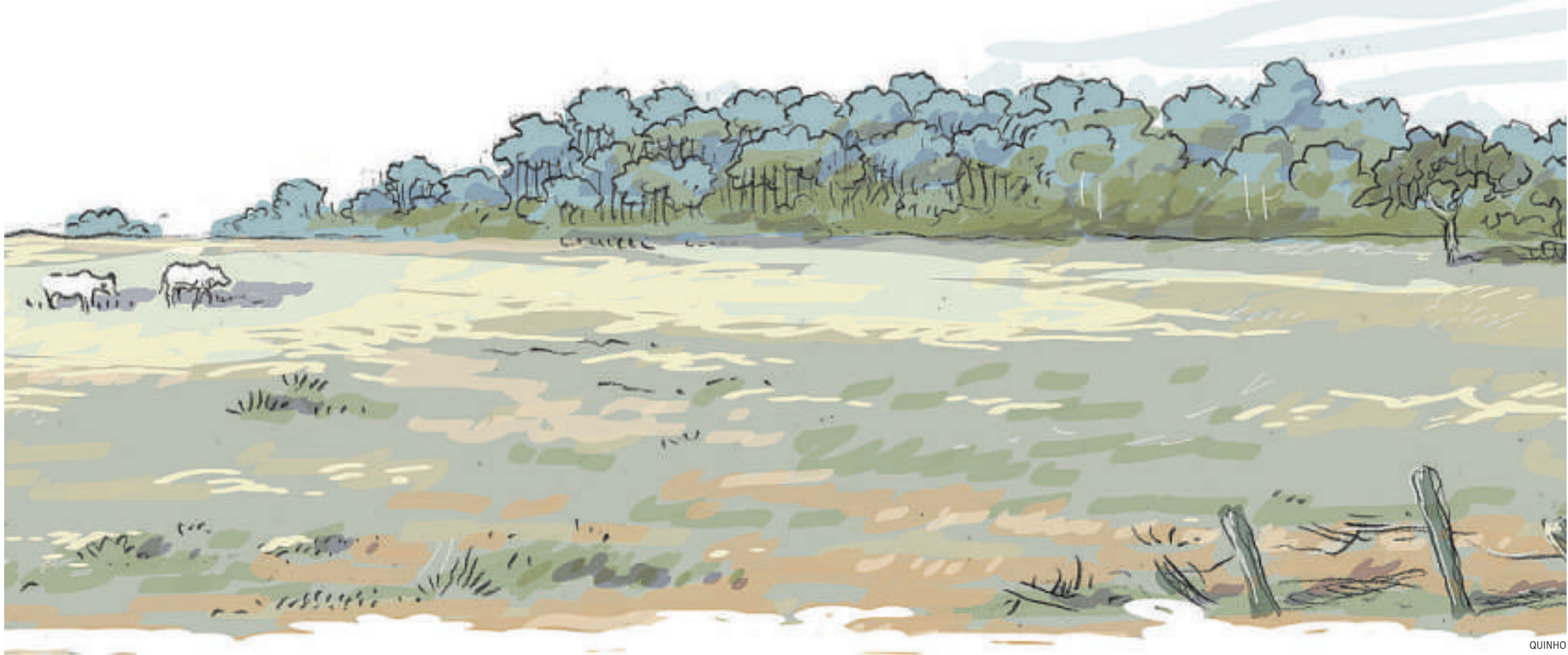
Ao contrário do que o senso comum possa supor, o desvairado desmatamento da Amazônia não trouxe riqueza à região. Coordenador do projeto Amazônia 2030, o economista Juliano Assunção, professor da PUC-Rio e diretor-executivo do Climate Policy Initiative, é taxativo: "O período em que fomos mais efetivos no combate ao desmatamento foi exatamente aquele em que o PIB da agropecuária da Amazônia mais cresceu". Entre 2004 e 2012, o desmatamento na Amazônia Legal teve redução de mais de 80%, caindo no período de 27.772 km^2 para 4.571 km^2, a menor taxa da série histórica a partir de 1997. Ao mesmo tempo, a produção de soja, milho, dendê e carne na região quase dobrou: saltou de aproximadamente 30 mil toneladas, em 2004, para cerca de 55 mil toneladas, em 2012. Juliano Assunção observa que muito do desmatamento realizado não estava associado à necessidade de produção. "Se olharmos as imagens de satélite das áreas desmatadas vamos observar que aproximadamente a quinta parte dessas áreas está abandonada, o que ilustra com muita clareza que se desmatou à toa, por questões que não estão associadas à necessidade de produzir, tanto é que foram abandonadas. E o grau de produtividade nas outras áreas é extremamente baixo", afirma o economista.

Além de a agropecuária não ser grande geradora de oportunidades de emprego – apenas 17% da mão de obra na Amazônia está associada a ela – o desmatamento a serviço da atividade não apresentou impacto positivo sobre as possibilidades de trabalho: 40% da população entre 25 e 29 anos na região está fora do mercado, formando um contingente de jovens que nem estuda nem trabalha. Com um perfil demográfico diferente das demais regiões do Brasil, a Amazônia Legal registrará, até 2030, um bônus demográfico, com maior proporção de pessoas em idade de trabalhar, na faixa etária compreendida entre 18 e 64 anos. "Entretanto, pela atual ausência de oportunidades, esse bônus tem se transformado em ônus: os jovens encontram poucas oportunidades e a participação deles no mercado de trabalho na Amazônia é de 13 pontos percentuais menor do que no resto do país", afirma Juliano Assunção. É assim que, apesar do contingente de jovens disponíveis para o trabalho ser relativamente grande em relação ao resto do país, estes não encontram emprego e, pelo desalento, sequer o estão procurando. "Não há um instrumento de política pública com ensino profissionalizante para ajudar esse jovem a se qualificar e se conectar ao mercado", diagnostica Assunção. Sem perspectivas de ocupação para os jovens, estes são capturados para atividades ilegais. Desde o início dos anos 2000, a violência na região aumenta ao ponto de, em 2019, a taxa de homicídios ter sido 70% superior ao restante do Brasil. "Essa violência inibe investimentos e fomenta um ciclo perverso de pobreza, violência e baixo crescimento econômico", observa Assunção.

O PARADOXO

Em meio ao alarmante quadro da devastação predatória da maior floresta do mundo, a boa notícia reside no paradoxo que emerge das mazelas e crimes ambientais ali cometidos: cada elemento que hoje representa revés à floresta tem potencial para se tornar a base da sustentabilidade da região. "O desmatamento é o primeiro e maior dos problemas. Mas, ao mesmo tempo, é a base para pensar a solução", indica Beto Veríssimo. "A começar pelo fato de que é possível pensar no aumento de produção agropecuária apenas utilizando-se áreas já desmatadas, que estão abandonadas ou subaproveitadas. Ao mesmo tempo, parte do que se desmatou precisa voltar a ser floresta, inclusive por razão econômica. Existe um mercado de carbono que paga para você plantar floresta. E plantar floresta é mais rentável do que criar boi", aponta Beto Veríssimo.

Sob a estrita ótica da racionalidade econômica, o florescente mercado global para a captura do carbono é mais promissor do que a atividade agropecuária. Segundo estimativa de Juliano Assunção, a recuperação da floresta amazônica pode aportar para a região algo em torno de 18 bilhões de dólares até 2031: "Temos um estudo com simulação que indica que, sob as regras da coalizão LEAF (Reduzindo as Emissões por Aceleração do Financiamento Florestal), é o que teríamos ao valor de 10 dólares por tonelada de carbono, se reduzirmos o desmatamento até 2030. Esse é um processo, que já deveria estar deslocando a atividade pecuária". A coalizão LEAF é uma parceria público-privada, lançada em 2021 pelos governos da Noruega, Estados Unidos e Reino Unido, junto a um grupo de grandes empresas privadas. "O Brasil tem potencial para fornecer créditos de carbono florestais de alta qualidade. E esses preços podem subir ainda mais. Se chegarem a US$15 por tonelada de CO_2 no período entre 2027-2031, o retorno para a região pode alcançar 26 bilhões de dólares. O desafio é como a gente estrutura o mecanismo para que esse potencial se realize", afirma o economista. Adicionalmente, o fim do desmatamento poderá promover o Brasil em uma potência ambiental, destino preferencial do promissor mercado de carbono. Nas palavras de Beto Veríssimo: "O racional econômico é parar o desmatamento e aquilo que já foi desmatado, recuperar plantando de novo a floresta. E isso é uma ação ambiental, mas é também econômica, pois existe mercado gigantesco para captura desse carbono".

A massa de desempregados, principalmente jovens, presente na Amazônia Legal, é por fim, o terceiro elemento do paradoxo amazônico, com potencial para se transformar em variável de desenvolvimento sustentável. "O que podemos aprender de uma agenda de inserção produtiva de jovens na Amazônia, em que vamos tirar proveito da combinação entre capacitação profissional, acesso à internet e maneiras de conectar os jovens ao mercado de trabalho é muito mais promissor do que qualquer atividade voltada ao desmatamento, que é atividade ilegal, que deteriora o ambiente de negócios e de investimento", considera Juliano Assunção.

QUINHO

ENTREVISTA/Beto Veríssimo (Engenheiro agrônomo, pesquisador sênior e co-fundador do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia)

"Na Amazônia o papel do governo é decisivo e o setor privado, por enquanto, é complementar"

Quais são os desafios para a reversão do processo de desmatamento e degradação da Floresta Amazônica?

Trata-se daquilo que nós pesquisadores denominamos de o "paradoxo" da Amazônia. São três grandes problemas que, ao mesmo tempo, são a base para a solução. O primeiro é que a Amazônia tem desmatamento acumulado nos últimos 50 anos muito grande; 60% da área desmatada estão subaproveitados, com pecuária de baixíssima produtividade; 30% estão abandonados (desmatado mas sem uso econômico); e apenas 10% têm uso agronômico. Então desmatamos muito e mal, para nada ou para muito pouco. A grande parte está abandonada ou subaproveitada. Isso significa que no futuro, nesta década e na próxima, não precisa desmatar nada para produzir. Ao mesmo tempo, parte do que desmatou precisa voltar a ser floresta, por razão econômica inclusive, pois existe um mercado de carbono que paga para você plantar floresta. Então plantar floresta é mais rentável em muitos casos do que criar boi. Então o racional econômico é de parar o desmatamento e daquilo que já foi desmatado, recuperar plantando de novo a floresta. E isso é uma ação ambiental, mas é também econômica, pois existe mercado gigantesco para captura desse carbono. Quando você queima madeira na floresta, toda aquela biomassa vira fumaça, vai para a atmosfera. Num hectare de floresta existem 150 toneladas de carbono. Na Amazônia no ano passado, foram um milhão e 300 mil campos de futebol queimados multiplicados por 150 toneladas cada um. Esse desmatamento contribui para piorar o balanço de carbono no Brasil – a Amazônia hoje emite metade do carbono do Brasil todo – e contribui para perdas de vida da biodiversidade.

A qual instituição cabe, em sua avaliação, a coordenação desse processo para a recuperação da Amazônia?

Ao governo federal, sempre. A Amazônia representa quase 60% do território nacional e é outro Brasil. Tudo o que você pensar do Brasil, na Amazônia é diferente. Na Amazônia o papel do governo é decisivo e o setor privado, por enquanto, é complementar. Então tudo o que eu falar depende do governo. Tem de desenhar uma política, os agentes econômicos entram a partir do momento em que o governo coordena. Qualquer solução da Amazônia parte do governo, diferentemente por exemplo de Minas Gerais, em que as terras estão privatizadas, sabemos a quem pertence a maior parte de cada pedaço de chão. O papel do governo em Minas é importante, mas não é único.

Que avaliação faz da atuação do governo Bolsonaro nos últimos quatro anos na Amazônia e o que é possível esperar do atual governo?

O governo Bolsonaro foi desastroso para a Amazônia: aumentou o desmatamento, aumentou o garimpo, a extração ilegal de madeira, aumentou queimadas e a ilegalidades. O Bolsonaro tinha um projeto claramente anti-Amazônia. Ele explicou, reiterou inúmeras vezes que ele não ia combater o desmatamento. Então era inimigo da floresta. Os problemas pioraram e pioraram muito. Acho quase impossível piorar como ele piorou. Todos os outros governos que já passaram, desde Sarney - José Sarney, Collor, Itamar, Fernando Henrique 1 e 2, Lula 1 e 2, Dilma 1, 2 e Temer, todos os governos em diferentes intensidades procuraram combater o desmatamento. O único governo que jogou contra a floresta foi o de Bolsonaro. Então, pelas escolhas feitas pelo governo Lula até agora, os compromissos assumidos e pelos pronunciamentos que fez nas conferências e as ações já tomadas, mostram que claramente que foi dada guinada expressiva em relação ao governo Bolsonaro. E acho que qualquer outro candidato eleito faria o mesmo em tons diferentes. Todos os governos democráticos sabem que a destruição da Amazônia é algo irracional. Isso prejudica profundamente o Brasil, desde a imagem do Brasil no mundo, inclusive as nossas relações comerciais com o mundo corriam o risco de ser retaliadas. Inclusive boicote que começou a acontecer na produção de couro bovino: simplesmente não importa se a fábrica, o curtume está no Rio Grande do Sul ou na Amazônia. Então a Amazônia virou uma questão existencial.

Amazônia 2030

Iniciativa de pesquisadores brasileiros para desenvolver um plano de desenvolvimento sustentável para a Amazônia Brasileira. Mais informações no site *amazonia2030.org.br*

ALERTA PARA DEVASTAÇÃO DA 'TERRA-FLORESTA'

CHEGA ÀS LIVRARIAS UMA COLETÂNEA DE ARTIGOS DO XAMÃ YANOMAMI DAVI KOPENAWA E DO ETNÓLOGO BRUCE ALBERT, OS MESMOS AUTORES DE "A QUEDA DO CÉU"

BERTHA MAAKAROUN

"Eles não sabem cuidar da floresta e não querem. Contentam-se em pensar: 'A floresta cresceu sozinha, sem motivo, e nós somos os donos da mercadoria, portanto vamos continuar a fabricar ainda muito mais, sem fim!'. Então, cavam o chão, cortam as árvores e queimam tudo ao passarem. Depois disso, todos começaram de repente a falar em 'mudança climática'! Nós, xamãs, escutamos essas palavras dos brancos. Mas não gostamos delas. O que vocês nomeiam assim não vem do nosso rastro na terra! Nós, habitantes da floresta, não a maltratamos. Não a desmatamos sem medida. Toda essa devastação é a pegada dos brancos, o traço deles no chão da terra. (...) Por que estamos preocupados? Se vocês, brancos, matarem a floresta, não serão capazes de criar outra, nova e limpa! Quando tiverem arrancado todas as coisas brilhantes do interior da terra: o ouro, os diamantes, os minérios, mas também os líquidos para fazer o fogo de seus motores, quando tiverem derrubado todas as árvores e matado todos os animais; quando tudo isso tiver desaparecido, a terra vai ficar morta."

Nunca foi tão atual, urgente e necessária à preservação da vida na Amazônia e no planeta a reiterada mensagem do xamã yanomami Davi Kopenawa, evocada em "O espírito da floresta" (Companhia das Letras), com lançamento nacional marcado para o próximo 24 de março. Trata-se de coletânea de artigos assinados por Kopenawa e o etnólogo Bruce Albert – autores de "A queda do céu" (Companhia das Letras, 2015) – no original, "La chute du ciel", obra publicada pela coleção Terre Humaine, na França, em 2010. Revolucionário, o livro transformou o pensamento ecológico contemporâneo ao desconstruir o tradicional conceito de "natureza" que distingue e separa povos humanos de povos não humanos.

"O espírito da floresta" retoma o pensamento xamânico na unidade dos seres vivos que coabitam a terra-floresta. Foi prefaciado pelo filósofo italiano Emanuele Coccia em texto de outubro de 2021, e os artigos de Kopenawa e Albert foram produzidos entre 2000 e 2020, por ocasião de exposições de imagens e sons da floresta realizadas em Paris pela Fundação Cartier em parceria com os habitantes da Watoriki, casa coletiva yanomami. Fundado no saber yanomami, o livro articula uma profunda e ampla trama de diálogos que, evoca, sob diversas perspectivas, o complexo sopro da vida da terra-floresta, assim como as dramáticas consequências ao planeta pela sua destruição.

Ao longo das décadas, em palavras, ações e modo de vida, Kopenawa alerta ao mundo sobre as consequências da devastação da "terra-floresta" e o aniquilamento de seus guardiões, os povos originários, que estão em conexão profunda com todas as entidades vivas e classes de não humanos que a coabitam e também a protegem: rios, montanhas, árvores, plantas, animais, insetos, pássaros, abelhas, tartarugas, caracóis... São os "espíritos da floresta" – os xapiri pë –, que, nas palavras do xamã, para proteger Urihi a, aquilo que os brancos chamariam de "natureza", foram ali colocados por Omama a, o demiurgo yanomami. Como todos os seres vivos, a terra-floresta, além de dotada de uma imagem-essência – Urihinari a – tem no solo a sua pele exterior, na vegetação a sua pilosidade e no frescor da exalação úmida, o seu sopro vital (wixia). Diferentemente da humana, a animação vital da terra-floresta é longa e sustenta a fertilidade, a força de crescimento tanto de sua vegetação como de toda a multiplicidade das formas de vida vibrantes humanas e não humanas, que coexistem em simbiose profunda.

AFP

Vista aérea de região parcialmente devastada no município de Lábrea, no estado do Amazonas

A existência yanomami é de resistência. Na década de 1970, esse povo enfrentou o choque epidemiológico, a violência e a degradação social de suas comunidades da região do rio Ajarani, onde haviam se estabelecido os primeiros colonos, em consequência dos projetos de ocupação da Amazônia, urdidos pela ditadura militar. O território yanomami foi empurrado a um novo tempo de contatos intensos com a fronteira econômica nacional, em especial a oeste daquele que ainda era o território federal de Roraima (só elevado à condição de estado pela Constituição de 1988). Em 1973, um trecho de 235km da BR 210 atravessou a parte meridional desse território, no contexto do Plano de Integração Nacional do governo do general Médici (1969-74). Tratava-se de implementar uma nova política de controle e ocupação também com programas de colonização agrícola ao longo desse eixo rodoviário, em seguida à instalação de mais um plano de desenvolvimento amazônico dos militares, o projeto Polamazônia do governo Geisel (1974-79). Não tardou e a rodovia foi abandonada por falta de financiamento. Mas deixou um rastro de destruição ambiental e mortes.

INVASÃO DE GARIMPEIROS

Mas o pior ainda estava por vir. Ao empreender um inventário sistemático dos recursos minerais, florestais e agrícolas da Amazônia (Projeto Radam), que evidenciou o potencial mineral da serra Parima, centro histórico do povoamento yanomami, o governo militar estimulou uma invasão de mineiros atraídos pela exploração a céu aberto da cassiterita (dióxido de estanho). Nos anos 80, a descoberta de jazidas auríferas aluviais nas terras altas yanomami atraiu à região hordas de garimpeiros (perto de 40 mil) constituindo-se a mais intensa corrida do ouro do século 20: entre 1987 e 1990, noventa pistas de pouso improvisadas foram abertas nas nascentes dos principais afluentes do alto rio Branco. Violência, exploração e assassinato de yanomamis se seguiram a esta invasão, inclusive com um dos atos de barbárie documentado em denúncia do Ministério Público Federal (MPF) de 1993. Em pleno século 21, a denúncia de genocídio contra o povo yanomami domina a pauta internacional. Durante o governo Bolsonaro, a destruição das florestas pelo desmatamento e as queimadas para a instalação de pastos e outras atividades agropecuárias se intensificaram, bem como a venda ilegal de madeira; a contaminação dos rios, pelo uso descontrolado do mercúrio no garimpo ilegal de ouro, cassiterita e outros metais, foi, lentamente, cercando e asfixiando os povos yanomami, que durante a pandemia, já haviam sido largados à própria sorte.

Os cerca de 26 mil yanomamis, moradores de 350 aldeias, ou casas coletivas, onde famílias estendidas partilham o labor e a energia vital da floresta encontram-se em situação de vulnerabilidade similar ou mais grave que na década de 1980. Nos últimos quatro anos, impotentes, assistiram ao crescimento da presença do garimpo ilegal. Armados e em maior número em relação aos habitantes da floresta, os invasores contaminaram os recursos naturais, restringindo o acesso dos povos originários ao seu tradicional modo de vida, carrearam doenças, abusos físicos e sexuais e interferiram em postos de saúde indígenas, impedindo o atendimento e tratamento dos indígenas. "O espírito da floresta" chega, então, em momento crítico para esse povo, para a floresta amazônica e para o planeta.

- **"O ESPÍRITO DA FLORESTA"**
- **Davi Kopenawa e Bruce Albert**
- Tradução de Rosa Freire D'Aguiar
- Companhia das Letras
- 232 páginas
- R$ 59,90. E-book: R$ 29,90
- Nas livrarias a partir de 24 de março

De novo, eleva-se a voz de Kopenawa, para quem palavras como "ecologia" são muito antigas e foram legadas aos seus ancestrais por Omama a. "Os xapiri pë defendem a floresta desde que ela existe. Sempre estiveram do lado de nossos antepassados, que por isso nunca a devastaram. Ela continua bem viva, não é? Os brancos, que antigamente ignoravam essas coisas, estão agora começando a entender. É por isso que alguns deles inventaram novas palavras", afirma Kopenawa. "Ecologia" é uma dessas palavras.

Diante da coexistência e permanente comunicação entre humanos e não humanos na terra-floresta yanomami, o que proporciona e estabelece a etnografia universal do que é vivo, Emanuele Coccia registra no prefácio que os espíritos da floresta, os xapiri pë, já possuíam a ecologia quando os brancos ainda não falavam nisso e antes de os brancos lhe darem esse nome. E prossegue: "Aliás, é só porque esse saber não pertence simples e exclusivamente ao povo e à cultura yanomami mas a outro 'povo', composto por 'outras' realidades, que Kopenawa poderá dizer que 'nascemos no centro da ecologia e nela crescemos'".

- **"O DESTINO DA FLORESTA: DESENVOLVEDORES, DESTRUIDORES E DEFENSORES DA AMAZÔNIA"**
- **Susanna Hecht e Alexander Cockburn**
- Tradução de Rosa Freire D'Aguiar.
- Editora Unesp
- 399 páginas
- R$ 94

Os desenvolvedores e os destruidores

A Amazônia pode se transformar em deserto literal e moral: uma terra de indígenas exterminados, povos da floresta expulsos, milhões e milhões de acres pastagens degradadas e rios envenenados. Tal é a distopia provável, desencadeada a partir do "holocausto ambiental", não previsto, mas que se pôs em curso a partir do projeto da ditadura militar de "inundar a região com civilização", que desencadeou processos de uso e ocupação predatórios.

A avaliação é da geógrafa Susanna Hecht e do jornalista Alexander Cockburn, autores de "O destino da floresta: desenvolvedores, destruidores e defensores da Amazônia" (Editora Unesp). Publicada em 1990, nos Estados Unidos, a obra consolidou-se como uma marcante narrativa sobre a história social da Amazônia apresentada internacionalmente. Sob o título original "The fate of the forest" (The University of Chicago Press), com última edição atualizada de 2010, o livro finalmente chega ao Brasil, abrindo ao leitor detalhada contextualização histórica da região.

Com sólida pesquisa bibliográfica, o livro percorre um longo trajeto: das populações pré-colombianas e corrida pelo ouro dos conquistadores, nos séculos de escravidão, aos esquemas das ditaduras militares nas décadas de 1960 e 70 e, mais recentemente, às novas economias globalizadas da soja e carne bovina brasileira que avançaram sobre o território da floresta, ainda que um novo mercado de créditos de carbono emerja com potência, ampliando o valor da floresta viva. "As estruturas e os recursos da região encorajaram as incursões de espoliadores de curto prazo – a nobreza em Lisboa, ou os bandeirantes, ou os fazendeiros em São Paulo, os barões da borracha em Paris – que, depois, desfrutavam de suas riquezas em outros lugares", afirmam os autores.

A luta pelo futuro da Amazônia diz respeito à justiça e à distribuição, destacam Hecht e Cockburn. "Nas batalhas pelo futuro da Amazônia já houve vitórias, e assim como a grande rebelião da década de 1830 levantou líderes dos barracos mais humildes da região, agora as lutas mobilizam líderes autênticos, seja Paiakan ou Chico Mendes, ou centenas de outros líderes sindicais rurais, o clero, advogados, defensores que veem a luta pela justiça como a principal preocupação, a defesa do todo como a chave para o triunfo", afirmam, entendendo estar nas lutas e mobilização social dos povos da floresta e movimentos sociais o ponto de inflexão no panorama de destruição da floresta que tem ainda, como aliada, o mercado emergente dos créditos de carbono e a consciência internacional do aquecimento global.